

Já talice, com que outros afirmamos que aqui está perdido, nada há que se possa compreender nem desculpar. Na megafonia patriótica há somente hipertrofia da vaidade; mas no pessimismo tudo é anulação da consciência e da vontade, tudo é degradação moral. Todo o pessimista é um doente perigoso, porque a sua doença tem uma prodigiosa expansão de contágio. E quando esse doente dispõe de um meio ativo de propaganda, uma tribuna no parlamento, uma coluna de jornal, uma cadeira de academia ou de liceu, a sua existência e a sua permanência no apostolado são calamitades sociais de perniciosíssimo alcance. Se a sociedade, para se defender, isola os variolosos, ou tuberculosos, e os dementes atacados de delírio sanguíneo, — também deveria sequestrar os pessimistas, que propagam por contágio e imitação o desengano e a inércia. Seria uma sociedade condenada a morte próxima e inevitável, pelo apodrecimento moral, aquela em que os acéticos fossem a maioria.

A primeira manifestação do pessimismo é o desrespeito, a negação do mérito, do esforço, da virtude. O pessimista, admitindo, por debilidade moral, que todo o esforço é vão e toda a dedicação é virtude inútil, não compreende que qualquer ato de outro homem possa ser sincero e desinteressado; para ele, todo o labor em prol de uma idéia e grosseiro desejo de provento pecuniário, todo o serviço a uma causa é cálculo baixo, toda a censura é despeito, todo o louvor é injúria, todo o apelo é venalidade. Incapaz de amar, o pessimista não compreende o amor; incapaz de trabalhar, não concebe o trabalho; incapaz de subir e brilhar, não perdoa a ascensão e o esplendor; é um espírito mutilado, que, com a perda do órgão de que foi privado, perdeu a noção das funções inerentes a esse órgão; e, sendo uma fonte perene de desconsolo, de irritação, de má vontade, é um instrumento de difamação e de ingnomia.

Mas o que há de mais triste é que nem sempre os descrentes são verdadeiros enfermos. Alguns são simuladores de descrença, fanfarrões do desânimo, bazofiares da apatia, possuídos da ridícula ambição, tão própria de almas insignificantes, de espantar os seus contemporâneos com a estranheza escandalosa de palavras ou de gestos, que lhes possam dar um destaque espetaculoso no meio em que vivem. Esses fingidos pessimistas amam, crêem, vibram, e esperam, como qualquer homem normal; mas escondem amor, crença, vibração, esperança sob uma camada de falsa indiferença, porque a moda pretende singularizar-se e cebrizar-se, afirmando a sua superioridade física, a sua completa libertação das idéias e das paixões vulgares, a sua perfeita ataxia diante dos sofrimentos comuns.

Triste superioridade seria essa, se fosse real! Seria a apótese da incapacidade, o endeusamento do automatismo, a magnificação da inércia, a glorificação do suicídio!

Mas a verdade é que toda a força e toda a verdadeira superioridade são confiantes e exaltadas. O ceticismo é a debilidade e a esterilidade. Só o entusiasmo é forte e criador. A vida é um entusiasmo perene. O Universo palpita, canta perpétuamente, numa jubilosa e arcaica agitação que nunca se enfraquece. A vida é uma fumaça imorredoura, anima a infinita variedade dos seres e das cousas. Tudo é entusiasmo no cosmos: a luz, o som, a cor, perfume, a cintilação das estrelas, o rolul das planetas, a conflagração fecunda das nebulosas, a voz das águas e dos ventos, rugir das furnas, o hino dos ninhos, o ar dos vulcões, o movimento da selva nas árvores, o correr atropelado do sangue do corpo animal.

Nutri, conservai, robocel cada vez mais, meus irmãos. o vó entusiasmo! Evitai

e fusti o ceticismo e o pessimismo, que são as duas manifestações primordiais da debilidade corporal e da esterilidade mental!

Evitai com prudência a falta do nativismo cego, mas também repeli com horror o embrutecimento do negativismo absoluto. Entre o delírio das grandezas e a apatia da demência, entre a megatomania patriótica e o apatritismo envelhecido, há um meio termo em que reside a soberana e clara virtude: o justo e sagrado amor da pátria, não cego, egoísta, irresponsável como o sentimento com que a crença inconsciente adora a mãe que a aceita e amima, mas raciocinado e profundo como a veneração com que o homem já feito respeita e venera aquela que lhe deu o ser, adorando nela o poder criador, a generosidade nutriz, o exemplo fértil da bondade e do desinteresse.

O verdadeiro patriotismo não é o amor dos negócios rendosos que no zelo da pátria podem dar a riqueza e a independência; não é a interessada gratidão pelas honrarias que dentro dela se podem granjear; não é também o embevecido êxtase, ingênuo e fútil, diante da beleza das suas paisagens, do esplendor do seu céu, da uberdade do seu solo. É, sim, um amor elevado e austero, que reconhece os defeitos da pátria, — não para amaldiçoá-los ou para rir deles, mas para perdoo-los, estudá-los e corrigi-los; é um amor que geraiza mais no meio moral do que no meio físico, e vai procurar a sua senuitritiva no âmago longínquo do passado, no sacrossanto humus das origens da raça, da língua, da história, e no padecimento obscuro, apagado, anônimo das gerações que antes da nossa viveram, suaram e pensaram na terra que servimos e adoramos! Este é o patriotismo com que deves de ora em diante honrar a nossa terra.

A nossa terra, pela minha voz, hoje vos sauda e abençoa. É hábito, no fecho destas orações de saudação, dizer aos que vão encetar a vida pública: "Sede felizes!". Mas prefiro dizer-vos: "Sede enérgicos, tende confiança em vós mesmos! sede justos; colocai sempre o sentimento da justiça acima do vosso amor próprio! sede modestos! não acrediteis que o vosso esforço isolado possa tudo fazer, e considerai-vos apenas como parcelas valiosas, mas não onipotentes, da comunhão, porque só o trabalho comum é forte e invencível! e sede tolerantes! quando em consciência vos julgardes ao lado da boa causa e da justiça, defendei sem vacilação as vossas idéias, mas não maltrateis as opiniões alheias, porque muitas vezes um só minuto de tolerância e de cordura é mais eficaz do que todo um século de brutalidade e violência! E trabalhai, trabalhai sem repouso, sem desfalecimento, em bem da vossa terra e da vossa gente!"

Assim sereis felizes, ainda que depois de largos anos de luta envolheais ignorados e sem prêmio, ainda que a ingratidão e a calúnia vos assaltem, ainda que vejais desconhecido o vosso merecimento e incompreendido o vosso labor. O que constitui a nossa felicidade não é a recompensa do bem que fazemos: é esse próprio bem que fica feito. Só é verdadeiramente infeliz quem atravessa a vida como sombra inútil, sem deixar

"Oh! bendito o que semeia livros... livros a mancheia e manda o povo pensar! O livro, caindo n'alma, é germen que faz a palma, é chuva que faz o mar!"

Castro Alves

O TEMPO

Deus pede estrita conta de meu tempo;
E' forçoso do tempo já dar conta;
Mas como dar sem tempo tanta conta,
Eu que gastei sem conta tanto tempo?!

Para ter minha conta feita a tempo,
Dado me foi bom tempo e não fiz conta;
Não quis, sobrando tempo, fazer conta,
Quero hoje fazer conta e falta tempo...

Oh! Vós que tendes tempo sem ter conta,
Não gasteis esse tempo em passatempos;
Cuidai, enquanto é tempo, fazer conta.

Mas ah! se os que contam com seu tempo
Fizessem desse tempo alguma conta,
Não choraram sem conta o não ter tempo!

LAURINDO RABELO

Cinelândia Granberyense

- 1— "As portas do inferno" — os gabinetes dos diretores.
- 2— "Até que a morte nos separe" — Lucy e Firmino.
- 3— "O solar das almas perdidas" — a enfermaria.
- 4— "Perdido nas trevas da noite" — Gibi.
- 5— "Ela foi e não voltou" — Gilda.
- 6— "A esperança não morre" — a piscina granberyense.
- 7— "O despontar do mundo" — quando bate o triângulo.
- 8— "Esta é fina" — Doracy Franco.
- 9— "O manda-chuva" — Professor Bergo.
- 10— "Chutando milhões" — D. Antonieta Bastos.
- 11— "Matar para não morrer" — na banana.
- 12— "Sua Alteza quer casar" — Maria A. Teixeira (que medô ô ein Paulo!)

Hélio

após si um trabalho de arte que delicia algumas almas, um progresso científico que melhora as condições da humanidade, uma tentativa em bem da paz e da ventura da espécie, ou, ao menos, um consolo dado ao infelizmente geral, uma boa ação anônima e desinteressada, uma só palavra de amor e de piedade que mantenha o entusiasmo e a esperança dos seus semelhantes.

FAÇA UMA VISITA
A LIVRARIA

«CASTRO ALVES»

E FIQUE SEU FREGUÊS

SONETO FEITO POUCO ANTES DA MORTE

Pequel, Senhor; mas, não porque hei pecado,
Da vossa alta piedade me despido:
Antes, quanto mais t. nho delinqüido,
Vos tenho a perdoar mais empenhado.

Se basta a vor'rar tanto pecado,
A abrandar-vos sobeja um só gemido:
Que a mesma culpa, que vos há ofendido,
Vos tem para o perdão lisonjeado.

Se uma ovelha perdida, já cobrada,
Glória tal e prazer tão repentino
Vos deu, como affirmais na Sacra História.

Eu sou, Senhor, ovelha desgarrada:
Cobrai-a e não queirais, Pastor Divino,
Perder na vossa ovelha a vossa glória!

NOTA—Gregório de Matos Guerra, o grande satírico baiano cognominado "Bôca do Inferno", também se penitencia neste soneto dos desregramentos de sua vida.

Retalhos...

Hoje, como nunca, arde em mim a volúpia de escrever.

Sinto-a a devorar-me as entranhas, qual um tumor maligno o estômago putrefeito de um homem canceroso.

Escrevo, pois, para saciá-la, se bem que assim, tenho certeza, não minorarei as causas que levaram meu ser a tão estranha volúpia.

Meu cérebro é uma imensa caldeira, onde o carvão do pessimismo se despeja intermitentemente.

Qual Nero a apreciar a fogueira que de Roma fizera, minha consciência, "de camarote", às gargalhadas, ridiculariza minha dor, zomba de meu desespero, ao executar com dedos ágeis a Dansa Macabra do Fogo.

— Pára, pára, não posso suportar-te mais! — gritava meu coração despedaçado. Porque me atormentas, consciência vil e covarde? Tu és a única culpada do que ora padeço. Porque me abandonaste, quando mais precisava de ti? Porque me deixaste amar a tão encantadora criatura?

— Homem inconsciente, repito-te: "a mulher é escrava do prazer; sê teu senhor. Ela é rainha do amor; não sejas teu escravo. O homem que ama é um conquistador vencido por sua conquista. Goza a mulher, não a ames nunca. O amor é a escravidão; toda liberdade perece nêle. Sê livre, pois o homem que não é livre não é homem; sê Homem."

— Cala-te, vil plagiadora de Vargas Vila. Que entendes tu de amores para com tanta ênfase repetir o que disse aquêle, numa explosão de revolta ou num arroubo de lirismo?

— Realmente não sei nada. Con-



"DIA DO GRANBERYENSE"
Nosso Reitor, Prof. Vittorio Bergo, saúda os Ex-Alunos no almoço de confraternização dos Granberyenses, realizado no Internato Feminino a 8-9-947

frontando com o amor, êste me sobrepua e se assenhoreia de ti. Contra êle sou impotente, se bem que, por vêzes, logro vencê-lo. Queres um conselho? "Esquece que ontem não lograste a recompensa que merecias. Sê feliz!

Não lamentes nada, nem esperes nada. Lembra-te de que a vida é um livro que o vento da eternidade folheia ao acaso".

Hélio Pontes

BANDEIRA DO BRASIL

Antonio Carlos de Oliveira Mafra

Bandeira, linda bandeira,
Que da terra brasileira
Es a imagem tão feliz;
No manto das tuas côres
Refletem-se os esplendores
Do nosso grande país!

O verde das nossas matas,
Que no teu fundo retratas,
É, também, nossa esperança;
E o teu losango de ouro,
É todo o nosso tesouro,
Do nosso solo a bonança!

No lugar da cor vermelha
Que tem da guerra a centelha
E mil infortúnios traz,
Tens do branco a doce alvura,
Que é um hino de ternura,
O nosso anseio de paz!

A via-láctea, que desce
Cortando o céu em quermesse,
É uma nebulosa imensa...
E, na grande esfera azul,
Inda o Cruzeiro do Sul
Simboliza a nossa crença.

Das estrelas, fulgurantes
Como esplêndidos diamantes,
Uma é a confederação;
As demais são o emblema
Dessa aliança suprema
Dos Estados da União!

E, da faixa no recesso,
Lemos "ORDEM E PROGRESSO",
Nosso lema varonil;
Ostentando essa legenda,
Segue, altivo, a tua senda,
O teu destino, BRASIL!

Paula Nei entrou certa vez em um restaurante de segunda ordem e pediu o cardápio. Depois de correr-lhe os olhos, voltou-se para o garção:

- Traga-me uns erros de ortografia!
- Cá não há disso, meu "senhoire"...
- Mas a carta está cheia deles...



"DIA DO GRANBERYENSE"
Alunos e Ex-Alun confraternizam no intervalo de renh' embate de b...
1947

O destino

Prof. DEL LHANO

"Nunca vos deixeis esmagar pela consideração da vossa fraqueza, das vossas faltas. Se com firmeza retiverdes o vosso ideal e se lutardes corajosamente por atingi-lo, sereis poderosamente auxiliados na elevação até esse ideal. Crêde, do fundo da alma, que sois capazes de fazer tudo que é preciso".

Cada ser é o construtor do seu próprio destino neste planeta, traz dentro de si o material preciso para chegar ao mais alto grau de superioridade. Aquêles que sabe desta maravilhosa verdade, torna-se competente, sabe querer e sabe concentrar tôdas as suas forças em prol de um elevado ideal.

O pensar que cada indivíduo nasceu com um caminho traçado pela Divindade e que só poderá chegar a ser aquilo que o Ser Supremo determinou é o mais forte veneno que na atualidade está atacando um grande número de pessoas, é a causa da maior parte da pobreza existente e da falta de energia e ânimo em um elevado número de moças e moços que poderiam conquistar melhores lugares nas atividades sociais.

O Supremo Poder deu a cada indivíduo a faculdade de traçar a sua própria senda neste mundo; êle será aquilo que quiser ser, se para isso fizer os necessários esforços. O pensamento é a chave do caminho que quisermos abrir entre os escolhos do grande oceano da vida, é a causa de tudo quanto fazemos, porque tudo se forma primeiramente no pensamento, que é o mundo invisível; depois, se tivermos a necessária energia, se transportará para o mundo visível; o mundo invisível é o das causas e o visível o dos efeitos; a natureza do efeito sempre está determinada pela natureza da causa.

A vitória em qualquer ideal depende de haver uma perfeita harmonia entre o querer e o pensamento; quem quiser ser vitorioso em alguma coisa e pensar que há de fracassar, certamente falhará, porque o seu pensamento está em desarmonia com a sua vontade.

Nesta palavra — A JUSTIÇA — cabe quase inteira a noção da nossa felicidade na terra. É a substância da civilização, a essência da sociedade, a síntese da política cristã. As nações medram ou desmedram segundo a sabem guardar. — Rui Barbosa.

Na Itália há muitos dialetos, mas a língua oficial é a de Dante, que escreveu em "sienês" (de Siena, cidade pequenina, perto de Florença).

"dona", que já não traz no rosto o encanto dos primeiros tempos, uma fonte de nova inspiração.

Pasteur, que se escravizou à ciência para libertar a humanidade, teve na esposa um manancial farto de inspiração. Era êle muito distraído. Pocas vezes procurava tempo para beijar a companheira e acarinhá-la os filhos. Aquela, porém, não se melindrava com isso, pois sabia compreender a missão para a qual Deus o destinara. Sabia que debaixo do seu teto estava um farmacêutico obscuro, um químico sem renome; mas se ela o inspirasse e ajudasse, seria mais tarde hóspede do Imperador Napoleão III, faria conferências na Sorbone, prefeccionaria diante da Princesa Matilde e de certos doutores vaidosos da Europa, seria o pai da microbiologia. E realmente o foi.

Quantas vezes, depois de pôr as crianças na cama, a desoras, desceu para o laboratório do espôso, a fim de copiar, com letra primorosa, as garatujas dos cadernos de apontamentos científicos de Pasteur! Grande companheira! Pasteur poderia dizer: "Foi ela, só ela, a dona da causa de minha inspiração."

Machado de Assis exclamou, ao perder a idolatrada Carolina: "Morreu a minha memória!" E pouco produziu depois disso...

Cante, Valdemar! Cante: "Foi ela, só ela, a dona da causa de minha inspiração." E' formoso o estribilho, faz-nos bem, retrata um lado bom da nossa vida de sonhos e de realidades.

Augusto Gotardelo

(De "O que o rádio me contou e fez sentir", livro em preparo.)

DOMINGOS CALDAS BARBOSA foi dilecto poeta popular, no século XVIII, distinguindo-se como improvisador. Do seu tempo é o padre Antônio Pereira de Sousa Caldas, intelectual de merecimento, que Camillo Castelo Branco considerou "poeta superior e o maior que tiveram portugueses na poesia sacra". Talvez o conceito em que erigido o padre Caldas nas rodas elevadas inspirou a Domingos, areadamente chamado Lereno, esta quadra:

"Tu és Caldas e eu sou Caldas,
Tu és rico e eu sou pobre;
Tu és o Caldas de prata,
Eu sou o Caldas de cobre".

DR. ELIR HENRIQUES DE MENDONÇA

Cirurgião Dentista

Consultório: R. Halfeld, 530—Sala 1 — Telefone, 3278
Residência: R. Delfim Moreira, 212 Fone, 1111 ★ Juiz de Fora—Minas

Órgão oficial da Administração e dos Alunos do Instituto Granbery e da Associação dos Granberyenses.

Diretor — Prof. Vitorino B. Igo
Redatora-Tesoureira — Profa. Antonieta X. Bastão (AG)

Redator-Secretário—Júlio Pontes (DAIC)
Redatores: Sebastião Marcolino Ribeiro (CTE) e Israel Abranchos (TEO)

Toda matéria destinada à publicação, ainda que tenha pseudônimo, deve ter a assinatura do autor.

A direção não se responsabiliza pelos conteúdos emitidos em artigos assinados.

Não se devolvem autógrafos, ainda que não publicados.

Assinatura anual — Cr\$ 10,00.

Redação e administração: Instituto Granbery — Rua Batista de Oliveira, 1145 — Juiz de Fora — Minas.

PRESTIGIE a publicação de seu colégio, assinando-a. A importância de Cr\$ 10,00 é módica e dá-lhe direito a receber "O GRANBERYENSE", agora mensal, durante um ano. Envie logo, pois a quantia de sua assinatura, se o desejar, mande-a acrescida de uma oferta especial, que redundará no seu melhoramento. Mas lembre-se de que o que é pouco para o contribuinte é muito para esta folha, que espera somar muitas contribuições...

Fonte de inspiração

A voz doce e cheia de sentimentos de Valdemar Reis enche a saleta em que me encontro: "Foi ela, só ela, a dona da causa de minha inspiração." Enquanto o aplaudido cantor vai estribilhando essas palavras significativas, medito calmamente: Cada um de nós tem uma "dona" que também é causa de grandes inspirações.

Camões lembra Natércia. Dante invoca o nome luminoso de Beatriz. Abelardo já não vive sem Heloísa. Gonzaga e Marília formam a capa colorida de um romance de amor que enriquece as páginas da história mineira. Gonzaga via suavizar-se a luta da magistratura e sentia-se inspirado, quando pensava na grata companhia de Marília de Dirceu:

"Enquanto resolver os meus consultos,
Tu me farás gostosa companhia,
Lendo os fatos da sábia mestra história
E os cantos da poesia.

Lerás em alta voz a imagem bela;
Eu, vendo que lhe dás o justo aprêço,
Gostoso tornarei a lêr de novo
O cansado processo."

Ainda depois de casado, cercado de responsabilidades, longe das ilusões da juventude, o homem tem numa

Amizade tabernária e
amizade utilitária

J. A. MACKAY

Sendo a experiência da amizade de valor espiritual incalculável, causa profundo pesar e até ira santa o encontrar tantas paródias com seu nome sagrado.

A primeira paródia da amizade é a que um escritor chileno denominou "amizade tabernária". Referia-se ele aos encontros casuais ou às reuniões que se dão por grupos de conhecidos, nas tabernas, clubes, cafés, cabarés ou outros lugares públicos. Nenhum nome existe entre os amigos "tabernários" além do desejo comum de matar o tempo, de tomar uns copos, de contar pilherias um tanto escabrosas, de maldizer o próximo, de fazer farra. Não se conhecem intimamente; até têm medo de descobrir-se uns aos outros. Apenas se conhecem a si mesmos. Todos usam desfaçoes, para que os companheiros não lhes vejam as feições. "Toda a gente é máscara e todo o ano é carnaval", intitulou Mariano José de Larra a uma famosa sátira. Esta expressão encarna bem a atitude e os ideais dos amigos "tabernários". Ao chegar um deles a passar por um transe difícil, não vai aos companheiros carnavalescos pedir-lhes ajuda ou conselho, pois bem sabe que seria contraproducente fazê-lo. No dia em que qualquer deles nada tiver para contribuir para a farra, os demais o desprezarão. Que vá bailar em outra parte!

A outra paródia da amizade poderia dar-se o nome de "amizade utilitária". É a daqueles para quem todo "amigo" é uma conveniência, um meio atual ou potencial de facilitar-lhes os interesses. Para eles, a vida, ainda mesmo o que há de mais sagrado, se reduz a uma espécie de pesca, a pesca de favores, honras, posições, lucros. E como o modo mais rápido e seguro de poder alcançar estes objetos é contar com o apoio de "amigos de influência", dedicam-se a buscar amizades, valendo-se para isso de todos os meios ao seu alcance. "Uma pessoa deve encontrar-se em má situação, para recorrer a um amigo", dizia um rifão grego. Os amigos utilitários cumprem com perfeição este espírito já que buscam amigos não por necessidade espiritual, mas pelo afã material de explorá-los.

Quando tais amigos, por qualquer circunstância, não podem ou não querem servir mais aos interesses dos que lhes professam tanta amizade, estes os hostilizam ou os apagam da memória.

A amizade utilitária começa a constituir ameaça para a moralidade pública. Distribuem-se os cargos não pelos méritos pessoais dos candidatos, mas pelo número de "amigos" que possuam. É mister haver normas tão objetivas e impessoais para o preenchimento de empregos públicos, que só os

Gracias a excelente revista "Digesto Económico", editada sob os auspícios da Associação Comercial de São Paulo e da Federação do Comércio do mesmo Estado, O GRANBERYENSE tem a satisfação de proporcionar aos seus leitores a brilhante oração de paraninfo pronunciada por ocasião da formatura dos bacharéis em ciências e letras do Granbery, em 1905.

Tal discurso, publicado em primeira mão pela referida revista, em seu número 35, de outubro de 1947, foi feito de improviso, mas, graças à taquígrafia, pôde ser perpetuado, para gáudio de quantos, conhecidos do valor moral e cultural de David Morethson Campista, — grande abolicionista e republicano, notável estadista e diplomata — estarão em condições de sentir o significado do fato e o alcance das palavras que o rememoram.

Passemos, pois, ao discurso, tal qual o publicou o "Digesto Económico", a que manifestamos nosso real reconhecimento pelo prazer que nos proporciona:

"Há, diz o orador, por entre as alegrias saudáveis desta cerimônia, em que a inteligência e o coração solenizam o seu aperfeiçoamento pelo trabalho, alguma coisa que está a pedir o amparo da vossa simpatia e o bálsamo do vosso perdão.

É a presença do orador naquela tribuna onde mais se aclara e avigora a consciência da sua fraqueza, vencida pela espontânea generosidade das congregações do Instituto Granbery, cuja munificência quis estender-se até a humildade do orador para dar-lhe o imerecido realce daquele instante.

Mas não podia o orador optar pelo silêncio, fugir ao apêlo que lhe vinha daquele centro luminoso de educação, daquela terra em que desabrocham vitoriosas tôdas as forças vivas do Estado, daquela cidade risonha e culta que o orador revê e encontra sempre entre as mais caras recordações da sua meninice.

E aquela era a mais nobre das tribunas, o púlpito do educador, erguido ali como num templo, num sacrário de esperanças que era aquêle conjunto de almas em flor abertas ao orvalho vivificante da palavra dos mestres, à doçura dos conselhos, à luz bendita da ciência e do dever.

O orador tem o vivo sentimento das responsabilidades que lhe pesam naquele momento em que se congratula com os seus

alcançarem os de verdadeira capacidade e vocação. Em todo o caso, nunca se deve invocar o nome sagrado da amizade para a concessão de posições ou privilégios aos que não os mereçam pelas próprias qualidades. ("O Sentido da Vida")

jovens ouvintes pelo encorajamento feita dos seus trabalhos escolares.

É a tarefa de um missionário do bem, tão grave e tão fecunda que, em circunstâncias semelhantes, inspirou ao chefe da mentalidade brasileira estas frases lapidárias: "Quando a minha tarefa deste momento se me antolha sob esta feição alguma coisa passará por mim como de clima, religiosamente. A fronte do sacerdote se verga para o cálice consagrado. A do lavrador para a terra. A do que espalha o grão da verdade, para o sulco aberto nas consciências novas. E todos os três receberam ordens sacras. Todos concorreram para a fecundação do universo. A hóstia, o arado, a palavra, correspondem aos três sacerdotes do Senhor. Mas a suprema santificação da linguagem humana, abaixo da prece, está no ensino da mocidade. O lavrador deste chão dêra amanhã-lo de joelhos. Crêde que me acho realmente sob esta impressão, como se, ao receber dos braços da minha companheira um filho recém-nascido, uma voz interior me segredasse: Purifica teu hálito, que lhe vai insuflar a vida ou a morte".

Se o orador não pode dar aos seus ouvintes as fulgurações de uma palavra que os seduz, o respeito que deve à pureza do espírito juvenil deles, assegura a absoluta sinceridade com que lhes fala, despreocupado de tudo o que não seja fortalecê-los no sentimento do dever e na prática do bem.

Esse é também o papel da escola, que não deve cuidar somente do cultivo da inteligência dos seus discípulos, mas continuar e aperfeiçoar a tarefa abençoada das mães, que, nos primeiros tempos da vida, lhes formam o coração e o caráter.

A meiga influência dessa obra do mais santo amor há de perdurar na sua alma, que a guardará para sempre — como num sólido envólucro, semelhante àqueles cristais do Oriente em que dorme o puro espírito das rosas mortas. Bastará uma gota da sua divina essência para perfumar-lhes a existência inteira, sejam quais forem as vicissitudes e os sofrimentos que o futuro lhes reserva. E o germen que crescerá com eles. A vida tempestuosa e sofrida de Lord Byron, prendeu-a Castelar em grande parte às desventuras maternas, às desgraças que a fatalidade lhe colocara junto ao berço. "Paltará-lhe, dizia ele, as puras carícias daquele ser que Deus enviou junto ao berço para que, ao abrir os olhos, ocultasse sob as asas do seu amor toda a obscuridade do horizonte em que vamos batalhar para conquistar a morte; daquele ser cujas ora-

Cont. na pág. 4

Uniformes colegiais ▼

Tem grande sortimento de BRINQUEDOS, perfumarias e artigos finos para presentes.

Vestindo-se na A COLEGIAL o estudante toma-se mais elegante —

A COLEGIAL LTDA.

RUA BATISTA DE OLIVEIRA, 457—A — (Edifício Dia e Noite)

— JUIZ DE FORA—MINAS

A COLEGIAL é o único estabelecimento especializado em confecção de uniformes colegiais para moças, rapazes e crianças de todos os cursos e colégios da cidade, assim como de roupinhas para crianças, mantendo para isso profissionais especializados.

Departamento de Educação Religiosa

O Granbery não é uma simples instituição de ensino meramente intelectual. É antes uma oficina de diversas repartições, cada qual esforçando-se para o aperfeiçoamento do objeto em preparo. Cada mecânico tem sua especialidade. Uns são responsáveis pelas peças mais simples, outros, pelas mais difíceis, e todos agem no cumprimento do seu dever com esmero e cuidado.

É belo, à tarde, percorrer os campos esportivos. Vê-se uma onda agitada de camisas de cores, de braços e pernas se movendo, retesando os músculos, ao sol, ao ar puro como se fosse a vida criando a própria vida. Ali e acolá os jogadores de futebol; mais além os atletas arremessando peso, dardo e saltando extensão e altura; adiante ainda o vôlei, o basquete, o tênis. É o desenvolvimento físico ao lado do intelectual. Lá está o nosso Italo Dacorso, ora como sentinela atenta, ora se confundindo com aquela massa irrequieta...

O seu Lulu está sempre nos laboratórios. Disse que os seus cabelos ficaram brancos, não de velhice, mas de tanto lidar com o cloro. Eu acredito, pois há tantos anos o vejo naquele posto! Diante dele milhares de granberyenses desfilarão fazendo experiências, de uma feita com o prof. Joel Ramalho; antes até, com o prof. Massena, cujo retrato atesta a sua passagem pelo Granbery. Lá está ele, sério, como se em pessoa encarasse seus discípulos. De outra feita com o prof. Montes, com o prof. Sarmento... É a prova, os resultados das teorias dos HVROS...

Há também no Granbery o Departamento de Educação Religiosa. Como deve ser complexo e difícil! Vivemos uma hora trágica de cepticismo e indiferença. É a parte mais importante de uma instituição como a nossa que, além da mente, encara os valores morais e espirituais... Educar é formar, é guiar o jovem para assumir a posição elevada de verdadeiro cidadão da pátria e do Reino de Deus. Atingir o melhor, vencer o difícil, separar o mal, deixar que a consciência se ilumine na luz divina do Mestre das almas. Ter atitudes dignas, saber e crer, aprender e sentir, crescer no soma e no espírito. É importante plasmar os caracteres desta forma. Ensinar criando as gerações futuras.

Ministrar a religião não é fazer prosélitos, criar quantidade, implantar autoridade às massas humanas pelo mando, pelo medo, pela imposição. Ensinar religião é construir personalidades; é mostrar o rumo ao nauta incerto; é dar a liberdade e ao mesmo tempo os deveres do homem livre; é colocar como único modelo à frente de cada jovem o verdadeiro arquiteto da perfeição — Cristo Vivo.

Com este espírito tem o diretor de Educação Religiosa procurado tratar os seus alunos nas classes de História Sagrada. O que ele deseja é que cada granberyense seja um fiel imitador do Mestre, o Moço da Galiléia. E só assim podemos esperar um Brasil forte e digno; sem este trabalho de modelagem espiritual formaremos, é certo, os atletas, os cientistas, os intelectuais, mas não daremos à pátria os homens de que ela mais carece — os homens da justiça reta, do amor ao próximo, da moral invulnerável, do cristianismo positivo e prático.

Eis porque o Instituto Granbery mantém o seu Departamento de Educação Religiosa e quer nas meditações matutinas, quer nas assembleias ou nas classes, o alvo é um só — crescer para o alto, crescer para Deus.

O Gabinete de Educação Religiosa fica à disposição dos alunos, onde seu diretor recebe muitas visitas que vão, na maioria das vezes, pedir conselhos, dar e receber uma opinião útil, entabular uma conversa ou ler uma obra de sua biblioteca tão própria para a mocidade.

Creemos que qualquer colégio evangélico ficaria incompleto sem tal Departamento.

Por pouco que realize e sempre bem completado pelo Criador do universo; consagra-se à arte que tanto descuram e que Jesus em faticou com estas palavras:

"Mas buscai primeiramente o seu reino e a sua justiça, e todas estas coisas vos serão acrescentadas".

WITH GOD FOR EVER

HOMEM, pára!
Estás diante de teu PAI!
A terra em que tocas o pé é santa.
Descobre-te e treme qual Moisés
no monte Horeb e no Sinal.
O teu espírito por algo mais suspira
e nos arcanos dos celestes pampas
tua alma descoberta infundos arrebolos
num delírio de místico transporte
entre sóis para outros sóis.

Vês, Saulo capitua,
ao divisar Damasco no horizonte;
o Nazareno embarga-lhe as passadas
e outra senda rebusca pressuroso
a da fé, do perdão e da humildade,
daquele anelo irresistível
de conduzir as almas para o céu,
para a eternidade.

HOMEM, o teu mundo mesquinho de torpesas
apela e exige que te sacrifiques
por um grande ideal.
O lar de Deus é santo e a humanidade é má;
a visão da sarça no horizonte
urge ser renovada
porque o Pai dos céus presente está.

Como o coração do moço enamorado
Quer outro coração tão semelhante ao seu,
assim a alma que é divina
quer amar,
quer sentir e palpitar
junto ao supremo SEI que a concebeu.

Quebra o ídolo que fizeste!
Porque quebraste já a lei bendita.
Fala a sós com Ele que te fala;
põe na mente o profeta, o maior dos videntes
o Elias glorioso e imortal,
que no monte Carmelo
fulmina a idolatria
dos quatrocentos profetas de Baal.

Rubidas flamas, ignívomos sinais
descem como resposta
à oração do verdadeiro santo
que enamora solitário o Eterno
e sabe confiar em seu poder.
Tu também poderes
nesta era de mistificações,
de sinais escatológicos,
invocá-lo com fé
para o Fogo descer.

A crença verdadeira
É o entrelaçamento
do teu coração
ao dêsse Pai de amor.
Ele te ouve quando a sós lhe falas;
deves ouvi-lo atento mais e mais;
cioso guardar tudo quanto dizes.

Quem conversa com Deus e Deus compreende
torna-se iluminado, livre, ousado
e em tudo é feliz.

A sombra de uma copa,
à margem de um ribeiro;
no frescor do vale
ou no cume reluzente de um outeiro
terás o teu altar.

Há um sacrário amigo em cada flor aberta;
é um vasto santuário a imensidão deserta
de candelabros mil
que à noite nos leva a meditar.

Se o coração busca outro coração
que o ame, que o compreenda,
deves também buscar na oração
o elo que te reúne ao Criador
Em outra vez a imagem d'Ele mesmo
e se sabes bem querer,
a razão é que d'Ele procedeste
como o pámpago do tronco
porque Deus é amor.

Tu e Deus, Deus e tu,
Que maravilha!

Irás cantando em teu itinerário
para a Jerusalém das almas puras
da Terra Prometida.
Novo Enoc, serás arrebatado
às celestes alturas,
na conquista final
da verdadeira VIDA!

DEL RIEGO SUCABAS

Ao Granbery

Excelso Educandário brasileiro,
decanto, com justiça, os teus valores,
pois que da Pátria tu és o primeiro,
e não tomes quaisquer competidores!

Sempre vencesse ativo, sobranceiro,
tendo sempre os melhores professores.
Nunca visaste lucros financeiros,
senão do ensino a glória e os seus fulgores!

No livro de minha alma ergo-te um bravo
pela luz da instrução que tu me deste,
e a minha gratidão eterna gravo!

Bendito sejas tu, "Granbery" amado,
que espalhas a instrução e a luz celeste,
cumprindo o teu sublime apostelado! (1)

B. Paulo 9-10-47

JORGE LYRA

(1) Do livro "Quando a Musa Canta".

Castigos, Prêmios e Estimulos

J. PANISSET

O título deste artigo sintetiza o assunto. Os castigos e os prêmios devem ser, em última análise, estímulos para o educando, no lar e na escola. O assunto é vasto e já foi bem esclarecido por todos os pedagogos, desde os mais remotos tempos até hoje. COMPAYRÉE e CHASTEAU limitam-no a certos princípios e caracteres. Compayrée dá os seguintes princípios a respeito dos castigos:

- 1—Devem ser proporcionais à falta e à sensibilidade.
- 2—A repetição do castigo tira sua eficácia.
- 3—Graduar com cuidado.
- 4—Estabelecer relação entre o castigo e a falta. Ex:
 - a) Ao mentiroso não se acredita.
 - b) A um indiscreto não se confia.
 - c) A um enfadado, separa-se dos colegas.
 Chasteau apresenta os seguintes caracteres:
 - 1— Ser raro.
 - 2—Ser útil — reparando o mal feito e melhorando o coração e a inteligência.
 - 3—Ser judicioso e proporcional à gravidade da falta e ao tempo de que dispõe o aluno.
 - 4—Certos (diretos) aplicados com segurança, que não falha e nem é só promessa. Quanto aos prêmios os mesmos pedagogos evidenciam certos perigos:
 - 1—Há o perigo de esquecer o dever para pensar na recompensa.
 - 2—Idem de fazer honra não ao mérito, mas ao êxito.
 - 3—Há o perigo de excitar de vaidade a uns e humilhar e desanimar para sempre a outros.
 - 4—Provocar ódio e inveja entre os companheiros.
 - 5—Visar sempre os primeiros lugares.

Recomendam o seguinte:

 - a) Proscriver recompensas materiais: Doces, prêmios à vaidade, etc.
 - b) Carícias.
 - c) Elogios inoportunos e exagerados.
 - d) Promessa de prêmios descabidos.

Os prêmios ou recompensas devem "ser desprovidos de caráter material para não degenerar em gula a vaidade".

BONFIM afirma: "O prêmio deve visar o ato e não a pessoa do educando ou do educador.

Castigos e prêmios devem, pois, se transformar em estímulos".

ROUSSEAU atesta: "A emulação é uma disposição perigosa que a educação pode transformar em sublime". "A emulação é o mais poderoso princípio de ação que faz estudiosos os discípulos e disciplinadas as classes" (COMPAYRÉE).

(Resumo de uma palestra feita no Clube de Mães e Professoras da Escola Primária e no Rotary Clube em Pires do Rio).

O GRANBERYENSE

DAVID CAMPISTA NO GRANBERY

(Continuação da pág. 1)

ções e cujo sorriso é uma aurora de esperança". Veréis sempre a sua imagem quando sentirdes um bom impulso no coração, o desejo de enxugar uma lágrima, de partir o vosso pão com o faminto.

Homens — a vossa consciência a refletirá e é a consciência que deveis tomar como guia inseparável, como inspiradora constante dos vossos atos. Ela vos afastará do mal, diz o orador, como um anjo tutelar, como aquele anjo mudo da tragédia de d'Anunzio.

Conheceis a "Filha de Jório?" E' uma pobre mulher amaldiçoada pela superstição e perseguida por homens ébrios de sol e de vinho. Refugia-se em um lar onde se celebram as bodas de Aligi, o pastor, e suplica que a protejam. Mas a condenada não deve encontrar acolhida; é filha do infortúnio, presa da miséria. Resiste brandamente aos que a querem expulsar entregando-a aos seus perseguidores. Então Aligi avança para a vítima desvalhada e levanta sobre ela o seu cajado de pastor. Vai feri-la. Súbitamente pára, cai de joelhos em gesto de adoração e atrá para longe a arma.

E' que ele vira ao lado da "Filha de Jório", protegendo-a com a sua doce tristeza, um anjo mudo que chorava e olhava-o fixamente.

L'Angelo muto ho visto che piangeva
Che lacrimava e mi guardava fisso!

Pois bem! Quando um mau movimento se apoderar de vós, diz o orador, quando sentirdes fraquear o vosso ânimo numa tendência para o mal, para e olhai para diante de vós: veréis o anjo mudo da vossa consciência, cujo olhar, velado por lágrimas silenciosas, vos fará recuar e restituirá à vossa alma abalada a noção do bem, do amor e do pedrão, das coisas puras e elevadas.

O triunfo da consciência é a mais nobre e a mais fecunda das vitórias; significa o império do homem sobre si mesmo — o maior e o mais real dos impérios. E não pareça que é sempre fácil conquistá-lo. E' cheia de tentações e cheia de espinhos a estrada que nos conduz ao futuro "Lemos e admiramos", diz Lubbock, "os heróis da antiguidade, mas cada um de nós terá na vida batalhas comparáveis às de Maratona e das Termópilas; cada um de nós encontra a esfinge à margem do caminho; a cada um de nós, como a Hércules, será proposta a escolha entre o vício e a virtude; somos livres como Páris de conferir o prêmio a Vênus, a Juno ou a Minerva".

A mais bem formada das almas vacila frequentemente quando flagelada pelos deenganos e pelos sofrimentos.

A resignação é, sem dúvida, uma virtude cristã; mas a dor aprofunda, inspira a revolta, dita a represália e sufoca o perdão.

Quantas vezes, diz o orador, uma virtude de homens e de cidadãos tereis de sorver o fel das injustiças mais amargas, de emulações perfidamente interesseiras, de prova-

ções cruciantes a que tereis de impor silêncio que tanto mais sangram quanto menos se revelam!

Como homens públicos o vosso patriotismo mais sincero não de ser visto através dos vossos interesses reais ou supostos; as vossas intenções desfiguradas pela malícia, os vossos atos interpretados desfavoravelmente pela exegese sofisticada da política subalterna.

Se fordes fracos no manejo de armas iguais às que vos ferem, sereis abandonados como inúteis porque é preciso eliminar os fracos. E' o realismo trágico que a ordem natural impõe e até a ciência justifica.

Se tiverdes mérito e puderdes subir além daquilo a que se chamou — soberania dos inferiores — veréis colear em torno do vosso renome a serpente do despeito e misturar a sua peçonha com o vosso esforço.

E assim, sob a superfície calma das aparências, parecendo que transpirais a felicidade e o orgulho dos vossos triunfos, ocultareis um coração dilacerado, uma alma oprimida que lentamente se ensombra na dúvida e no desgosto.

E' o momento de reagirdes, de reconquistardes o império sobre vós mesmos, de opordes ao ceticismo invasor e estéril a fé consoladora, a consciência nítida dos vossos deveres, a solidez inquebrantável das vossas virtudes cívicas. Há de salvar-nos a fé, a fé religiosa, a fé moral profunda, a fé no futuro grandioso desta pátria, na solidariedade humana para o bem.

A fé religiosa é o melhor dos bálsamos para as feridas morais, a mais pura consolação que aos sofrimentos se deparam.

Para a doce figura de Cristo, cuja imagem as nações já elevam no cimo das suas fronteiras como um símbolo de fraternidade, convergem o olhar nublado de tôdas as angústias, o fervor de tôdas as súplicas, o alvoroço de tôdas as almas agitadas — dos humildes aos poderosos emparelhados na dor, nivelados pelas lágrimas.

Sereis bons se tiverdes a fé cristã.

Ao lado desse tesouro, continua o orador, onde ireis buscar a noção dos vossos deveres morais, é necessário que formeis um outro onde se condensam os vossos deveres de cidadãos. Guiar-vos-hão os vossos mestres nesse caminho, e é mister que o façam com desvelo, porque a principal missão da escola, em uma democracia, não é formar letrados nem cientistas — é formar cidadãos. Todo o homem digno de ser considerado membro de uma democracia, diz um contemporâneo, deve começar por ser um aprendiz de cidadão; esse aprendizado será mesmo a essência da educação.

Esta, assim orientada, fornecerá a base psicológica que é a comunidade de pensamentos e sentimentos em que se apoia a consciência nacional. Mais do que a raça, a língua e outros elementos, é a consciência nacional o primeiro fator de coesão do Estado moderno. Revigorá-la em uma federação como a nossa, é estreitar os laços de união política pelo meio mais capaz de bem fortalecê-la.

Sabe-se que o melhor da história da Grécia foi o produto de uma educação verdadeiramente nacional. "Sparta", diz um escritor, "com a legislação de Licurgo, Tebas no tempo de Pelópidas e de Epaminondas, fizeram de seus filhos cidadãos e soldados capazes de elevar a sua pátria".

Mais feliz ainda, Atenas preparou ao mesmo tempo os heróis de Maratona, de Salamina e de Platéia, os espectadores para as peças de Esquilo, de Sófocles, de Eurípedes, admiradores e modelos para Fídias e Praxíteles. Os filósofos punham na mesma linha a moral, a política e a educação. Mesmo com o estoicismo, a filosofia não se limita à cidade; quer formar cidadãos do universo e proclama que todos os homens

ARMAZEM UNIÃO

Especialista em conservas nacionais e estrangeiras — Entregas a domicílio

ADHIR GOMES

Rua Batista de Oliveira, 632
Fone, 1628 Juiz de Fora

Cont. na pág. 6

Machado de Assis

UMA DAS GLORIAS DA LITERATURA NO BRASIL

Machado de Assis é o expoente máximo da literatura nacional. Mestre do romance, contista notável, crítico inconfundível, cronista excelente e delicado poeta.

Aprendeu as primeiras letras com um padre da igreja da qual era sacristão. Afora os primitivos rudimentos que lhe ensinaram, tudo o mais aprendeu por si, e a fundo; e não só literatura, também história, filosofia e linguas, tendo sido perfeito conhecedor do português — que estudou pacientemente nos clássicos — sabia bem o inglês, destro no italiano, além de falar e escrever corretamente o francês.

Sua maior preocupação era a de ler pouco, mas do melhor. Talvez resida nisso o segredo de seu triunfo nas letras.

Em poucos anos de produção desenhou a sua própria fisionomia intelectual, cujas principais feições refletiam o sentimento de um poeta, a inteligência de um filósofo e o temperamento de um profundo moralista.

A idéia matriz de suas concepções era o fato humano, menos porém na sua expressão emotiva que em sua significação psicológica. O sentimento do poeta cobria-se receoso de se expandir demasiado até o tom sentimental, que a inteligência do filósofo percebia como escolha de arte.

Os romances de Assis são mundialmente conhecidos, porque a linguagem firme e espontânea de suas obras — que é uma eloquente prova da capacidade indubitável deste homem de letras — prende a atenção do leitor, chegando ao ponto de nos impelir a anotarmos algumas das frases pitorescas de suas admiráveis composições, tais como as que passamos a citar:

Temos inicialmente esta: "musa de olhos marotos e gestos arredondados", tirada do livro *VÁRIAS HISTÓRIAS*; em seguida: "Taça que pode ter labores de igual escola, mas leva outro vinho", encontrada no prólogo da 3.ª edição de *VÁRIAS HISTÓRIAS*; e ainda "A ocasião faz o furto. O ladrão já nasce feito" da obra *ESAU E JACOB*, na página 284; e mais as seguintes: "Logo que meti mais dentro a faca do raciocínio achei um miolo gaiato, de *As Memórias Póstimas de Brás Cubas*": "Nêle a política era menos uma opinião que uma sarna, precisava coçar-se a miúdo e com força", vista à pág. 14 em *Esau e Jacob*; e finalmente "...abriu a bolsa e o coração escancaradamente" escrito no livro *HISTÓRIAS SEM DATAS*, na página 209.

Sobre a capacidade intelectual de Machado de Assis, alguém escreveu o seguinte: "Graça aliada ao conceito moralista, imaginação governada pela razão, expressão mais concreta que abstrata, traduzida na metáfora constante e imprevisita, sobriedade, excelência e concisão de linguagem, foram predicados deste escritor emérito, cujas origens só poderiam ser explicadas pela transmutação de um heleno dos tempos de Sócrates".

Isto que acabamos de escrever é muito pouco do muito que se pode falar e redigir sobre o nosso melhor escritor.

Roberval Pitta Sanabio



Na curva da estrada

RUY TUPINAMBA'

O ano de 1883 trouxe para o nordeste novos horizontes, no que se diz fartura e progresso — quando a seca é forte, a terra sofre em silêncio a fúria terrível de um sol que arrasa tudo — houve muita chuva, e a lavoura progrediu bastante. Todos plantaram...

O tempo passa... As roças crescem... A vila anima. Na seca o amor progride, mas não dá frutos...

Eugênia preparava-se para o seu casamento com o Fabiano, que agora era senhor de muitos mil cruzeiros. Seus negócios aumentavam, sua fortuna crescia espantosamente à medida que ele trabalhava. Homem da enxada ontem, é hoje dono de uma vasta propriedade cujos domínios vão além das fronteiras da sua vila natal.

Os negócios foram aos poucos obrigando-o a mudar para a cidade de São Luís, e, enquanto isto o afastava da noiva, o seu dinheiro fazia com que recebesse numerosas propostas de sociedade, e as moças já o viam com bons olhos.

Eugênia via nessa mudança o fracasso de seu casamento. Fabiano já não era o mesmo, não lhe fazia mais carinhos e não mais alisava os seus cabelos como dantes... A tristeza, paulatinamente, foi dominando o coração fértil de amor e de sinceridade da linda rapariga...

Tarde linda... Raios de sol, vasando os ramos verdes da copa do mato, derramavam um jacto de luz nas águas tranquilas de um regato que corria mansamente nos fundos da velha casa de Eugênia... Um carro moderno e luxuoso, que há bem pouco virava a curva da estrada, parava maciamente à porta.

Era o Fabiano.

Moço forte, moreno, queimado, trajando um elegante terno de linho branco, sai do carro e é surpreendido por Eugênia, que, trazendo no rosto a marca da desconfiança, se lhe dirige bruscamente:

— Venha, Fabiano, chegue logo! Tenho muito que falar com você.

— Está bem, "mi muchachita".

— Onde aprendeu isto? Há muito ando querendo falar-lhe de verdade. Noto que sou demasiadamente pobre e que por isto mesmo estou sendo desprezada...

— Que bobagem, querida, não seja assim.

— O nosso casamento, idealizado em circunstâncias tão pitorescas, nascido num mundo de pobreza, mas de sincera amizade, foi um fracasso integral, o que me obriga, mesmo contra a minha vontade, a dizer-lhe que está tudo acabado.

Um grande silêncio... Ouvem-se somente as águas tristes do córrego, que em sua marcha lenta parece anunciar toda a amargura de um coração, que aos poucos vai vai vendo ser arrancadas as raízes de um grande amor...

Fabiano agora é quem fala, de cabeça baixa, procurando encobrir sua situação indecisa:

— Eugênia, seja humana e razoável; não me abandone agora que preciso mais de sua ajuda.

— Está bem... Esperarei...

MEU FILHO

O meu filho, que é doce, que é inocente,
Quando comigo sai, luz que fascina,
Põe seus claros pezinhos, brandamente,
Nas marcas dos meus pés, na arcia fina.

Ele segue-me os passos inconsciente
Mas uma estranha angústia me domina;
E, calcando os meus pés mais firmemente,
Meu coração, aos poucos, se ilumina.

Sem saber, tu me obrigas, filho amado
A procurar a rota mais segura,
A ter firmeza em cada passo dado.

Nunca dirás—que horror na alma me vai!—
Que te perdeste numa estrada escura
Por seguires os passos de teu pai!

DJALMA ANDRADE

Os dois separaram-se... O tempo corre... Cada mês que passa leva consigo mais um pouco da esperança de Eugênia, criando no coração da pobre moça uma espessa crosta de desenganos.

Era uma dessas manhãs frias e escuras, em que a gente chega a sentir dentro da alma alguma coisa de estranho, que Eugênia, passando por uma das ruas de Tamboril, ouviu de alguém estas palavras:

"O Fabiano está de namoros com a filha do seu novo sócio".

Ela, que estava bastante fraca, desmaiou. Horas depois, em sua casa, ao despertar, somente o seu velho pai estava a seu lado... Uma grande tristeza encheu-lhe de lágrimas os olhos. Recordou seus alegres dias de menina, quando, ao lado de Fabiano, sonhava uma casa, uns filhos!... Tudo estava findo, fôra-lhe roubada a felicidade. Como é dura a realidade, como é triste o abandono! Perdera a batalha pela sua felicidade...

Seu pai, que há muito andava doente, morreu, e ela, coltada, passa a viver no esquecimento — onde há miséria não entram amigos.

Numa manhã clara, límpida como essas de agosto, em que a passarada em profusão faz a sua matina costumada, Fabiano, levantando-se bem disposto, alegre, satisfeito, pois na noite anterior havia contratado casamento com a filha do Cel. Luís de Montr'Alta, homem de seus milhões, procurou convencer-se de que seu namoro com Eugênia não passava de coisas de criança. A volúpia do dinheiro destruiu-lhe os sentimentos.

Tamboril estava calma, quando o ambicioso, conscio de suas decisões, estaciona o seu carro diante da choupana quieta, outrora morada da sua felicidade, atualmente casebre triste de uma mulher abandonada.

Eugênia corre ao seu encontro, certa de que seria compreendida. Não era mais aquela donzela de cabelos pretos soltos ao léu do vento; seus olhos haviam perdido aquele brilho que tanta inveja causou a outras mulheres, e sua boca a côr e o aroma antigos.

Fabiano não a reconhece prontamente, mas, após alguns instantes, espantado, vê diante de si a obra do seu egoísmo, fruto de uma jura quebrada, entregando a miséria aquela a quem jurou amor eterno.

Como um louco, toma o carro e corre em direção à cidade. Em sua cabeça há um verdadeiro pandemônio, aflora-lhe a recordação viva dos seus dias de pobreza, das suas conversas com Eugênia, das juras tro-

GRANDE PASTIFICIO
SAGGIORO

IRMÃOS SAGGIORO

Rua Batista de Oliveira, 838
Fone, 1270 — Juiz de Fora — Minas

DAVID CAMPISTA NO GRANBERY

casas e castelos arquitetados no idealismo dos dois corações jovens.

— Serei feliz com outra, enquanto aquela, parte dos meus sonhos de moço, sofre por minha culpa os alcores da miséria? Essa pergunta é irrespondível para o seu coração; esqueceu um pouco o dinheiro e, diante do ocorrido, pensa um pouco na felicidade, pois, na realidade, ainda existia inapagável na sua memória a imagem meiga e bondosa daquela sua, agora, companheira de infortúnio, que experimentou por muito tempo, sôzinha, aquilo que agora é sentia.

Fabiano reluta um pouco... Ainda é de Eugênia; desta vez vence a razão. Novamente a caminho de Tamboril, ei-lo correndo desvairadamente. Sômente Eugênia lhe interessa naquêlo momento. Pensa na sua

felicidade, nos dias alegres do futuro que certamente virão...

Diante da oca de sua amada, desce Fabiano gritando: — Eugênia, estou de volta, venceu a nossa felicidade!

Nem o córrego triste responde mais, com seu sussurro, aos gritos apaixonados... Nada responde... O silêncio fala por ela...

Impetuosamente, desesperado, penetra a casa deserta...

No chão, em um cantinho do seu quarto, sem vida, jazia inerte o corpo magro de sua amada, que trazia ao peito a sua fotografia...

...Um automovel sumiu na grande curva da estrada, quando bem distante o sol, desmaiando, parecia morder nas encostas longínquas da serra.

Comentando...

De Antonieta Bastos

Você brigou com o namorado, minha amiguinha, e logo ficou tôda triste e chorosa, lamentando profundamente: "A felicidade!... ela não existe. E se existe, onde encontrá-la?..."

Vamos, menina, enxugue estas lágrimas, deixe que, de novo, um sorriso bonito enfeite seu rosto gentil e simpático, ilumine seus olhos travessos e brejeiros. Isso que aconteceu com você, acontece com muita gente mais. Existe na alma inquietada de todos os homens e de tôdas as mulheres esta mesma interrogação que ora a torna tão magcada — "A felicidade!... onde está a felicidade?!..." E sem esperar resposta, vão eles, os corações inquietos, em busca do seu tesouro. Tomam caminhos diversos — dinheiro, beleza, prestígio, glória e... até mesmo o caminho do amor. Depois, voltam. Voltam, cansados. Voltam com a mesma inquietação, fazendo a mesma pergunta: "A felicidade!... onde está a felicidade?"

Escute, menina, eu não tenho a pretensão de dar a última palavra sobre o assunto. Mas tantas vezes me encontrei com a felicidade, que me é fácil dar-lhe indicações seguras sobre onde encontrá-la. Aproveite o que melhor servir ao seu coração e aos seus sentimentos. E volte depois, para agradecer-me.

A felicidade mora nos olhos compassivos que sabem olhar com simplicidade e compreensão para este mundo de Deus, que sabem encontrar o lado bom da vida. Sim, porque a vida é boa.

"Escuta, amigo,

A vida é boa, a vida é má
Conforme a faz tua ilusão!
A vida é má se não tens calma,
Se te contentas
Se vives prêso só na ambição!
A vida é boa se és sonhador,
Se te contentas
Com o pouco apenas
Que tens na mão!"

A felicidade mora nos lábios que sabem sorrir às crianças, aos velhos, às flores, aos pássaros. A felicidade mora nos lábios que sabem proferir as palavras miraculosas que despertam esperança e fé na vida e nos lábios que repetem palavras de ânimo e de coragem, nos lábios que sabem dizer, valentemente, palavras de perdão que apagam da memória a lembrança má de ofensas e agravos recebidos.

"Cuida de ti. Pecando, porventura o teu irmão, repreende-o com doçura, estende-lhe o perdão, que é uma coroa. E se, através de todos os reveses, êle pecar no dia sete vezes e sete vezes se humilhar — perdoa!..."

A felicidade mora nas mãos fortes e quentes, mãos feitas para o amparo e a proteção, mãos que trazem a marca do trabalho honesto e desinteressado. Mãos que acariciam, que afagam! Mãos que levantam e não derrubam! Mãos que ajuntam e não separam! Mãos que em silêncio fazem o bem!

"Quando de dar esmola a vez te caiba, faze-o em segredo, para que nem saiba a mão esquerda o que a direita faz".

A felicidade mora na alma terna e meiga, corajosa e enérgica. Na alma que se dobra de sofrimento para ter, depois, o direito de encarar a vida de frente, de elevar-se acima de fraquezas e de erros, de criar um mundo interior de bondade e compreensão, de amor e de sonho! Porque saber sonhar ajuda a viver, saber sonhar ainda é um grande bem!

"Sonha! porque a sonhar terás o que quiseres...
Sonha! porque farás das lágrimas choradas Brotar todo um jardim de flores encantadas!..."

A felicidade mora no coração vibrante de fé e de vida. Desta vida que é eterna, porque vem de Deus.

são, por natureza, iguais, livres e irmãos. Os romanos tiveram pela família uma forte educação, cujo fim era principalmente des- pertar o amor da pátria".

Dignos de imitação são estes e iguais exemplos que a história nos fornece. E' a educação que forma o caráter de uma nacionalidade, educação em que se trate de interessar o homem nos negócios do seu país.

A indiferença política é fonte dos maiores males, sobretudo para uma jovem nação cuja feição definitiva está ainda em vias de elaboração. Para robustecer aquela corrente certamente a corrente do pessimismo contemporâneo e o triunfo aparente do absolutismo de doutrinas cujos alicerces parcem indestrutíveis por isso que se os vai buscar na fatalidade das leis naturais.

Hoje, é com ciência que se tenta combater a democracia nas suas bases; é com as leis da vida que se procura demonstrar a inanidade das idéias igualitárias e a pura fantasia dos sonhos da fraternidade.

Ouve-se dizer que da época atual já se descortina bem próximo o futuro que pertencerá exclusivamente às raças fortes que se hão de expandir à custa das inferiores, vencidas necessariamente na luta da concorrência vital. O imperialismo é a cristalização política desta tendência.

E já tememos, nós outros, havermos feito jus ao diploma de raça incompetente, de povo insuscetível de organização estável, incapaz de iniciativas fecundas, a contrastar com a opulenta exuberância de um imenso território que atrai as melhores atividades e a elas deve ser entregue pela força irredutível das colzas.

E duvidosos das nossas condições de resistência, das nossas forças assimiladoras, estamos a ver perigos temerosos na localização, em nosso seio, de massas oriundas das chamadas raças superiores.

Sem dúvida que o conjunto de caracteres físicos e morais, transmitidos de geração em geração e fixados pela hereditariedade, influi no caráter de um povo. Mas, visto de perto, o dogma das raças tem muito de vulnerável.

Exagera-se o seu valor e esse abuso insinua-se, alastra-se nos espíritos, revestindo as aparências e a inflexibilidade de uma verdade científica. Daí diz emérito publicista, a frequência nos estudos históricos de considerações sobre o "gênio das raças"; afirmações de que os germanos têm no sangue a necessidade da independência, que os semitas têm o cérebro monoteísta, que, hereditariamente, o homem de sangue latino ama

(Continua na pág. 8)

"Amor inimitável e profundo!
sacrifício de Pai, bênção paterna!
Pois Deus amou de tal maneira o mundo,
que o seu filho lhe deu, para que aquêlo
que nêle crê e que confia nêle,
não pereça, mas tenha a vida eterna".

Isto, sim, menina, isto é felicidade. E tão grande, tão segura, que não teme nem a idéia da morte!

Felicidade! Dois caixões subindo
Dobram os sinos, dobram por alguém!
"Felicidade! mas que dia lindo!
Pela ladeira, pelo morro além!..."

Escola Primária

Carolina Coelho

Está terminado o ano escolar de 1947. E com que rapidez se escoaram tão preciosos dias, pois o valor do tempo está na razão direta das boas realizações efetuadas em seu curso.

Não queremos dizer que conseguimos atingir o nosso alvo, bem ao contrário, agora que o cronômetro nos avisa o término, vemos que muita coisa está por fazer.

Trazíamos muitos planos que não chegaram a se concretizar, se bem que tenhamos auxiliares eficientes e devotadas, capazes de transmutar idéias em atividades práticas, mas o tempo terminou sem que o percebêssemos.

Mas por outro lado sentimos uma alegre compensação pelo que temos realizado.

A Escola Primária continua sendo um lugar para as crianças, assim o internato teve este ano um bom número de alunos, e entre estes, alguns tão pequenos, que parecem destinados a uma Escola Maternal. Mas se perguntarmos a esses garotinhos se gostam do internato, eles respondem como se a pergunta fosse uma ofensa.

E por que não estariam maravilhosamente bem, se encontram todo o carinho maternal na professora responsável pelos menores do internato — D. Martha Waltenberg?

E' possível que muitos pais não conheçam as professoras de seus filhos — mas à D. Martha todos querem ser apresentados.

E é sem protocolo que se fazem essas apresentações: a própria criança, em sua linguagem simples, mas expressiva, diz: Mãe! essa é a D. Martha!

Nesta apresentação tão infantil a mãe compreende que seu filhinho encontra aqui um segundo lar, onde um só coração pode abrigar muito amor para tantos filhos.

Diversas iniciativas foram tomadas por D. Martha para dar à vida escolar dos internos um ambiente bem familiar.

Não é sem razão que os pequenos a estimam.

As atividades do Primário seguiram seu curso normal.

O 1.º ano, na sala azul, com 30 alunos, que parecem um grupo de gnomos da floresta, cada qual com a sua graça particular reunidos em torno da boa fada — Maria Stella Motta, tão jovem e tão compenetrada de seus deveres. E em meio de brinquedos quanta coisa aprenderam!

Sorte igual tem o 2.º ano, pois os alunos encontraram também uma pro-

fessora moça que iniciou este ano seu trabalho no Primário e logo assimilou a vida granberyense — Maria Luiza Figueiredo.

O 3.º ano tem a assistência da professora Maria Helena Campos Lima que é granberyense cem por cento, e apesar de ter curso de faculdade, prefere ensinar as crianças com verdadeira dedicação.

O 4.º ano supera em quantidade, pois é uma classe com 45 alunos e que não dá uma pequena folga à sua professora — Margarida Blanco do Amaral, que com seu sorriso bondoso atende a todas as questões de seus laboriosos alunos.

O 5.º ano — classe de garotos e rapazes, aqueles que começam a definir suas aspirações e, por isso mesmo, dão sérias preocupações.

Suas professoras: Marina Waltenberg e Herminia Coutinho, deram o melhor do seu esforço para alcançarem o alvo.

Terminando o ano escolar a Escola Primária fez a sua festa íntima, para a entrega das provas finais dos 1.º, 2.º, 3.º e 4.º anos, e de prêmios aos alunos que obtiveram melhores classificações.

Houve um pequeno programa do Grêmio "Olavo Bilac" e, após as entregas dos prêmios, foram distribuídas balas a todos os alunos.

Foi com surpresa que as professoras receberam uma manifestação de seus alunos, que lhes ofertaram flores e doces. Nessa ruidosa alegria foram feitas as despedidas.

Mas como não pode haver encerramento da Escola Primária sem a festa tradicional, foi organizado o seguinte programa:

- I PARTE — Lítero — Musical
— Grêmio Olavo Bilac
- 1 Abertura da sessão pelo presidente Cid Machado;
 - 2 Música — Shirley Ganimi;
 - 3 Declamação — Maria Encarnação Sucasas;
 - 4 Perfil — Ronaldo Couri;
 - 5 História — Antonio José Scanapiêco;
 - 6 Canto — Affonso Fabri;
 - 7 Declamação — Eny Daibert;
 - 8 Anedota — Roberto Couri;
 - 9 Música — Shirley Ganimi e José Amorim Medeiros.

- Concurso de Declamação
- 1 Carlos Alberto Corrêa
 - 2 Herminia Vanon
 - 3 Marlene Fajardo
 - 4 Marlene Vasconcellos
- II PARTE — "Joãozinho e Margaridinha" — Opereta Infantil em 3 atos (baseada no conto dos Irmãos Grimm) por Frei Pedro Sinzig

PERSONAGENS:

Joãozinho — Francisco Guerra
Margaridinha — Cléa Caputo
Mãe — Marlene Vasconcellos
Bruxa — Marlene Fajardo
1.ª criança — Lucy Costa
2.ª criança — João Silveira
3.ª criança — Anamur Tercero de Souza

Camponeses — Lucy Costa, Peter Iser, Elizabeth Carvalho, Dajo Amaral, Marlene Picoli, Oscar Lopes, Maria Teresa Fellet, Affonso Fabri, Maria Carmélia Scanapiêco, João Araujo, Emilia Lade, Ney Cantinho.
Serenio — Haydée Soares.

Vagalumes — José Santos, Alan Moita, Sérgio Olavo Costa, Edson Itaborahy, Milton Brito e Cledson Itaborahy.

Sono — Affonso Fabri
Anjos — Irene Caruso, Eny Daibert, Haydée Araujo e Selma Brandi.
Auroras — Jane Bastos, Ruth Halfeld, Teresinha Attademo, Carmen Del Llano, Ely Louro e Dinah Kojuck.

Flores — Julimar Camargo, Lucia Regattiêre, Hildete Medeiros, Maria Encarnação Sucasas, Icléa Halfeld, Marina Medeiros, Marlene Silva, Clara Starkman, Zarah Ednab Heckert e Suzana Teixeira.

Borboleta — Helimar Collares
Anõezinhos — Antonio José Scanapiêco, Renato Motta, Victor Ber-go, Felix Choiniak, Ubirajara Dutra, Paulo Cesar Cavalcanti, Flávio Paulo dos Santos, Lizéo Ferreira, Alberto Medeiros, Maurício Silva, Sérgio Cesar Campos, José Rocha e Estevão Oliveira.

Nos intervalos — Cid Machado, Maria Carmélia Scanapiêco, Gastão Pôrto, Helimar Collares e Affonso Fabri.

Dezembro de 1947.

Se se tiver em conta o programa de Marinetti, fundador do Futurismo, não existiu esta escola literária. E o motivo é simples: nem Marinetti levou a sério os seus "preceitos", que eram os seguintes: a) destruir a sintaxe, dispondo os substantivos ao acaso; b) usar o verbo no infinito; c) abolir o adjetivo; d) abolir o advérbio; e) ligar um substantivo a outro sem preposição (aposição); f) abolir a pontuação.

Ora, restaria muito pouco material para os escritores, se tal programa fosse levado a sério...

ACOUGUE RIO DE JANEIRO

Carne verde diariamente, miudos, etc.

PREÇOS MODICOS

Avenida Getulio Vargas, 707
Fone. 1323 Juiz de Fora

DAVID CAMPISTA NO GRANBERY

(Continuação da pág. 8)

a unidade, tem imaginação mas não tem energia nem perseverança.

A vulgarização destas teses leva à crença de que a questão da raça supera a todas, que os povos valem o que vale a sua raça, e em suma, que o destino das nações é determinado pelo valor da sua composição étnica.

Se houvermos de aceitar o absolutismo da doutrina e sobretudo as aplicações que dela fazem diversos teóricos ao nosso povo, seríamos levados a descer das nossas instituições, do nosso futuro e encerrarmo-nos numa resignação que nem a ciência, nem a experiência justificam.

Le Bon, por exemplo, parte do princípio de que o caráter de uma raça não é suscetível de ser modificado pela educação; é um mito diferenciar a constituição mental dos povos. E, tratando-se do Brasil, pontifica textualmente o seguinte:

"Seria interessante saber-se a que ficariam reduzidas as instituições democráticas dos Estados Unidos, transportadas para uma raça inferior. O Brasil, adotando essas instituições demasiado liberais para raças sem energia e sem vontade, sucumbiu à decadência e à anarquia. Os chefes do governo delapidaram o tesouro e os impostos aumentaram de mais de 60%. Isto era escrito cinco anos depois de proclamada a República. Ai temos pois delapidações do tesouro por causa da raça; aumento de imposto por causa da raça e tudo porque essa raça não possui instituições políticas correspondentes a sua índole.

Entretanto, instituições libérrimas sob a forma federativa como as da Suíça, conseguem governar com felicidade grupos de raças diversas unidos com vantagem em uma só democracia.

E' curioso observar que outro escritor da mesma escola, o conhecido sociólogo Lillienfeld, em um estudo sobre a evolução das formas políticas, parece afirmar que as condições do meio brasileiro, os antecedentes das raças que o habitaram e ainda em parte o povoam, são francamente favoráveis à instituição da mais pura democracia.

"Ainda hoje, diz ele, as tribos que habitam o interior do Brasil, apresentam embriões de pequenas repúblicas verdadeiramente democráticas, governados por chefes temporários escolhidos entre os principais da tribo".

Vê-se, pois, a que conclusões diversas nos conduz a aparente rigidez de tais doutrinas. A verdade é que de uma predisposição étnica não decorre necessariamente o gênio de um povo. Todas as nações são mestiças, diz Gobineau, em véses mestiças.

Hoje não existe, escreve Topinard, nenhuma relação entre raça e nação. A antropologia, acrescenta Bouglé, não confunde mais a raça com a nação, mas no interior das próprias nações espera distinguir por meio de medidas precisas os tipos antropológicamente diferentes. Não se falará mais em raça anglo-saxônica, na raça latina, etc., mas em raça braquicéfala e dolicocefala.

Mas os antropologistas nem mesmo estão de acordo sobre a significação social desta última distinção.

"Os gregos antigos, inquiriu Tarde, eram mais dolicocefalos do que os gregos modernos? Ignora-se. Em todo o caso, não é lícito prender-se a decadência da Grécia à diminuição da dolicocefalia".

Esse mesmo autor invoca contra a distinção absoluta das raças — a prodigiosa transformação do Japão separada em menos de uma geração pela assimilação dos exemplos da Europa, desde o armamento e o vestuário até às indústrias, às artes e aos costu-

mes. Além de tudo o tipo se modifica por um conjunto de circunstâncias independentes da raça em si. O tipo anglo-saxônico nos Estados Unidos altera-se evidentemente e sem cruzamento, como observa Novlew.

Em uma mesma nação há pois superiores e inferiores; a constituição mental média se formará pela educação e dela surgirá lenta mas seguramente a consciência nacional.

Os gregos da Atica se gabavam de ser autóctones e acreditavam que espontaneamente haviam surgido do solo, narra um publicista. Era uma lenda que a obscuridade dos tempos primitivos permitia ao orgulho ateniense, mas uma lenda sem base. Incessantes cruzamentos se haviam realizado, não somente na classe dos escravos, dos libertos, dos operários e dos comerciantes, mas ainda na classe dos Eupátridas.

Em Roma, a incorporação frequente dos povos vencidos infundiu sangue novo na classe dos patrícios pela admissão no Senado de nobres famílias estrangeiras. Mais tarde, quando desapareceram as barreiras entre o patriciado e a plebe, todas as distinções de origem se confundiram e o nome de romano serviu para designar uma categoria de pessoas que não tinham de comum senão um certo número de direitos políticos.

Em Esparta, a raça conquistadora dos Dóricos conservou melhor e mais longamente a sua pureza. Mas por não haver querido receber elementos estranhos enfraqueceu-se e acabou por extinguir-se. A realidade da raça não se poderia encontrar senão em uma região isolada cujos habitantes vivessem afastados de toda a comunicação com o estrangeiro e portanto em um estado de civilização inferior. São as energias mentais as verdadeiras criadoras da personalidade de um povo. A história nos mostra como o predomínio, a superioridade, a chefia da civilização tem passado de uns para outros povos.

As jovens nações do novo mundo competirão um dia o cetro que já se desloca. Preparamo-nos para esse futuro, principalmente pela educação do caráter e da vontade, é o dever do presente. Diz-se que a hora do mundo é a luta no terreno econômico e aí melhor se apura o valor da capacidade de uma raça. E uma corrente de opinião contemporânea afirma a inferioridade dos latinos, senhores ainda da imaginação e da arte. Se tal inferioridade existe é errôneo pretender-se encontrar-lhe a origem em uma tara da raça.

Não é preciso recuar muito no tempo para que nos mostre a história períodos em que inferiores eram as raças rivais.

Goethe, em 1829, dizia que, enquanto os alemães se atormentavam com a solução de problemas filosóficos, riam-se deles os ingleses com a sua razão prática e ganhavam o mundo. Wolf refere o caso do viajante Campe em 1790, característico do aprêço em que eram tidos os alemães. Estavam então em França e foi um dia à assembleia nacional. Entre as coisas recebidas, encontrava-se um livro dedicado à assembleia, livro sobre navegação, escrito e enviado por um alemão. Quando o secretário pronunciou a palavra "alemão", a assembleia disparou na gargalhada. Para aqueles senhores era tão ridículo que um alemão escrevesse um livro sobre navegação como se um groenlandês ou um hotentote escrevesse um livro sobre ópera.

Entretanto a Alemanha entra hoje na frota comercial do mundo com uma porcentagem muitas vezes superior à da França e, em muitos pontos, leva vantagem à Inglaterra. O comércio de Veneza foi célebre e sabe-se o que valeu Portugal no mar.

A civilização ocidental mobiliza cada vez mais os indivíduos, mistura-os em agrupamentos diferentes e aproxima os povos mais afastados. Esse entrelaçamento produz um

fundo de cultura, de idéias e de inclinações comuns a todas as sociedades inteligentes. Desse modo de pensar comum, junto a um modo de viver idêntico, resulta uma mentalidade análoga de sentir que, de geração em geração, apaga o cunho hereditário ou primário das raças.

O internacionalismo comercial e industrial operou primeiro esse resultado; o internacionalismo científico criou uma mentalidade quase idêntica.

Vê-se pois o valor que têm certas sentenças condenatórias da nossa raça, da nossa capacidade nacional, quer no terreno da atividade econômica, quer no da vida e da organização política.

E' indispensável afastar esse espantoso do caminho da nossa mocidade, libertá-la de preconceitos que são uma fonte de desânimo e dar-lhe a consciência da sua própria idoneidade para conduzir a nossa pátria ao futuro a que temos o direito e o dever de aspirar.

O futuro, diz Guyau, há de ser feito por nós e dependerá do modo pelo qual houvermos educado as gerações novas.

A instrução bem orientada e solidamente baseada, isenta de prejuízos e de sectarismo, fará dos nossos jovens patrícios homens do seu tempo, amigos da liberdade, da justiça e da ordem, defensores conscientes da democracia, dessa democracia de que são filhos e que incontestavelmente se infiltra em todas as instituições atuais. Excessos da sociologia naturalista, tendo como alicerce certas leis da vida, aliás menos inflexíveis do que parece, sorriem da idéia igualitária como de uma fantasia, sem dúvida sedutora, mas frágil e efêmera como todas as fantasias. Dizem pela boca de Hamon que a ordem social repousa na desigualdade que não se pode destruir porque é inseparável da raça, invariável como as verdades matemáticas, eterna como as leis que regem as revoluções planetárias. Desigualdade e seleção são condições do progresso.

Entretanto a fantasia triunfa; é esse o fato que ressalta da primeira observação, do primeiro olhar lançado sobre a evolução por que passaram e passam as instituições dos povos cultos.

Como árvores agitadas pelo vento, na frase de um publicista, vemo-las todas curvadas na mesma direção pela impetuosa rajada. O direito se transforma; em vez do direito arcáico que vivia de distinções, temos a igualdade jurídica, a igualdade perante a lei. A igualdade política impõe-se ao lado da civil. A pirâmide da soberania está invertida: em vez de uma autoridade que desce do senhor aos seus subordinados, temos uma autoridade que sobe do povo aos seus funcionários.

Por outro lado, a solidariedade humana enlaça as nações; o século está impregnado de humanitarismo. Nem esta tendência contraria as doutrinas científicas senão quando estas se saturam de um naturalismo "à outrance" que conduz a analogias biológicas absolutas e escuras, o que há de especial e de variável no mundo humano.

Sem dúvida que, neste como no mundo animal, a hereditariedade, a divisão do trabalho e a disputa dos alimentos são fenômenos constantes. Mas no seu próprio domínio — o da biologia, diz um naturalista, estas leis com que se pretende acoercentar o entusiasmo democrático, já não são leis de bronze. Diz-se que o combate universal é condição de vida e do progresso que se forma do triunfo dos mais fortes e dos mais capazes. O antagonismo existe por toda a parte na natureza. Mostra, porém, um escritor que a luta pela vida não é a única obra do progresso e nem sempre o produz. Em certas circunstâncias favorece a sobrevivência de tipos reconhecidamente inferiores.

(Continua na pág. 33)

O GRANBERYENSE

MENS SANA IN CORPORE SANO

VERDADE E PERFEIÇÃO

ANO XVI

Juiz de Fora, Setembro de 1948

NÚM. 67

EDUCAÇÃO

É preciso insistir: educação não é somente instrução, e muito menos formação de doutores.

Já não estamos em tempo de supor que dar a um filho alguns fumes de doutorice é fazê-lo mais conceituado perante a sociedade. E tudo, certamente, haveremos de fazer para que não continue a justificar-se a famosa sátira de Eça de Queirós em "O Brasil Doutor".

O alvo da educação é preparar o indivíduo para "o viver completo", ou, — usando linguagem bíblica, sempre oportuna, — para uma vida abundante". E acaso será necessário ser "doutor" para viver abundantemente?

A educação não impõe mudança de categoria social de quem quer que seja. O que ela deve fazer é apurar a qualidade de cada um dentro de sua categoria, de sua profissão, de seu ofício, de sua função.

A fórmula de Marden — "Sê perfeito em tudo que fizeres" — bem poderia ser um lema para quaisquer educandos: o futuro médico ou enfermeiro, agrônomo ou operário rural, advogado ou meirinho, industrial ou tecelão, comerciante ou caixeiro, engenheiro ou pedreiro, jornalista ou compositor e — que se dirá mais? — mestre de qualquer arte, oficial de qualquer mister, indivíduo em qualquer função.

O estudo é um dos aspectos da educação. É seria ilógico supor-se que só se estuda para ser pontor.

A sociedade precisará acaso só de clínicos, cirurgiões, bacharéis, engenheiros, farmacêuticos, odontólogos, agrônomos, químicos, gerais ou que outros titulares haja e venha a haver? Lograria porventura manter-se só com eles? Certo que não, poderia ela contentar-se com operários, lavradores, funcionários, soldados, comerciários ou quaisquer trabalhadores que não fôsem devidamente educados para o exercício do seu mister?

Quem tem vocação para a medicina, estude medicina; mas quem nasceu para ser industriário, seja bom industriário, porque só assim poderá sentir-se feliz.

É preciso repetir, também, que não é a profissão que enobrece o homem, senão o homem que enobrece a profissão.

Em suma, reconhecido que cada um deverá exercer a função para a qual tenha sido talhado, cumpre concluir que a educação se encarregará de tornar perfeito o trabalho e feliz o trabalhador.

LIBERTAS QUÆ SERA TAMEN, o lema dos Inconfidentes Mineiros, é parte do seguinte verso de Vergílio: "Libertas que sera tamen respexit inertem" — (Vergílio, Bucólicas, verso 17).

Havia um passio em Atenas, nas margens do Illissus, chamado Liceu (do grego

Lukéion-bosque dos lobos), no qual Aristóteles instrua seus discípulos. Daí veio o nome de Escola do Liceu, fundada em 336 a.C. me de Escola do Liceu, fundada em 336 a.C. sica, metafísica, moral e política (M. da Cruz).

Nossa Rainha

Meiga, delicada, uma pequena fada resolveu um dia visitar outras terras... Assim, disse até breve aos pinheirais onde o sol põe cintilações de ouro em suas pontas eriçadas. Não quis ouvir o cântico nostálgico dos passarinhos que já sentiam a sua ausência e transpôs vales e montanhas, atravessou rios caudalosos e cafezais verdejantes para se esconder na som-



S. M. Maria I (Maria Aguiar Teixeira), com justas razões escolhida Rainha dos Estudantes do Granbery e, posteriormente, eleita Rainha dos Estudantes de Juiz de Fora, em renhido pleito

bra acolhedora das montanhas altas de Minas.

Discreta e delicada, ela não procurou se salientar; mas, como não perceber pelo encanto de seu olhar, por seu modo distinto, o régio presente que o Destino enviara ao Granbery?

MARIA AGUIAR TEIXEIRA tomou conta do coração de seus colegas, que mais tarde a fizeram sua RAINHA.

RAINHA DOS GRANBERYENSES! Título que a muitos poderia dar idéia de absolutismo e tirania, mas, não quando a soberana é MARIA I.ª, que tem para seus súditos leis ditadas pelo seu olhar e seu sorriso...

É quando eleita para que, entre candidatas não menos dignas, dispu-

lasse o trono de "RAINHA DOS ESTUDANTES DE JUIZ DE FORA", a sabedoria com que soube governar seus vassallos, (desde muito submissos...), fez com que a fada paranaense desse ao Granbery mais uma vitória.

MARIA AGUIAR TEIXEIRA deixou de ter como sede de seu reino apenas as salas amigas do nosso Educandário para receber tronos de amizade no coração de toda a mocidade juizdeforana.

A confiança que MARIA I.ª depositou em seus súditos fez com que eles batalhassem com a fibra que caracteriza as nossas campanhas, para que, apoiada pelos granberyenses do passado, em novembro último visse

aumentados seus domínios. Seu reinado ultrapassou as muralhas de cipreste do Gigante Branco e transpôs, até mesmo, muralhas de pedras de outros colégios...

Assim, mais uma vez depositamos aos pés de nossa Soberana, toda a admiração e votos sinceros de que lhe sejam agradáveis estas férias e que, retornando em 1948, continue para todos, a Rainha que é, ao mesmo tempo, colega e amiga.

Que para o ano dê novo reinado de fel cidade, pois que agora além de uma varinha mágica de condão, voltará também com um cetro de RAINHA.

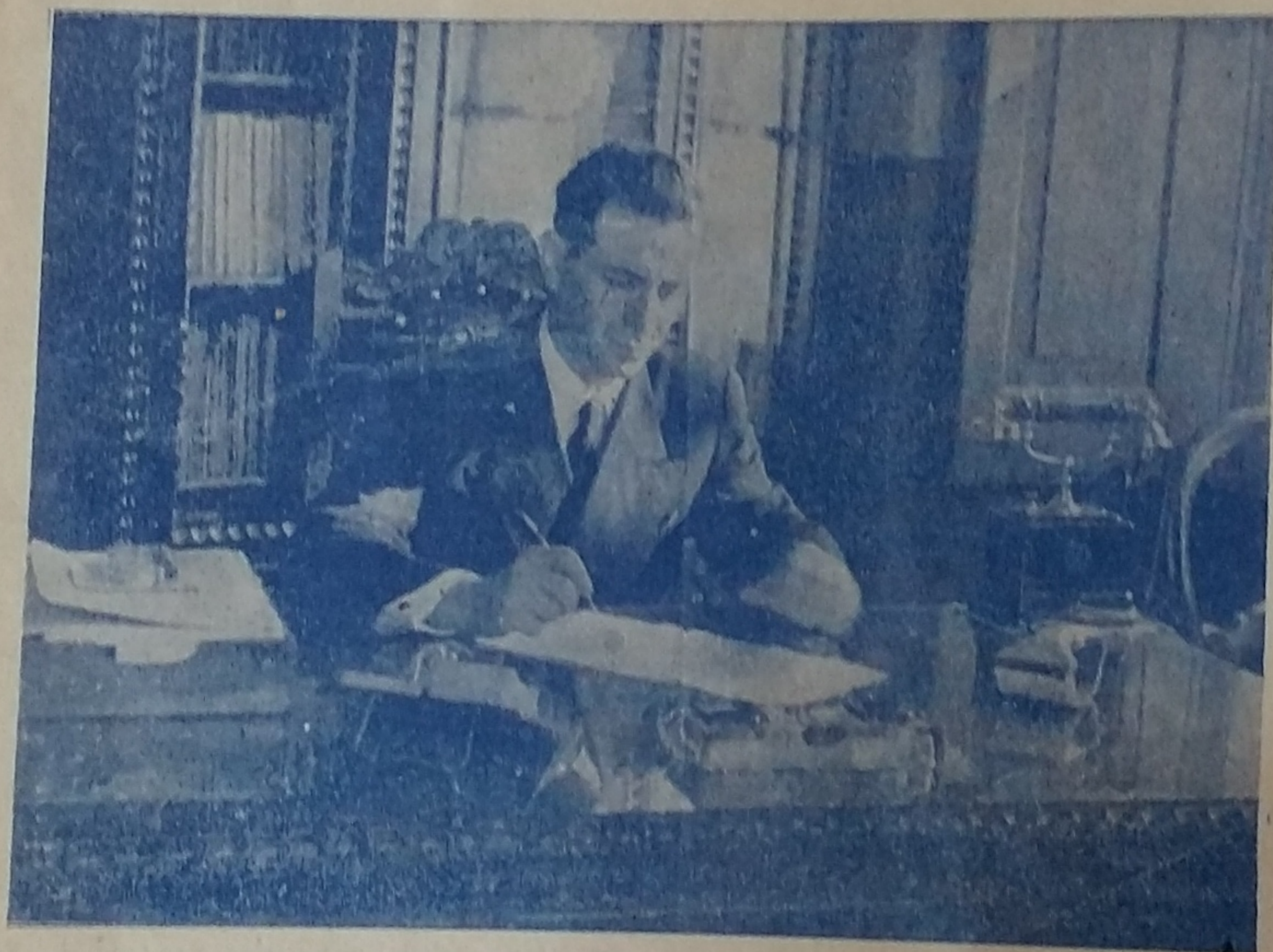
Heloisa de Faria Barros

Dezembro de 1947.



Dr. Agenor Pereira de Andrade, Vice-Reitor e Diretor dos cursos secundários do Granbery, que em 1947 colou grau de bacharel em direito pela Faculdade de Direito de Juiz de Fora

“Preferimos continuar com o sistema ortográfico de 1943”



O Prof. Vittorio Bergo, nosso Reitor e Diretor desta folha, tal como o fixou o operador da “Carriço Film” no seu gabinete de trabalho

Fala ao “Diário Mercantil”, sobre o discutido acôrdo ortográfico, o prof. VITTORIO BERGO — A tese da “língua brasileira”.

Temos nestes últimos anos sofrido a influência de constantes reformas. Quando não é de regime político, será de ensino ou da ortografia mista. Em 1943 reuniram-se os mos tido sossêgo, desde que calu a chamada “sábios” luso-brasileiros para estabelecerem um acôrdo, gesto com o qual supúnhamos encerrarem-se as dúvidas. Mas, eis que, agora, muito recentemente, os acadêmicos se reúnem para discutir novamente a questão de unificação da língua portuguesa.

Recebida com o desagrado dos profissionais e desconhecida dos demais patrfelos, procuramos ouvir o prof. Vittorio Bergo, um dos mais eminentes filólogos mineiros, quiçá do Brasil. Em seu gabinete nos atendeu sollicitamente, declarando-nos, em resposta às diversas perguntas, o que se segue. Tendo

sido a primeira uma indagação a respeito de sua opinião sobre o novo acôrdo ortográfico, declarou-nos textualmente:

— Qual a sua opinião sobre o novo acôrdo ortográfico?

— O novo acôrdo ortográfico tem o grande inconveniente de ser uma entre muitas inovações do modo de grafar as palavras portuguesas, num período demasiadamente curto para tantas experiências.

Durante muito tempo se discutiu se a ortografia devia ser etimológica ou fonética. Chegou-se à conclusão de que ainda af a virtude estava no meio e adotou-se um sistema eclético. Este, entretanto, dava margem aos mais variados caprichos individuais, pelo que se concluiu ser necessário um movimento de unificação. E era natural que esta se fizesse por meio da simplificação, tanto quanto possível.

O reconhecimento desta necessidade levou até etimologistas ferrenhos, como Ramiz

Galvão, a abandonar a escrita tradicional, em benefício de um acôrdo que pusesse termo à balbúrdia reinante.

Tudo parecia bem encaminhado e, com tais exemplos de renúncia, venciam-se a pouco e pouco os últimos redutos dos conservadores. E' conhecida, porém, a série de reformas que se propuseram. Alterar a grafia das palavras portuguesas passou a ser, em vez de grave ocupação de filólogos, diversão vulgar de acadêmicos, jornalistas, deputados e até vereadores municipais, como os do Distrito Federal, e indivíduos, como muitos, que se dão ao luxo de ter o seu código ortográfico particular.

Faço esta explanação introdutória para justificar o desagrado com que, depois do vocabulário oficial de 1943, recebi o de 1947. Este não é propriamente repreensível, salvo nos casos em que atende mais às conveniências da pronúncia lusitana do que às da brasileira, que tem a seu favor uma população quase oito vezes maior.

Com exceção do professor Sá Nunes, que foi o assessor técnico da comissão brasileira enviada a Portugal para entendimento com a comissão da Academia das Ciências de Lisboa, nenhum professor brasileiro de língua portuguesa conheço eu que tenha recebido com agrado as bases do último acôrdo. A causa está em que todos nos temos esforçado em habituar os nossos alunos à fisionomia das palavras segundo as normas anteriormente estabelecidas, uma das quais determinava o banimento das consoantes mudas.

Quero crer que a restauração destas, que em muitos casos têm para os portugueses mero valor de sinal diacrítico, haja sido a causa principal da geral repulsa dos brasileiros ao novo acôrdo. E razão há para isto, pois tais consoantes só se sustentam na escrita tradicional graças a um hábito, que nós nos esforçamos por desenraizar e efetivamente já desenraizamos. E' natural, agora, que os portugueses aprendam a abrir certas vogais sem que para isto se sirvam

de consoantes improferíveis, do mesmo modo que nós, brasileiros, corrigimos nossos vícios de pronúncia por meio de uma aprendizagem adequada. Ou, então, que se admitam, no caso de palavras como **ótimo**, **caráter**, **teto** e outras que tais, grafias duplas, como em convênios anteriores, porque nunca é demais um pouco de liberdade no que quer que seja susceptível de evolução. Seria isto simples manifestação de sincretismo gramatical, fenômeno natural da linguagem.

Em suma, não acho de todo mau o novo acordo ortográfico. Julgo-o apenas inoportuno e importuno, por contradizer em pontos essenciais os que o precederam imediatamente.

— O senhor acredita em que possa vir a vigorar?

— Penso ter respondido já a esta pergunta. A geral repulsa — dos filólogos, da imprensa e do povo brasileiro — a algumas das alterações ajustadas ao conclave de Lisboa indica que preferimos continuar com o sistema estabelecido em 1943, o qual já representa grande conquista no sentido da simplificação e da unificação ortográfica. O parlamento, penso eu, caso avoque a si o direito de opinar na matéria, não o fará certamente, como autoridade legislante, com desrespeito dos nossos técnicos de lingüística, que têm a autoridade filológica.

— Seria mais razoável que Portugal e Brasil cuidassem separadamente da ortografia?

— Não penso assim. Há causas étnicas, históricas, afetivas, culturais e de outras naturezas que aconselham a manutenção em comum do patrimônio idiomático. E, assim sendo, só pode haver vantagens na unidade ortográfica, dentro de princípios razoáveis que atendam à média das conveniências recíprocas.

— Acredita na possibilidade de uma língua brasileira?

— Nada impede que haja uma nação brasileira, completamente livre e soberana, bem

como uma literatura brasileira, inteiramente autônoma e até original, apesar de ser portuguesa a língua que falamos.

Divergências de pronúncia, recapituladas num tema de ortografia, não supõem necessariamente divergência de língua. O Brasil se conservou uno na sua grandeza, a despeito da diversidade étnica e das incursões estrangeiras, graças aos llames espirituais que a língua portuguesa estendeu às populações do centro, do norte e do sul. Fundar-se, agora, em pequeninas variantes ortoépicas ou vocabulares para estabelecer artificialmente os princípios de uma língua nova é abrir precedente para que de futuro se criem outras tantas línguas, que corresponderiam a outros tantos núcleos com pretensões separatistas, no norte, no nordeste, no centro e no sul do país, regiões em que se assinalam, de modo típico, sensíveis diferenciações idiomáticas.

A idéia de língua brasileira é consequência natural de um sentimento vincado de nacionalismo. Assim sendo, quanto mais se inclinar a literatura para os motivos nacionais, tanto mais vigorosa se apresentará esta como reivindicação do espírito nacional. Por isto se clamou pela língua brasileira nos áureos tempos românticos de José de Alencar, em que o indianismo e outros assuntos brasileiros constituíram a inspiração dos nossos escritores, e por ela se voltou a clamar agora no século XX, depois que grande corrente de modernistas tornou a recolher em temas da história nacional assuntos para os seus versos e romances.

Já hoje, todavia, não é fácil como outrora o desmembramento de uma língua. A cultura, e sobretudo a imprensa, bem como outros fatores da civilização contemporânea, são elementos bastantes para assegurar a unidade fundamental de uma língua rica, capaz de, por si só, servir aos mais variados interesses dos povos mais adiantados. Aí a razão pela qual me alisto entre os que julgam quimérica a "língua brasileira".

(Do "Diário Meractnil")

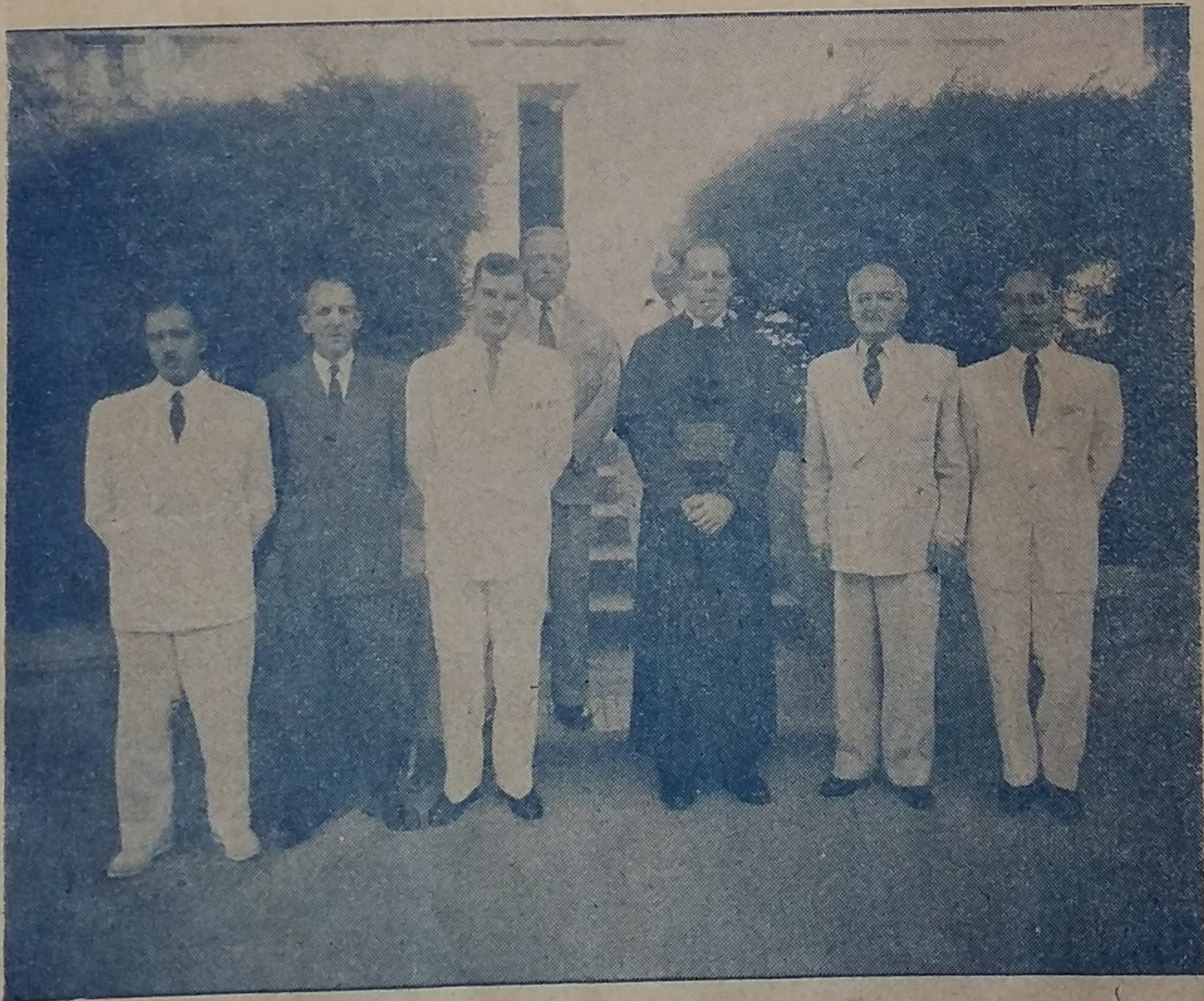
Internato Feminino



Apazível recanto da chácara do Internato Feminino

O lugar mais pitoresco do Granbery é aquele recanto agradável, onde se alojam as nossas alunas internas. O casarão antigo, recordando os bons tempos em que o problema da casa não existia, pois construíam-se quartos que por sua vez dariam uma casa das que hoje se constroem para aluguel de mais de mil cruzeiros; as copadas árvores e altas palmeiras, ostentando orgulhosas sua folhagem repicada e altiva; as sacadas de parapeito com plantinhas para encherem os olhos; as paredes bordadas de pinturas artísticas; as vastas salas; os pátios e parque dão um aspecto interessante àquele quartel feminino de quase meia centena de moças, de granberyenses que lutam pelo ideal de se tornarem mais úteis ao Brasil. Disse quartel; creio ser a palavra um pouco forte em se tratando do elemento grácil; isto é porque, quando penso em estudante, vejo um soldado perfilado, empunhando a mais poderosa espada que é o livro. Troquemos a palavra quartel por ninho. O Internato Feminino é um ninho; é um ninho porque está entre árvores; porque o ninho dá a idéia do aconchego, do carinho, do afeto, do cuidado. Ali estão as avezinhas delicadas ensaiando os vôos para as gigantesas arremetidas do futuro. Um dia elas desamarão as alturas dos espaços e deixarão para sempre o ninho, mas este jamais será esquecido porque aí elas aprenderam a arte difícil de vencer.

1947 foi o segundo ano em que D. Ada de Figueiredo Sucasas dirigiu o nosso departamento feminino interno. Fomos colher algumas impressões com ela para esta revista Sempre muito delicada, ela nos contou toda a história de suas "filhas adctivas" e o quanto de zelo que tem por elas, sendo às vezes bem rigorosa, isto por sentir o grande peso da responsabilidade. Sabe que os pais confiam e esperam o máximo do estabelecimento. As alunas compreenderão



FACULDADE DE DIREITO

Bacharéis de 1947 pela Faculdade de Direito de Juiz de Fora, juntamente com alguns professores, vendo-se ao centro o Diretor, Prof. Benjamin Colucci, antigo e querido Professor do Granbery

O GRANBERYENSE E. R. G.

um dia o motivo de seu rigor e saberão justificá-la.

Vimos as dependências, as salas, os quartos, a cozinha, enfim percorremos tudo e ouvimos tudo.

Uma das coisas importantes do Internato Feminino é o local e a extensão de terra. Pelo morro se estende a lavoura de milho e outras plantas; no alto vê-se a orla de lindas árvores de um verde agressivo, dominando o horizonte, de onde o plenilúnio quase sempre sai como se fôra de um leito de rendas esmeraldinas.

Sobre o gramado macio as alunas se põem à vontade, ora lendo alguma revista para o seu lazer, ora empunhando um livro didático aproveitando as sombras amenas e dizem sorrindo: "A vida assim é melhor".

Só o que atrapalha um pouco é quando chove. O colégio ainda não tem um ônibus para conduzi-las às aulas e trazê-las. Mas já se pensa em adquirir um o mais cedo possível. Enquanto se espera por ele, elas vão treinando paciência.

Sonha-se para um futuro, não muito remoto, a construção de edifício adequado com instalações modernas e, então, todos os pequenos problemas serão solucionados.

Podemos dizer que foi um ano feliz. Houve esforço e boa vontade por parte das alunas. O Internato Feminino é já uma realidade e uma grande esperança granberyense.

**"UMA VEZ GRANBERYENSE,
SEMPRE GRANBERYENSE!"**



O autor desta frase, Dr. W. H. Moore, recebe em sua casa, em São Paulo, a 18 de outubro de 1947, delicada manifestação de granberyenses que lhe festejam o aniversário. Vêem-se, ladeando o ilustre homenageado a sua digníssima esposa, os granberyenses Dr. Joel Ramalho, D. Judith Chaves Ramalho, Marino Giannini, Dr. Theotônio Negrão, Nelson Vilela Reis, Dr. Anderson Andrade, Dr. Rubem Pierre, Dr. Dermeval Frossard, Else de Moraes Sá, Dr. Arnaldo Serroni, Sra. Anderson Andrade, Oswaldo Teixeira da Silva, D. Elda da Fonseca Gusmão, Mr. Carr, Maria Lúcia, filhinha do Dr. Theotônio, e Roberto, filho de D. Elda. Outros granberyenses, que perfizeram o total de 22, não puderam figurar na chapa.



Canto do Estúdio Radiofônico Granberyense, vendo-se o excelente aparelho transmissor que veio dar nova vibração aos nossos trabalhos

Você, leitor, não é capaz de avaliar que lindo e bom amplificador adquiriu o nosso colégio. Não foi um presente de algum granberyense capitalista (não quero dizer que um granberyense afortunado seria incapaz de oferecer um amplificador ao seu colégio) apenas quero explicar que muitos granberyenses tomaram parte numa campanha relâmpago para instalarmos um possante aparelho radiofônico.

O diretor do Departamento de Educação Religiosa pôs-se à frente do movimento e incentivou a rapaziada que, liberalmente, contribuiu para que depressa fosse concretizado o nosso sonho e em menos de um ano isto se deu. Todas as classes empenharam-se numa luta titânica e muitos ex-alunos acudiram em tempo e os diretores e professores vieram ao nosso encontro e de um sonho, no princípio, vimos o resultado chegar mais cedo do que esperávamos.

Venha você ao estúdio da E. R. G. e terá a impressão de uma pequena estação de rádio. Tudo ali é simples mas interessante. A nossa discoteca monta já a uns duzentos discos. Ali mesmo você poderá ouvir belas e modernas gravações pelo monitor, cantar para todo o Granbery e conversar a um só tempo com a numerosa família do G de ouro; poderá ouvir também as melhores estações do mundo.

Há música nos campos, nos refeitórios, nos pátios, no salão nobre, enfim, por toda parte e foi assim que o casarão branco, cercado de áreas esportivas encheu-se de música, de vozerio e de uma alegria própria



Rev. J. Sucasas Jr. — Diretor; Mauro Matos, Walmar Lobo, Hélio Alves, Tobias Sattler e Sidney Miller (com o "mascote" Sucasinhas), o dedicado grupo de operadores e locutores do E. R. G. em 1947

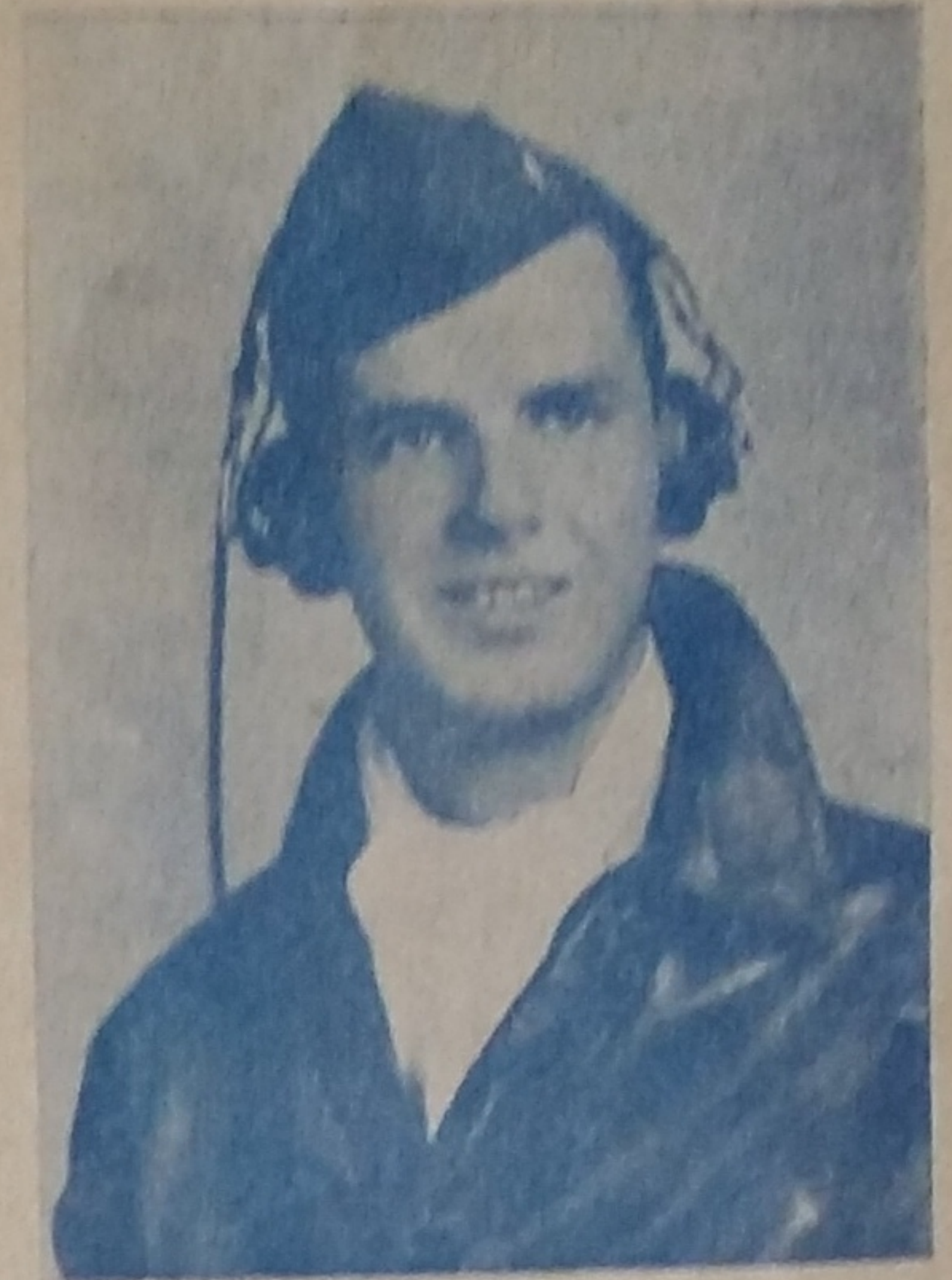


"O DIABO ENLOUQUEU" foi uma das peças em que a Associação Teatral Granberyense alcançou mais um dos seus retumbantes sucessos. Vê-se acima o grupo que a representou com os seus demais colaboradores e seu assistente, Prof. Agenor Andrade

da mocidade que estuda e se esforça quotidianamente.

Tôdas as grandes realizações são possíveis onde há cooperação e boa vontade e isto se deu aqui. O Granbery está, portanto, de parabens por mais um empreendimento deste jaez. Nossos auditórios são grandes e os oradores não encontrariam facilidade senão por intermédio de um sensível microfone como o que se acha instalado ali. *

O Estudo Radiotônico Granberyense será o trampolim pelo qual, de um salto, atingiremos o centro da tão decantada como encantada Piscina Granberyense. Com musica e natação a vida é melhor. A musica já temos, com ela exercitamos e refrescamos a mente, com a piscina exercitaremos e refrescaremos o corpo. E, agora, um alerta, rapaziada!



JOSE THOMAZ SULERUS, o nosso companheiro saudoso, cuja fotografia gravamos nesta página como gravada está em nosso coração

Três saudades



O inesquecível Norberto Ferreira, na flor dos anos arrebatado ao convívio dos seus queridos pais e irmãos e da família granberyense

"JESUS.

dá-nos forças para dominar nosso egoísmo, e não chorarmos suas ausências, e podermos senti-los visíveis aos pés do Divino Mestre".

Porque é lá, meus amigos, que deve estar Norberto Ferreira, o nosso Beto, criança feliz, o caçula do seu lar, que, na inocente despreocupação da meninice, foi vitimado em um desastre de caça.

"Pai Celestial, nossos entendimentos muitas vezes não compreendem Teus desígnios".

Mas aceitamos Tuas ordens, e pedimos que a resignação torne mais leve o fardo de seus pais, Dr. Teófilo e D. Bibi, e de seus irmãos: Angela, Alzinhinha e Maurício.



EXCURSAO AO SUL

Este belo quadro, fixado pela objetiva de um excursionista, não sai da retina dos granberyenses que foram ao sul

"Anda a tristeza ao lado da alegria", já disse o poeta, e nós vemos e sentimos a cada instante.

(Conclue na pág. 14)

"Saudade! Dor silenciosa, trama inatingível que o destino tece, sombra triste dos olhos de quem ama, voz da garganta de quem não esquece".

E' a voz da saudade que vamos ouvir.

Esta saudade imensa que enche nossas almas, transborda de nossos corações e embarga nossa voz.

Trama que o destino traçoeiro teceu, trazendo o luto para a família granberyense, esta família unida que acompanha seus filhos pela vida em fora, vibrando com suas alegrias e vitórias e sentindo suas dores e tristezas.

Três dos seus membros foram atingidos pela fatalidade!

Três vidas em flor! mocidade radiante, a esperança da pátria querida, foram roubadas do convívio dos seus.

Nós sabemos que para aqueles que são fiéis ao Senhor a vida não se acaba, mas apenas se transforma, porque, destruídas as suas tendas na Terra, abre-se-lhes no Céu uma morada eterna.



Para "matar saudades", publicamos a fotografia em que aparece a maior embaixada que já saiu do Granbery e constituída da A. E. G., A. T. G., "Conjuntio Coral Granberyense" e representantes de grêmios, num total superior a sessenta pessoas, e que em 1946 retribuiu a visita do IPA (Porto Alegre) e do IE (Passo Fundo). Com a turma do "G" de ouro confraternizam alunos do IPA, em campo deste

Três saudades

Conclusão

Férias alegres, dias ditosos, depois o retorno aos estudos.

Quais seriam os sonhos que povoavam o espírito de Frederico Lins quando a morte o colheu em um violento desastre de automóvel? Planos de futuro? Sonhos de amor? Recordação de algum passeio?

Nunca se saberá o que lhe ia na mente quando o nosso Fred terminou a sua missão terrena.

Hoje dele somente resta a lembrança no coração daqueles que o conheceram.

Aqui no Granbery deixou ele boas amizades; e aos seus pais, Dr. Paulo e D. Nair Lins, e à sua irmã Marlô, tão bons amigos desta casa, o nosso abraço, e a certeza de que partilhamos a sua dor, procurando assim tornar menos pesado o seu sofrimento.

JOSÉ THOMAZ SURERUS

— Provaste que é de fibra igual à tua que se forjam os abnegados heróis que fazem a grandeza de uma nação.

Podias ter a vida despreocupada dos rapazes da tua idade, pois não te faltavam nem o carinho de um lar, nem o apoio material de teus pais. No entanto, na ânsia de ser útil, tudo abandonaste para seguir teu lindo ideal: — Aeronáutica!

“Voar, sentir mais de perto a carícia do vento e o calor do sol!”

Fôste bem longe, num curso de especialização nos EE. UU. De lá voltaste no esplendor da mocidade, e assim a vida te sorria, acenando-te com todos os encantos.

No entanto, outro era o teu desígnio! E, com meia dúzia de bravos, tombaste como herói, pois o teu último ato, e de teus companheiros, foi de compreensão dos deveres. Com o avião em chamas, voaste para longe da cidade, evitando que mais fôssem as vítimas do desastre. E assim, as águas amigas do Capiberibe abriram seus braços para receber estes Ícaros modernos.

E. T. C. I. G.



A pequena turma (numéricamente...) do 4.º Básico em 1947

O GRANBERYENSE

— Aos pais do Zé Thomaz, Dr. Alfredo e d. Júlia Surerus, e ao nosso bom colega Luís, a certeza de que o ente querido, que tanta falta lhes faz, tem hoje, mais do que nunca, lugar de destaque na galeria dos filhos amados do Granbery.

E assim, meus amigos, neste momento prestamos nossa homenagem aos três irmãos granberyenses:
NORBERTO FERKEIRA
FREDERICO LINS

Setembro de 1948

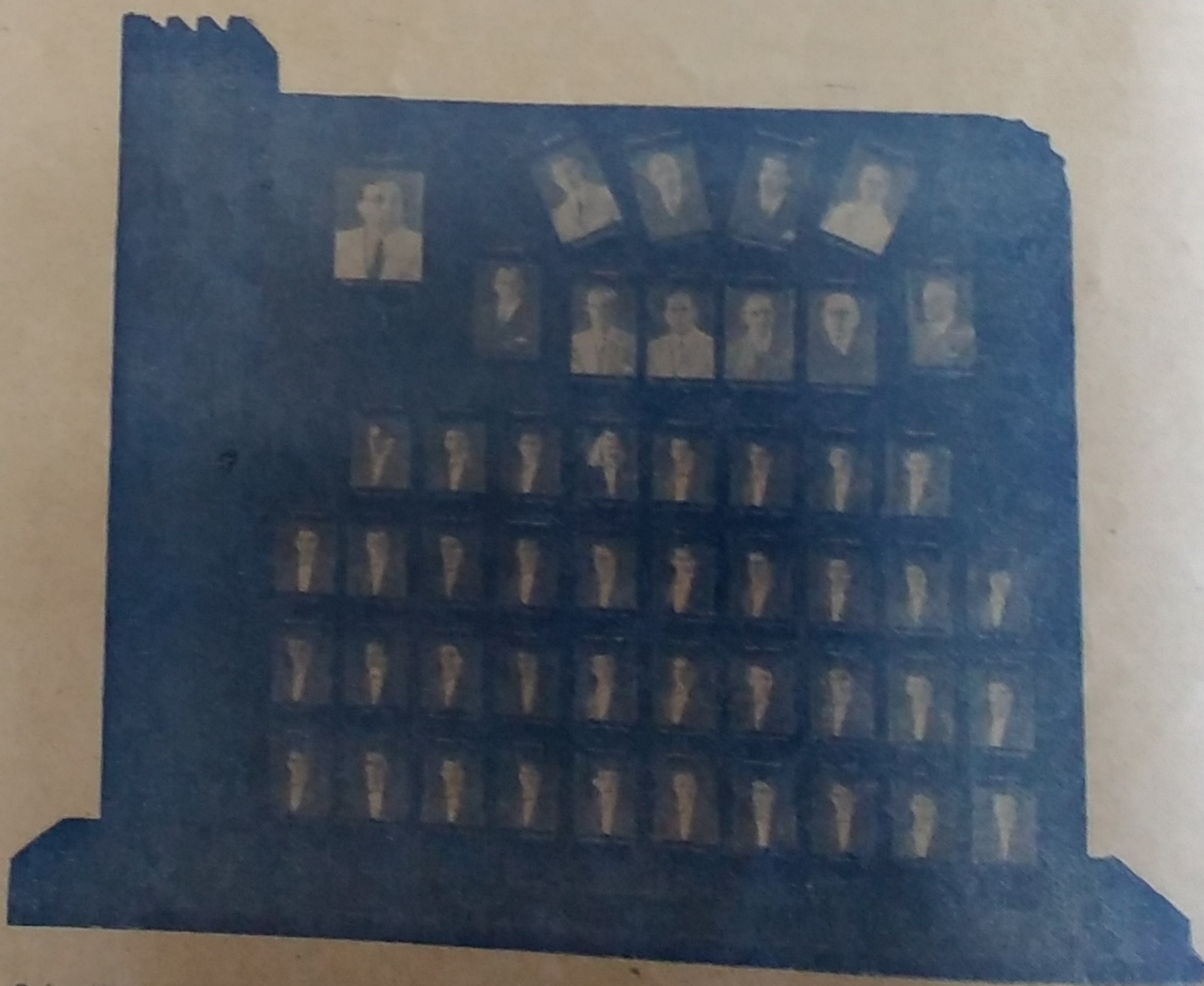
JOSÉ THOMAZ SURERUS, pelo término da jornada terrena. Que nossos pensamentos se elevem ao Senhor, numa prece saída do íntimo do nosso ser, dizendo com os lábios e com o coração:

“O SENHOR NO-LOS DEU,
 O SENHOR NO-LOS TOMOU;
 BENDITO SEJA O NOME DO SENHOR!”
 Dezembro de 1947.

H. B.



G. I. G.
 Primeiranistas do Ginásio e do Curso Básico em 1947, vendo-se ao centro o Prof. Carlos Del Llano



C. I. G.
 O bonito quadro de formatura do 3.º Ano Científico, de que foi paraninfo o Prof. Sebastião Montes, e cuja apresentação artística é de lamentar tenha sido prejudicada pelo escuro da fotografia

Centro de Ação Social



A dedicada Diretoria do Centro de Ação Social em 1947, vendo-se o Presidente, Rev. J. Sucasas Jr., a Vice-Presidente (atual Presidente), D. Cecília Costa, e o incansável grupo de tesoureiros de classe, constituído dos alunos Jorge Pedro Couri, Geraldo Mendonça, Heleisa Barros, Johana Madsen, Naja Nacur, Olga Pereira, Marly Haddad, Israel Silva, Paulo Gomes, José Barbosa, Armando Benini e Reinaldo Santos. À frente, o galante Sucasinhas

Desde 1937 que esta organização vem exercendo no Instituto Granbery sua boa influência no sentido de ajudar os alunos menos favorecidos da fortuna. Foi uma iniciativa de valor e que deve existir enquanto existir o Granbery. É considerado seu fundador o Prof. Carlos D. Lhano, atual diretor do Curso Comercial Noturno. Por muitos anos liderou o movimento o Prof. João Panisset, diretor do Externato, prestando excelentes serviços ao Centro.

Muitos de nossos leitores não têm conhecimento desta organização, especialmente os alunos mais antigos. Devemos esclarecer que os contribuintes são os próprios estudantes, mas recebemos constantemente auxílios de pais de alunos e de granberyenses de perto e de longe que bem compreendem a extensão e a altura deste movimento.

Quantos jovens são obrigados a abandonar a carreira estudantina por falta de recursos! No ano de 1947 vi ram solicitar o concurso do Centro diversos moços e moças que não fôsse a ben mérita organização, teriam eles deixado os estudos. Além deste objetivo altamente simpático, o Centro atende a um número bem grande de pedidos diversos. É por esta razão que apelamos aos corações generosos no sentido de virem ao nosso encontro.

Como o colégio tem, anualmente, sua receita e despesa e luta denodadamente para vencer a carestia, não pode auxiliar atualmente como sempre o fez, a alunos carentes. De 37 para cá um número considerável de granberyenses teve seu triunfo coadjuvado pelo Centro de Ação Social. Um

dêles esteve presente a uma das nossas reuniões mensais, dirigiu a palavra comovido e contou sua experiência; entregou-nos uma valiosa oferta e disse que faria o máximo pelo Centro, pois este fez o máximo por ele.

Dirigiu-o como presidente durante o ano transato o Prof. José Sucasas Jr. As reuniões foram regulares e animadas. Todos os pedidos foram satisfeitos e as contribuições satisfizeram às necessidades do ano letivo.

O movimento foi de dez mil cruzeiros arrecadados, justamente o alvo feito na primeira reunião do ano. Retiramos cerca de sete mil cruzeiros e resta em caixa para o próximo ano escolar a quantia de três mil cruzeiros. Esperamos que o 48 seja o melhor ano para o Centro, pois se iniciara com fundos já tranquilizadores e terá ensejo de socorrer mais largamente aos que sonham com um risinho ideal e são impedidos pela premissa das circunstâncias.

O presidente agradece a todos que generosamente cooperaram com este departamento do nosso colégio direta e indiretamente. Reserva uma palavrinha particular para os tesoureiros que não mediram sacrifícios afim de solidificar a obra. Eles merecem os mais calorosos aplausos e o reconhecimento do Granbery. Também D. Cecília Costa, devemos dizer que foi um dos motivos do nosso grande êxito; sempre alegre e pronta em fazer o melhor para o Centro. Sua cooperação foi excelente, trabalhando ultimamente com a Congregação.

Terminando, estamos certos de que, doravante, todos compreenderão melhor a finalidade do Centro de Ação Social e, alegremente, virão oferecer-lhe seus préstimos de ordem material e moral, contribuindo assim para uma parcela cintilante da glória do Brasil de amanhã.

A MANEIRA por que um homem é governado pode não ter importância, ao passo que tudo depende da maneira por que ele governa a si mesmo. — XXX —

Nada mais perigoso do que um bom conselho acompanhado de um mau exemplo. — Mme. De Sablé. —

As nações viris não se conseguem formar senão pela cultura paralela e recíproca do corpo e do espírito — Rui Barbosa.



"DIA DO GRANBERYENSE"
Aspecto do almoço de confraternização dos Granberyenses, a 8-9-47

O GRANBERY EM GOIÁS

GINÁSIO DE PIRES DO RIO

PROFESSORES

LUIZ A. MILAZZO — Diretor de nosso Ginásio e 1.º suplente à Câmara Estadual de Goiás. Vencendo lutas de toda ordem, como sejam econômica, política e religiosa, além daquelas próprias do Ensino, conseguiu entregar à cidade sua primeira turma de ginásianos granberyenses piresinos.

HERCILIA LIMA MILAZZO — Enfren-

ALFREDO KALIL BIRBARY — Pela sua idade, além de professor, o temos sempre como nosso segundo pai. Conhecedor e professor de diversas linguas, muito viajado, sabe manter sempre palestras agradáveis, com o que cativa sempre a simpatia até dos mais rebeldes discípulos.

DR. ANGELINO MILAZZO — Granbery-



Prédio, ainda inacabado, do Ginásio Granbery, de Pires do Rio, de que é Diretor o distinto granberyense Prof. Luis Milazzo.

tando o desconforto, corajosamente, como professora e amiga da mocidade, tudo tem feito para que o Granbery continue vitorioso em Pires do Rio.

GRACIEMA FELIX DE SOUSA — Além de ser professora no nosso Ginásio, apesar de muito jovem ainda, é diretora do Grupo Escolar da cidade. Nas festas sociais e tea-



GOIANIA — Um logradouro da linda capital sertaneja, visitada por uma embaixada de Granberyenses no ano passado

trais que o Granbery promove deixa sempre sua contribuição de apreciados números de arte. Apesar de não ter estudado no Granbery, é granberyense de coração.

ense desde os seus primeiros dias de estudo, este deu sua contribuição ao nosso Ginásio como professor de Geografia e Ciências. Como substituto eventual do Diretor e Técnico esportivo, conseguiu sempre, a amizade sincera dos seus discípulos.

JOAQUIM MIRANDA ROSA — Como professor de Matemática tem arcado com uma grande responsabilidade. Esforçado sempre tem procurado ser um bom mestre granberyense.

FORMANDOS

DIRCE PORTO — É uma das primeiras Granberyenses de Pires do Rio. Em 1944, por terem cancelado o funcionamento do Granbery Goiano, preferiu ela, junto a outros seus colegas, estudar em Juiz de Fora. Reiniciadas as aulas do Granbery mirim, voltou "à casa paterna". Durante o seu curso destacou-se sempre como uma das primeiras da classe, distinguindo-se também nas atividades extracurriculares. Em 1945 e 46 foi eleita presidente da A. T. Granberyense. Foi também Secretária eficiente do Grêmio Literário Castro Alves. Nas eleições das "Notabilidades de 47", foi classificada

em 2.º lugar, com diferença de um voto da primeira colocada, como "a mais querida", o que atesta que ela é de fato uma garota exemplar. Ótima artista de palco. Uma das muitas belezas do nosso Ginásio. Pretende ser professora, para o que se matriculará em 1948 na Escola Normal do Granbery.

DULCE PORTO — Como Dirce também estudou em Juiz de Fora. Aluna exemplar, querida de todos, boa esportista e ótima artista de palco. Nas "Notabilidades de 47", foi eleita "a melhor declamadora". Em 46, fez parte de duas comissões executivas, da teatral e do Grêmio, onde sua atuação foi das mais destacadas. Secretária da Associação Esportiva em 1947, soube desempenhar seu cargo com lisura e presteza. Também continuará no Granbery, como aluna do Curso Normal.

LETICIA TEREZINHA CESARIO — Uma boa dádiva do Gammon de Lavras, ao Granbery, em 1946. Simpática e possuidora de delicada beleza, foi sempre amiga de todos. No Grêmio Literário Castro Alves, ocupou o cargo de presidente da Comissão Executiva. Esportista, boa declamadora e atraente artista de palco, soube cativar a admiração de todos.

NASSIMA HELOU — Aluna bem esforçada. Leal aos colegas, amiga de todos e querida por todos. Embora retraída, destacou-se no Grêmio Literário Castro Alves, como declamadora. No palco granberyense soube também sair-se galhardamente. Também pretende ser uma das primeiras normalistas Granberyenses.

NELSON SIQUEIRA — Um dos baluartes da vida Granberyense. Em 1944, estudando em Juiz de Fora, soube robustecer-se do Como Diretor Esportivo, foi sempre efici-



A embaixada granberyense que, passando por Pires do Rio, em visita ao Ginásio do Granbery, foi até Goiânia, em visita a s. ex. o sr. Governador Jerônimo Coimbra Bueno, que lhe dispensou as melhores atenções

Espírito Granberyense, para depois transmiti-lo aos goianos. Três anos consecutivos foi eleito presidente do G. L. Castro Alves.

GINÁSIO GRANBERY

(FILIAL)

PIRES DO RIO GOIÁS



A primeira turma de ginásianos diplomada pelo Granbery em Pires do Rio, Goiás, em 1947, vendo-se acima os diretores e professores

ente. Da A. T. Granberyense foi Vice-presidente. Sempre tomou parte em todos os esportes. Foi campeão de ping-pong. Na escolha das "Notabilidades Granberyenses" foi eleito, com grande vantagem, "o melhor orador". Por isso mesmo foi o orador da turma. Também conseguiu colocar-se em segundo lugar como "popular", "artista de palco" e "declamador". Granberyense, de corpo e alma, continuará seus estudos no Granbery das alterosas.

MAURILIO FERREIRA — Como mascote da turma, foi sempre o "dodói" das meninas. Foi eleito "o mais popular". Apesar do tamanho (é novo também em idade) foi sempre um adepto incansável de todos os esportes. Foi um dos componentes da 1ª equipe de ping-pong. Nos estudos destacou-se sempre. Aos professores deu sempre algum trabalho pela sua excessiva curiosidade intelectual. Pretende formar com o Nelson uma boa dupla golana no 2.º ciclo, em Juiz de Fora.

GERALDO DE OLIVEIRA GUIMARAES — Apesar de suas tendências para m cântico e "chauffeur", foi sempre bom granberyense, fazendo parte daqueles que em Juiz de

Fora, conseguiram boa "dose" do "espírito Granberyense". Possuidor de uma "vontade louca" de ser orador, conseguiu a vice-presidência do G. L. C. Alves. Como bom atleta, foi presidente da Associação Esportiva. Na teatral ocupou o cargo de secretário. Na escolha das Notabilidades de 47, sagrou-se o melhor declamador e o melhor artista de palco, conseguindo, ainda o segundo lugar como "o melhor atleta". Foi sempre um granberyense dinâmico.

MARCIO MARTINS — Apesar de ser traído, foi sempre bom granberyense. Cancelado, temporariamente, o funcionamento do nosso ginásio, em 44, foi cursar a primeira série em Juiz de Fora. Como estudante destacou-se no estudo das linguas com grande eficiência. Bom declamador, principalmente em francês. Fêz parte da diretoria da Associação Esportiva, para a qual deu sempre o melhor das suas contribuições.

Uma mentira é como uma desgraça: traz sempre sérias consequências. — Vinet.

Bom livro é aquele que se abre com curiosidade e se fecha com proveito. — Abott.

Notabilidades granberyenses em 1947

- O melhor orador — Nelson Siqueira
- O melhor declamador — Geraldo Guimarães
- A mais bonita — Durama Nasser
- A mais querida — Diva Veiga
- O mais popular — Maurílio Ferreira
- O melhor artista de palco — Geraldo Guimarães
- O melhor esportista — José Dib Mereb
- A melhor declamadora — Dulce Porto

Disseram uma vez a Castilho:
— Se o verso alexandrino se compõe de dois versos de seis sílabas, então não é preciso fazer alexandrinos: basta fazer versos de seis sílabas.

Castilho respondeu:
— E' verdade, mas o alexandrino tem mais imponência, mais brilho. Assim, quando temos muita sede, preferimos beber um só copo grande de água a beber dois pequenos". (Ap. Marques da Cruz).

Atividades Esportivas de 1947

BASQUETEBOLE

Otimo rendimento apresentou nosso team de bola ao cesto. Tratando-se de gente nova, genuina "prata de casa", conseguiram nossos cestobolistas realizar pelepas em que demonstraram sua capacidade de executar em campo tudo que lhes foi ensinado, com perfeita marcação por zona, quase que intransponível, e com um ataque rápido e certo. Nada mais se lhes podia exigir, pois a única derrota que teve o quadro durante



ITALO — O Prof. Italo Dacorso tem sido o construtor de já incontáveis vitórias esportivas do Granbery. Publicando-lhe o retrato, tirado num intervalo de suas atividades de Diretor do Departamento de Educação Física do Granbery, rendemos-lhe a nossa calorosa homenagem.

o ano deve-se unicamente a falta de chance, pois, em cima da hora, dois lances livres foram perdidos. E ainda pode-se acrescentar que se tratava de um verdadeiro "scratch", com os melhores elementos da cidade.

Foram estes os resultados:

Granbery 39 x C. Marconi 34

Granbery 61 x C. Piedade 47

Granbery 31 x Ex-Alunos 32



O forte conjunto de voleibol do ano passado e o Prof. Italo Dacorso, seu dedicado treinador



AEG — Nosso primeiro quadro de basquete bol em 1947, a que deve o "G" de ouro grande número d e expressivas vitórias

Granbery 56 x Faculdade Católica de Direito 25

Granbery 41 x A. C. M. 34

VOLEIBOL

Outra equipe que produziu bastante, tendo apenas uma derrota, — para o demolidor "six" dos ex-alunos, — honrou as cores auri-marinhas, demonstrando ardor de "sangue".

Caracterizado por ótima defesa, e com o ataque bom, produziu o bastante para vencer adversários que, se não foram de gran-

de categoria, demonstraram resistência e combatividade.

Granbery 2 x Piedade 0 (15x2—15x2)

Granbery 2 x C. Marconi 0 (15x4—16x14)

Granbery 0 x Ex-alunos 2 15x13—15x13

Granbery 2 x Faculdade Católica de Direito 1 (15x8-11x15-15x8)

Granbery 2 x A. C. M. 0 (15x1—16x14)

VOLEIBOL FEMININO

Embora não tenha apresentado grandes atuações, não foi dos piores o rendimento do nosso "six" f. minino.

Tôdas as meninas são novas no esporte da



O nosso valoroso primeiro quadro de futebol que em 1947, juntou muitas e espetaculares vitórias ao já acrescido acervo de nossas glórias esportivas

rêde, e, não tendo ajuda número suficiente de cortadoras, uma levantadora foi preparada para tal fim, apresentando notável adaptação. Falta ainda às nossas jogadoras mais lasticidade, além de não terem altura para facilitar o esforço físico que lhes é exigido.

- Granbery 0 x Bennet 2 (7x15—13x15)
- Granbery 2 x Ex-alunas 0 (15x5—15x9)
- Granbery 2 x E. P. O. 0 (15x5—15x7)
- Granbery 2 x A. C. M. 0 (15x3—15x4)

FUTEBOL

Inegavelmente as honras principais se devem à equipe de futebol.

Perfeitamente ajustado, contando com ótimos elementos, o quadro deu verdadeiras lições de futebol à platéia juizdeforana. Invicto na temporada, enfrentando quadros fortísimos, sempre se houve com brilhantismo o nosso esquadão. Tal foi o prestígio por ele alcançado, que era o convidado de honra para a preliminar dos célebres en-



Nosso quadro feminino de voleibol que, apesar do "nervosismo", nos tem dado sensacionais vitórias

contros mineiros x cariocas, chegando mesmo a impressionar melhor que o jogo principal. Essas asserções são de pessoas de inegável neutralidade, portanto re-

presentam o melhor elogio possível para o nosso onze. Suas vitórias foram:

- Granbery 1 x 12 R. I. 0
- Granbery 3 x Piedade 2
- Granbery 8 x Marconi 1



O quadro de futebol dos Menores (1947), orientado pelo popular médio granberyense Hélio Alves, vulgo Jacaré

- Granbery 3 x Ex-alunos 1
- Granbery 3 x Combinado B. Pirai 2
- Granbery 8 x Ginásio Sul-Fluminense 1

MÉDIOS

Inegavelmente o grupo dos médios constitui o celeiro dos "cracks" granberyenses. Lá são preparados os elementos que vão preenchendo as vagas deixadas pelos que vão terminando seus cursos. Sob a orientação de Paulo Ferreira, lutaram sempre com entusiasmo, embora nem sempre fossem coroados de êxito seus esforços.



Valorosa turma de atletas de 1947

assistência, que nunca regateou aplausos as suas belas jogadas.

MINIMOS

Orientados por Nisto Malta, produziram acertadamente, revelando futurosos "players". Vencendo a maioria dos seus adversários, alguns de físico superior, sempre deram mostras de grande combatividade e muito ardor na defesa de suas cores.

ATLETISMO

Com apenas um veterano na equipe, constituiu esta a maior revelação de nossos campos, pois, tratando-se de meninos em sua maioria, conseguiram ótimos resultados.

Na única competição que houve, com o C. Marconi, levantaram todos os primeiros e segundos lugares, com exceção do lançamento de dardo, em que perderam o primeiro lugar.

Valores que poderão ainda render muito mais, lamentamos apenas que não tenhamos conseguido mais colegas que queiram disputar provas atléticas.

Esperamos que as turmas deste ano — aliás já bem começadas — confirmem as vitórias das que se foram.



O futuroso quadro dos Médios, ótimamente orientado em 1947 pelo nosso mesquiteiro zagueiro Paulo Moraes Ferreira, o jogador técnico, leal e delicado



Quadro de voleibol feminino da ACM, que as nossas moças enfrentaram galhardamente no ano passado e em junho último — aqui e no Rio — colhendo expressivos triunfos



O quadro dos mínimos em 1947, treinado pelo vibrante granberyense Nislo Mata



Flagrante da cordial troca de flâmulas entre o Granbery e a ACM, ao ensejo da visita desta, quando falava o nosso Reitor

Atividades Esportivas de 1947



Chegada de Lalé (Israel Abranches) em sensacional corrida



O valente quadro de basquete da Associação Cristã de Moços, de que é treinador o querido granberyense Paulo Ferreira e que, a pesar dos pesares, foi vencido pelos nossos rapazes

Victor Hugo e a abolição

Quando, a 25 de março de 1884, se proclamou no Ceará a emancipação dos escravos, José do Patrocínio falou sobre o grande cometimento a Victor Hugo, que escreveu o seguinte:

“Une province du Brésil vient de déclarer l'esclavage aboli.

C'est là une nouvelle!

L'esclavage c'est l'homme remplacé dans l'homme par la bête; ce qui peut rester d'intelligence humaine dans cette vie animale de l'homme, appartient au maître, selon la volonté et son caprice.

De là des circonstances horribles.

Le Brésil est porté à l'esclavage un coupe décisif. Le Brésil a un empereur; cet empereur, il est un homme.

Qu'il continue. Nous le féliciton et nous l'honorons.

Avant la fin du siècle, l'esclavage aura disparu de la terre.

La liberté est la loi humaine.

Nous constatons d'un mot la situation du progrès; la barbarie recule, la civilisation avance”.

SAUDADE

A saudade é calculada
Po ralgarismos também.
Por algarismos também:
Po lo fator “querer bem”.

Bastos Tigre

O homem é um espírito servido por um corpo. — Platão.

A BALEIRA

(Trovas a uma pobre mocinha, vendedora de “balas-beijo” no Pretório)

Não cores, não tenhas pejo,
baleira, pobre baleira,
de andares a vida inteira
mercadejando o teu “beijo”...

O teu comércio é inocente,
o teu balcão é ternura;
teu “beijo” é todo doçura,
no céu da boca da gente.

Seguindo rumos diversos,
encontrámo-nos aqui;
Se são de mel estes versos,
a doçura vem de ti.

Rio—Agsto 48

Cenas da comédia humana

- ★ Há indivíduos que se preocupam com coisas perfeitamente dispensáveis. Chegam a adoecer por causa de um sem número de preconceitos sociais tolos.
- ★ Outros falam de liberdade. Em seus lares, porém, são tiranos.
- ★ Poucos são os que dizem aos quatro cantos do mundo o que pensam e o que sentem. Não há dúvidas de que é mais cômodo viver hipocritamente...
- ★ Alguém praticou um furto: se é rico — os outros dizem que é um "cleptomaniaco"; se é pobre — dizem que é um "ladrão incorrigível".
- ★ U'a moça que se conserva calada quase sempre porque não sabe conversar, não tem assunto: se é rica e bela — dizem os outros que é "tímida e recatada"; se é horrorosa — dizem que é "ignorante".
- ★ Ninguém consegue negar a complexidade da manifestação dos sentimentos humanos: depende de grande número de causas.
- ★ Além disso, uns costumam agir de acôrdo com a dignidade; outros, de acôrdo com os interesses em jôgo...
- ★ Sucede assim na política: um determinado indivíduo critica acerbamente um govêrno. Um dia lhe oferecem uma oportunidade na direção do país. Vê-se nos altos postos. Incorre nos mesmos erros...
- ★ Outro dia um colega se queixou de que não o compreendem. E' assim mesmo, meu caro. Quantas vêzes os outros nos acusam do que mais sinceramente desprezamos? Quantas vêzes nos atribuem frases que jamais escrevemos e pensamentos que nunca passaram por nossos cérebros? Francamente, isso até é divertido...
- ★ Outro me disse que não sabe odiar. Por que?
"Porque, pensando bem, cada qual traz em si um pouco de angústia, um desejo irrealizado, um sonho que ruiu. E o ódio, por isso, se transforma em piedade."
- ★ No palco da vida, trabalham bem os que têm ideais. Mesmo feridos pela inveja, mesmo desprezados, mesmo caluniados, os dignos deixam transparecer em seus semblantes a chama imperecível do ideal, porque os ataques não derubam os que se elevam.

Sebastião M. Ribeiro



"DIA DO GRANBERYENSE"

Alunos e Ex-Alunos confraternizados em 8-9-1947, tendo por traço de união o Rector, vendo-se ao fundo a barulhenta torcida da "Velha Guarda"...

REPENTISTAS

Conhecemos aqui em Lisboa um homem que glosava motes (por difíceis e paradoxos que fôssem) sem deter-se mais do que enquanto corria a mão pelo bigode, torcendo-o na ponta. Uma vez lhe propôs o marquês de Fronteira o seguinte mote:

"A mais formosa que Deus"

E êle, levantando os olhos pensativos, e fazendo a ação costumada, saiu logo com a seguinte glosa:

"Com duas donzelas vim
Ontem de uma romaria;
Uma feia parecia;
Outra era um serafim.
E vendo-as eu assim
Sós, sem os amantes seus,
Perguntei-lhes: anjos meus,
Quem vos pôs em tal estado?
Disse a feia, que o pecado!
A mais formosa, que Deus!"

Padre Manoel Bernardes

SONETO DITADO NA AGONIA

Já Bocage não sou!... A cova escura
Meu estro vai parar desfeito em vento...
Eu aos Céus ultrajei! O meu tormento
Leve me torne sempre a terra dura;

Conheço agora já quão vã figura
Em prosa e verso fêz meu louco intento;
Musa!... Tivera algum merecimento
Se um raio da razão seguisse pura

Eu me arrependo; a língua quase fria
Brade em alto pregão à mocidade
Que atrás do som fantástico corria:

Outro Aretino fui... a santidade
Manchei!... Oh! Se me crêste, gente ímpia,
Rasga meus versos, crê na eternidade!

NOTA — Manuel Maria Barbosa du Bocage, arcádicamente como Elmano

Sadino, não é, ao contrário do que supõe o vulgo, mero poeta satírico. E' também admirável lírico e língua portuguesa. Poeta repentista, não tenia rítmica nos momentos de emoção forte, fugiu muitas vêzes à norma da moral que lhe ditava o próprio coração generoso, do que se penitencia no soneto supra. E injusto, entretanto, atribuir-lhe, como sói acontecer, muita anedota imunda, e lamentável que muitos o conheçam apenas a êsse aspecto, exagerado por pessoas irresponsáveis. Mas ninguém perderá em ler, entre outros, êste soneto ditado na agonia, que é exemplo moral além de padrão literário.

O AMOR

Busque Amor novas artes, novo engenho
Para matar-me, e novas esquivanças;
Que não pode tirar-me as esperanças.
Pois mal me tirará o que eu não tenho.

Olhai de que esperanças me mantenho!
Vêde que perigosas seguranças!
Pois não como contrastes nem mudanças
Andando em bravo mar, perdido o lenho.

Mas conquanto não pode haver desgosto
Onde a esperança falta, lá me esconde
Amor um mal, que mata e não se vê,

Que dias há que na alma me tem posto
Um não sei quê, que nasce não sei onde,
Vem não sei como e dói não sei por quê.

NOTA — Luís Vaz de Camões, o imortal vate lusitano do século XVI, não é só o glorioso épico de OS LUSIADAS, mas também admirável dramaturgo e delicado lírico. Resume, em sua genialidade, o poeta de todos os gêneros, em todos magnífico. No soneto supra é de notar a graça com que define o sentimento do amor.

COLÉGIO PIRACICABANO



"DIA DO GRANBERYENSE"

Alunas e Ex-Alunas, no intervalo da sensacional pejeja feminina de voleibol do Dia do Granberyense, em 1947, deixam-se fotografar em redor do Reitor, Prof. Vittorio Bergo

CURSOS DE CULTURA
ITALIANA

Realizou-se no dia 28 de Agosto último, no salão nobre do Instituto Granbery, cedido para o ato ao Comitato Dante Alighieri, a solenidade de instalação dos cursos de língua e literatura italiana, sob os auspícios dessa organização, de que é presidente o dr. Archimede Bottale.

Abrindo a sessão, o presidente do Comitato pronunciou um discurso em que expôs os fins da novel instituição cultural e saudou as autoridades presentes e o sr. Cônsul Geral da Itália, dr. Valério Valeriani, que no ato representou o sr. Embaixador desse país amigo, passando-lhe em seguida a presidência da sessão.

Convidado para falar sobre a vida e a obra de Dante Alighieri, falou em seguida o Prof. Vittorio Bergo, que historiou a notável influência do genio florentino na literatura não só de seu país como também de todo o mundo principalmente através da "Vita Nuova" e da "Divina Comédia", obra admirável pela sua concepção, sentimento, forma, originalidade e objetivo.

Falou ainda o prof. João Gonzo Filho, que se referiu ao grande movimento social e artístico que foi o Renascimento.

Por último, o dr. Valério Valeria

ni, antes de declarar encerrada a sessão, congratulou-se com os presentes pela magnífica hora cultural passada, dizendo do contentamento com que ouvia novas informações sobre a vida do grande vate italiano, de que lembro expressões inolvidáveis, nelas enquadrando as emoções da culta assistência daquela hora.

Dada a grande importância da lín-

O Colégio Piracicabano, que comemora de 10 a 15 do corrente o aniversário de sua fundação, convidou para participar do programa esportivo de seus festejos a representação do Instituto Granbery.

O "G" de ouro far-se-á representar pelas suas turmas de futebol, basquetebol e voleibol, sendo que deste último esporte irá também a turma feminina.

Para os granberyenses, que votam grande simpatia aos seus irmãos piracicabanos, o novo contacto é motivo de grande regozijo, pelo que se apressam eles com ansiedade para a grande festa de confraternização.

Aliás, vão eles retribuir visita que o Piracicabano nos fez em 1945, ocasião em que foram tiradas as fotografias que publicamos nesta página e que patenteiam a confraternização, no mesmo ano, de granberyenses, piracicabanos, isabelinas e batistenses.

Ao Colégio Piracicabano, na pessoa de seu ilustre reitor, Prof. Josafá Lopes, auguramos intérminos anos de redobrados triunfos.

gua, da literatura e da arte italiana em geral, é de desejar que tenham o merecido acolhimento os cursos em tão boa hora inaugurados.



PREMIO W. H. MOORE

O Dr. Moacir Borges de Matos, ex-presidente da Associação dos Granberyenses, e o Prof. Irineu Guimarães, atual presidente, convidados pelo Reitor, Prof. Vittorio Bergo, fazem entrega do "Prêmio W. H. Moore" de 1945 e 1946 aos distintos jovens Nilo de Oliveira Mota e Kleber Halfeld, respectivamente, no "Dia do Granberyense", em 1947

GRUPO ESPERANTISTA GRANBERYENSE

O Grupo Esperantista Granberyense, de que é presidente o ilustre professor dr. Benjamin Colucci, diplomou este ano a sua primeira turma, tendo sido feita no dia 1.º deste, em interessante sessão, presidida pelo Reitor, a entrega dos certificados.

Numa justa homenagem ao brilhante esperantista dr. Benjamin Colucci, os diplomandos elegeram no seu parainfo e os que assistiram à reunião tiveram o prazer de verificar a facilidade e segurança com que o brilhante intelectual se exprime na língua criada por Zamenhof para ser mais um elo de estreitamento das relações entre os homens.

Em seguida à brilhante oração do dr. Colucci, também se serviram da palavra, ainda em esperanto, os dedicados professores cap. Jorge Firmino de Santana e Isaltino Silveira Filho, que, conquanto tenham sido os preparadores da turma, receberam também o seu certificado de habilitação.

Constituíram a turma, além dos dois citados professores, os srs. prof. José Francisco Marçílio Filho, farmacêutico Victor Bastos, prof. Salim Saleh, Milton Luís Gerheim, Roberto Martins Viana, profa. Rosinha Saleh, Dinah Saleh, Orville Derby de Araújo Dutra, Anderson Mega, Aser Ramos,



G. I. G.

Terceiranistas do Ginásio em 1947, vendo-se acima, à direita, o Rev. Prof. J. Suezas Jr.

Geraldo de Sousa Pinto, Enock Galvão Tinoco e prof. Vittorio Bergo.

Ao Grupo Esperantista Granberyense, que conta agora maior número de eficientes colaboradores, aúguramos constantes triunfos, que não terão sentido local mas haverão de refletir-se na sociedade, dado o elevado alcance humano do movimento esperantista.

Não será fatigante o trabalho se o fizeres com amor. — Victor Pauchet.

INSTITUTO GAMMON

Este colégio irmão comemorou no dia de sua fundação, o que quer dizer, quase oitenta anos de assinalados serviços à causa da educação da mocidade brasileira.

Convidado de honra, o nosso Reitor, prof. Vittorio Bergo, participou das festividades, tendo falado por ocasião do almoço de confraternização da Associação Gammonense, ocasião em que apresentou ao Instituto Gammon, na pessoa de seu ilustre e dedicado Reitor, dr. L. G. Calhoun, o fraternal abraço do Granbery.

As festas do Gammon tiveram transcurso brilhante, sendo de notar o espírito de unidade de todos os cursos — desde o primário até o superior de Agronomia — e de que participou também, numa simpática demonstração de cordialidade, a embaixada esportiva da Escola Superior de Agricultura de Viçosa, que abrilhantou os festejos.

Ao Instituto Gammon, nossos votos de ininterruptas e crescentes vitórias.



C. I. G.

Segundanistas do Ginásio em 1947, vendo-se entre eles os professores Benevenuto Campos e Augusto Gotardelo

EPIGRAMA

(Aos pés de Nicolau Tolentino)

Se o Padre Santo tivesse
Um pé dos teus, Nicolau,
Podia, mesmo de Roma,
Dar beija-pé em Macau...

Bocage



G. I. G.

Os quartanistas do Ginásio em 1947 fotografados juntamente com o Prof. Adolfo Schlottfeldt

QUE QUERO EU ?

Quero uma poltrona em que me possa mergulhar inteiramente e repou-sar das fadigas de um dia agitado. Das fadigas das romarias freudianas, shaksperianas, ciccianas... Quero uma poltrona larga, ampla, macia. E a luz tênue de um "abat-jour" perto da poltrona. Para que nas noites de chuva eu possa ler Musset, Chateaubriand, Alencar, Guilherme de Almeida, Augusto dos Anjos... Fugir das sine-

tas, dos laboratórios, das reuniões do D. A. I. G. ...

Não quero, no entanto, flores perto de mim: o lugar delas é no campo. Prefiro um canário que cante ao amanhecer, depois de dois versos de Araújo Jorge... Quero momentos de solidão sem que nada me possa perturbar, momentos só meus. Nestes momentos, quero sentir que meu pensamento é livre como um vagabundo despreocupado e feliz. E que só o que eu



E. T. C. I. G.

Primeiranistas do Curso de Contabilidade em 1947

quero enche o meu sonho vadio de estudante...

Quero ver, sempre que possível, uma nesga de céu. Principalmente se me deixa ver a côr do céu azul molhado depois da chuva. E, se possível, que terra me dê o seu cheiro de terra molhada. E aí, então, eu procurarei passar meus sonhos escuros para a brancura do papel...

Quero alguns livros, poucos aliás, mas que se encontrem misturados numa deliciosa promiscuidade, poemas de poetas revolucionários e a tranquila filosofia dos pensadores orientais.

Quero, enfim, uma amiga leve, espiritual, desmaterializada. Que tenha um pouco de compreensão para os meus defeitos e um pouco de tolerância para a minha agressividade de espírito...

Joaquim Simeão de Faria Filho
(3.º C A)

1-9-48—3 Científico

A VERDADE

Waldemar Medeiros
(3.º CA)

Infelizmente parece que, quanto mais evoluem os homens, mais se distanciam da verdade. Pode-se até mesmo dizer que a evolução está na razão direta da mentira e na inversa da verdade. Talvez seja isto uma consequência das guerras e desentendimento geral dos povos cu mesmo de ser a mentira de fabrico muito fácil. Contudo, não nos iludamos. A verdade é a única capaz de dar ao homem de hoje algum valor. Precisamos valorizar nossa palavra para darmos valor a nós próprios.

Houve quem dissesse, com razão, que a palavra verdadeira é uma moeda que sempre terá circulação em todo lugar. Não nos ocupemos, portanto, em fabricar moedas falsas.

Dizem que o mentiroso faz de suas palavras um castelo de cartas, que o mais tênue vento derruba por terra.

Precisamos ter cuidado! Tal castelo pode desabar!

Em 1—9—948

O direito à vida é proporcional ao dever do trabalho; o trabalho dá vigor aos músculos e tèmpera ao caráter. — Ingenieros.

PREGUIÇA

A preguiça, inda de peito,
muito custou a criar:
quase que morreu de fome,
com preguiça de mamar.

Preguiça, já crescidinha,
quando por seu pé andava,
não era andar... mais par'cia
que tôda se espreguiçava.

Preguiça foi à lição:
— ler, escrever e contar?
Deixava a memória em casa
com preguiça de a levar.

Preguiça foi confessar-se:
— “Fêz exame de consciência?”
— “Não fiz, meu padre, mas faça-o
amanhã; tenha paciência”.

Preguiça aprendeu costura
mas, sempre que costurava,
só para não pôr dedal,
sempre os seus dedos picava.

A mãe rallhou à Preguiça
porque não se penteara.
Torna-lhe ela: — “Há quantos dias
é que a mãe não lava a cara?”

Preguiça, morta de sono,
quase de sono morria:
só por não fechar os olhos,
quantas noites não dormia!

A Preguiça abria a bôca,
coisa em que ela era mais certa:
mas, depois, p'ra a não fechar,
ficou sempre “bôca-aberta”.

A Preguiça e o Desmazêlo
juntaram-se em casamento,
levando os dois, em bom dote,
uma mão cheia de vento.

Preguiça teve dois filhos
(oh! que santa geração!):
— a mais velha, Dona Fome;
— o mais novo, Dom Ladrão.

Antonio Correia d'Oliveira

EPIGRAMA

(A uma mulher de nariz grande)

Nariz, nariz e nariz
Nariz que nunca se acaba.
Nariz que, se êle desaba,
Fará o mundo infeliz...
Nariz, que Newton não quis
Traçar-lhe a diagonal...
Nariz de massa infernal,
Que, se o cálculo não erra,
Pôsto entre o céu e a terra
Faria eclipse total!

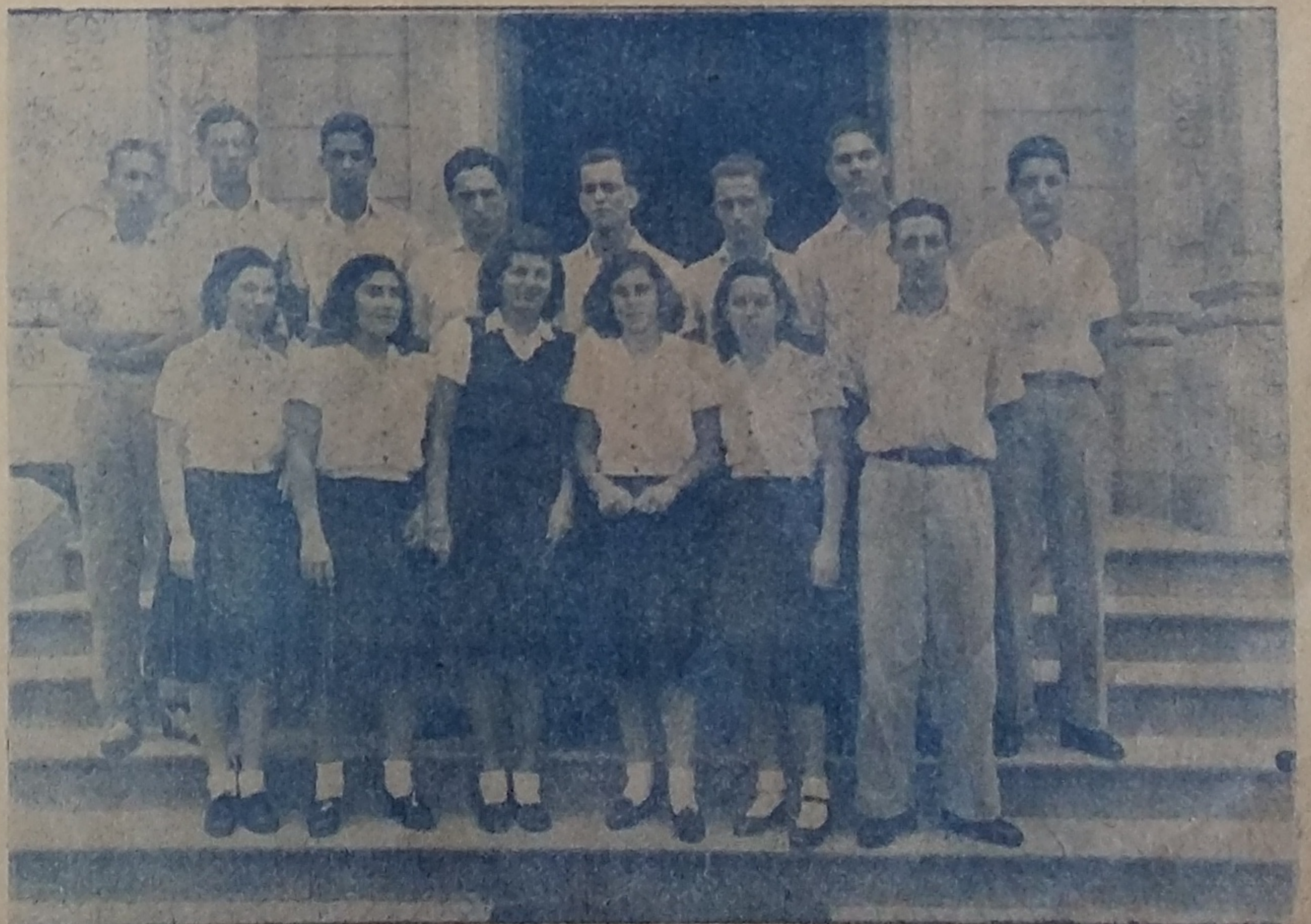
Bocage

Paciência é talento para resistir e vencer.
— Renato Kehl.



G. I. G.

Quadro dos alunos que terminaram no ano passado o Ginásio do Instituto Granbery.



E. T. C. I. G.

Segundanistas de 1947 do Curso de Contabilidade



C. I. G.

Primeiranistas do Colégio em 1947

A VERDADE

João Guilherme Guimarães
(3.º CA)

Entre os defeitos que mais aviltam o homem está, sem dúvida, a mentira, que corrói o caráter, desfibrando o homem.

O mentiroso nunca é capaz de gestos que exijam senso de responsabilidade, sentimento de dignidade humana, capacidade para o sacrifício, incorruptibilidade. Porque tudo isso exige tempera moral, esforço espiritual, e o mentiroso pode sempre fugir a êsse sacrifício com uma mentira.

A mentira é, assim, uma evasiva constante, que poupa o seu autor a um duelo espiritual com a realidade; uma variante na vida pela qual foge a um encontro com as responsabilidades que lhe caibam; uma válvula de escape que esvazie a máquina do seu espírito, desarmando-a para suportar o peso dos seus deveres e vencer as distâncias do seu destino.

Entretanto, como é comum, entre os homens, a mentira! Mente o pobre para conseguir o pão de cada dia; mente o rico para explorar o pobre, mentem pais, filhos, alunos, mestres, governantes, governados — todo o mundo.

Governantes também! A história da política internacional de todos os tempos em geral, e dêsses últimos vinte anos em particular, é uma grande teia de mentiras. Mentem tanto os em-

baixadores, homens de estado, ministros, que quase sempre se devem ler às avessas as declarações que êles fazem nos jornais.

Entretanto, que bonita que é a figura de um Washington, que fêz da verdade um dos princípios básicos de sua vida! Aquêle de quem nunca — afirmam os que o conheceram — se ouviu uma mentira! E a de Lincoln, que o que dizia, sentia! Os seus discursos vibram até hoje pela sinceridade com que os pronunciava.

Aliás, a seu respeito conta-se um

incidente que retrata bem o seu caráter de cultor da verdade.

Certo político foi visitá-lo e, para lisonjeá-lo, insistiu com uma sua filhinha para que lhe recitasse uns versos.

A menina, tímida, hesitava. E o político, para convencê-la, mostrou-lhe uma grande medalha de ouro que trazia na corrente do relógio prometendo-lha, se atendesse ao seu pedido.

Vencendo o acanhamento, a garota declamou, e não é preciso dizer que o ilustre visitante a felicitou calorosamente. Tinha conseguido um pretexto para maiores elogios à família.

E dispunha-se a sair, fazendo as últimas despedidas, quando Lincoln lhe pediu desculpas para lembrá-lo de que havia assumido um compromisso com sua filha, o qual era preciso cumprir. O amigo do presidente não teve dúvida em confessar que o fizera apenas para vencer a resistência da menina. Mas não fugiu ao compromisso.

E Lincoln aceitou, "Porque, disse-lhe, não temos o costume de mentir à nossa filha. E o descumprimento dessa promessa seria perigoso..."

E que nos fique o outro exemplo — o de Lincoln. Porque, quando buscarmos mais a verdade haverá mais confiança e compreensão entre os homens

O mais rico dos homens é o econômico; o mais pobre é o avarento. — Chanfort.



G. I. G.

Segundanistas em 1947 — hoje terceiranistas — do Colégio do Instituto Granbery



C. I. G.

Terciranistas do Colégio em 1947, quase todos matriculados este ano em escolas superiores

A LEITURA

Gerhard Broesigke

(3.º CA)

Não é necessário nenhum esforço para nos levar à compreensão do fato de que a leitura exerce uma influência poderosíssima e, ao mesmo tempo, decisiva na formação do espírito e do caráter daqueles que a ela se dedicam.

Daí, ser de máxima importância uma escolha selecionada dos nossos livros que, sem dúvida ou exagero, além de imprescindíveis instrumentos para a nossa formação constituem os nossos

melhores amigos e nos fornecem agradável entretenimento.

Segundo se expressa Alfonso Karr, "a leitura é uma ausência agradável de nós mesmos".

Podemos assegurar que aquele que não lê é ignorante; o escritor que não dedica parte do seu tempo à leitura, perde metade do seu talento, pois, como dissera em certa ocasião Flaubert, "o talento não se improvisa: transfunde-se por infusão".

Em sentido mais nítido, ler é estudar linha a linha uma obra literária.

A leitura deve ser uma impregnação geral: é preciso assimilar, do autor que

se lê, o garbo, a elegância expressional, enfim, o tom geral.

É interessante observar que as leituras das primeiras idades, a par de se adaptarem ao gosto da adolescência, devem ter um cunho essencialmente moralizador; porém, quando se chega a certa madureza moral, o critério seletivo é o do talento. De sorte que, se um livro tem talento, leamo-lo.

A leitura deve ser também variada, para que a gente não se prenda a idéias fixas e a opiniões exclusivistas.

Não devemos ler apenas aquilo de que gostamos. Se os livros considerados bons nos desagradam a princípio, comparemos-nos por lê-los, para que, afinal, venhamos a gostar daquilo que não compreendíamos.

Enfim, nada se pode igualar no mundo à contemplação desta infinita riqueza, deste manancial imenso que concretiza os esforços da inteligência humana.

INSTITUTO AMERICANO DE LINS

A 19, 20 e 21 de Agosto, o Instituto Americano de Lins, Estado de São Paulo, festejou o 20.º aniversário de sua fundação, com um interessante programa comemorativo, tendo participado dos jogos esportivos o Instituto Mackenzie.

Por intermédio de seu dedicado reitor, dr. Clement Hubbard, enviamos ao vitorioso colégio irmão os mais efusivos prolaças.

ESCOLA DE ENGENHARIA DE JUIZ DE FORA

Esta nossa vitoriosa instituição de ensino superior, que é justo título de orgulho para Juiz de Fora, comemorou a 17 de Agosto o 34.º aniversário de sua fundação e o 20.º de magistério do professor José da Rocha Lagoa, tendo convidado, além disto, para dar a aula inaugural do segundo semestre o eminente cientista dr. Luis Nogueira de Paula, da Universidade do Brasil, no dia 16 do mesmo mês.

Recebam os ilustrados diretores, professores, ex-alunos e também os dedicados alunos nossas vivas felicitações pelo novo estádio vencido.



E. T. C. I. G.

Quadro dos alunos do Curso Básico que receberam seus certificados em 1947, vendo-se ao centro sua paraninfa, Profa. Joana Iscold

O TRABALHO

Gilbert Prates (3.ª CA)

Cada dia que passa, mais claridade o homem descobre no caminho que o leva ao desconhecido, mais estímulo a natureza lhe fornece nas lições de trabalho dadas por seres por nós tachados de inferiores e mais paciência deposita na mente humana.

O trabalho dignifica e enobrece, tal é o dito popular que exprime bem a necessidade do trabalho na nossa vida e exalta a classe operária, assim como todos os demais que fazem do trabalho não um meio de vida, mas um modo de purificar o corpo e dotar a alma com os ensinamentos dele obtidos.

A ausência de ocupação traz o vício e as perversões que minam o caráter do homem, alargando assim os horizontes do mal que, dia a dia, clamam com persistência a vinda dessas aves de arribação.

O ser mais ínfimo, a porção menor da matéria não raciocina, mas trabalha como ninguém. E porque não havemos nós de, dotados do raciocínio, fazê-lo muito melhor?

E' uma satisfação percorrermos uma grande fábrica, visitar tôdas as suas dependências, privar um pouco com seus operários e notar também a felicidade despreendida daquele ambiente que por pouco não se assemelha a um santuário. Um templo religioso é uma casa de trabalho. Porque então uma casa de trabalho não será um templo onde se cuida do corpo e do espírito, onde se recebem lições mudas de abnegação, sinceridade, retidão? Enfim, um preservativo contra os males criados pelos próprios homens, que ali então buscam o consólo das suas vidas.

Como uma síntese de tudo que aqui foi escrito, posso citar um pensamento de Voltaire: "O Trabalho afasta de nós três grandes males: o tédio, o vício e a necessidade".

A CASA DO CORAÇÃO

(trad. de Rückert)

O coração tem dois quartos:
Nêles moram, sem se ver,
Num, a Dor; noutro o Prazer.

Quando o Prazer, em seu quarto,
Acorda cheio de ardor,
No seu adormece a Dor.

— Cuidado, Prazer! Cautela!...
— Fala e ri mais devagar...
— Não vás a Dor acordar.

Bocage



E. T. C. I. G.

Quadro dos alunos que tiraram, em 1947, o certificado do Curso Básico Noturno da Escola Técnica de Comércio do Instituto Granbery



E. T. C. I. G.

Contadores de 1947, com seu paraninfo, Prof. Tomaz Bernardino

Sociais

FALECIMENTOS

FRANCISCO FORTES BUSTAMANTE — Faleceu nesta cidade, a 17 de Agosto último, o sr. Francisco Fortes Bustamante, que foi da primeira turma de alunos do Granbery e que exercia funções de relêvo na Prefeitura Municipal. Operoso e inteligente, estava elaborando interessante estudo histórico do município, o qual não chegou a terminar mas, certamente, prestará grande serviço à nossa cultura. Deixa viúva a exma. sra. d. Floresta Sampaio Bustamante, sobrevivendo-lhe os seguintes filhos: Francisco, Célio, Geraldo (menor) e Corália.

À família enlutada, nossas profundas condolências.

— **FRANCISCO ANTONIO SCAPOLATEMPORE** — Depois de súbita e insidiosa enfermidade, para cuja debelação foram baldados todos os recursos da medicina, faleceu nesta cidade, na madrugada de 27 de Agosto, o distinto granberyense Francisco Antônio Scapolatempore, que aqui terminou o curso complementar. Precisamente por ser ainda moço, pois que contava vinte e três anos de idade, seu passamento causou profunda consternação, tendo sido grande o número de pessoas que lhe visitaram o corpo e o acompanharam à última morada.

Era o saudoso Francisco filho da exma. viúva d. Cesarina Guitti Scapolatempore e irmão da exma. sra. d. Mafalda Scapolatempore Pereira de Andrade, digníssima consorte do dr. Agenor Pereira de Andrade, nosso estimado vice-reitor e diretor dos cursos secundários.

Ao ensejo do sepultamento falaram diversos oradores, dizendo ao Francisco o adeus da família granberyense o prof. Vittorio Bergo, nosso dileto reitor.

Sôbre o túmulo foram colocadas inúmeras coroas e ramilhetes de flores, simbolizando a grande estima e saudade de diversas organizações e famílias.

Que Deus conforte o coração das famílias golpeadas.



E. T. C. I. G.

Quadro dos Contadores de 1947, seu paraninfo, Prof. Tomaz Bernardino, Diretores e Professores

A CULTURA INTELECTUAL

Hala Abdo

(3.º CA)

Não existe herança mais valiosa, capital mais rendoso e bem maior do que a cultura intelectual acompanhada de sólida formação de espírito.

Tudo que temos neste mundo corremos o risco de um dia perder, mas a cultura, se a possuímos, existirá enquanto existirmos! O dinheiro, à proporção que o usamos, mais escasso se vai tornando, ao passo que a instrução se amplia, se avoluma e se solidifica cada vez mais.

O maior bem que um pai pode dar ao filho é a educação e instrução. A fortuna pode garantir-lhe a vida por algum tempo, mas também pode le-

vá-lo à dissipação, ao jôgo, à perdição, enquanto que a instrução sempre lhe assegura a existência e o leva a altas posições. Se ela é completa, isto é, intelectual, moral, cívica e religiosa, condu-lo ao mais elevado cume da glória.

Muitos pais se descuidam da educação dos filhos, esquecendo-se de que devem orientá-los procurando desviá-los dos perigos a que estão sujeitos a todo momento. Dêles, entretanto, depende o futuro. Um grande pensador disse: a criança torna-se para os pais, segundo a educação que recebe, uma recompensa ou um castigo.

A falta de atenção de muitos pais a êste fator precioso leva muitas vezes a nação à ruína. Devemos encarar êste problema como a base para a boa formação de um país forte e poderoso.

SOCIEDADE DE MEDICINA E CIRURGIA

A Sociedade de Medicina e Cirurgia de Juiz de Fora está de parabéns com a realização das sextas Jornadas Médicas, realizadas em Agosto, em sua sede.

Ao ensejo da instalação dos trabalhos, no dia 11, foi prestada carinhosa homenagem à memória do dr. Hermenegildo Vilaça, cujo retrato se inaugurou no salão nobre.

Nossos aplausos à ilustre e operosa diretoria do benemérito instituto científico.

A NICOTINA

A nicotina é, sem dúvida, um inimigo declarado do organismo humano. São sempre desastrosos os seus efeitos, quer o fumo seja fumado, mascarado ou aspirado sob a forma de rapé. Sua ação, dependente do modo e da quantidade de uso, manifesta-se por vertigens, vômitos, depressão física e violentas palpitações do coração. E pode mesmo sobrevir a morte como epílogo de tudo, se, após êsses sintomas, não se abandonar o hábito. Embora seja curável a intoxicação inicial, o uso inveterado do fumo produz o envenenamento crônico chamado "tabagismo", caracterizado pela amnesia (perda de memória), ambliopia (enfraquecimento da visão), perturbações e outros sintomas que demonstram anor-



A brilhante turma feminina do Colégio Piracicabano, juntamente com seu então reitor, prof. Afonso Romano, e alguns dos atletas do mesmo educandário

malidade do sistema nervoso e na circulação. Várias ulcerações do estômago e dos intestinos são atribuídas ao uso do fumo, assim também algumas afecções da bôca, garganta e órgãos respiratórios, inclusive a "antracosis", ou seja, depósitos carboníferos na membrana mucosa. Todavia os pontos em que mais insistimos, na luta contra o hábito de fumar, especialmente tratando-se de jovens estudantes, são as falhas da memória e fraqueza da vista, manifestas em maior ou menor grau naqueles que a êste hábito se entregam.

Dr. Frank J. Fiallos

AOS MOÇOS

Saber estudar, possuir a arte de aprender, habilitar-se a navegar seguro por essas águas e através desses escolhos, já é ser abastado nas posses, e ter aproveitado o tempo. Conhecer a natureza quando seja mister, para adorar com discernimento a Deus, e governar com acêrto a vida, sobejamente compensa as maiores canseiras do entendimento, desde as porfias da escola até às meditações do gabinete. Por distintos, porém, que vos logreis fazer entre todos, ainda que o mundo vos enrame a fronte de coroas, e o nome se vos grave entre os dos privilegiados na fama, não seja nenhum de vós confiado na sua suficiência, nem na sua glória se envaideça. Porque só há uma glória verdadeiramente digna deste nome: é a de ser bom; e essa não conhece a soberba, nem a fatuidade.

Rui Barbosa



O nosso quadro de futebol que enfrentou em 1945 o Piracicabano e que hoje está completamente substituído

COLÉGIO ALÉM-PARAÍBA

Da ilustrada diretoria e dos alunos do simpático Colégio Além-Paraíba recebemos atencioso convite para assistir, nos dias 28 e 29 de Agosto, às festas comemorativas de suas Bodas de Prata.

Nossos cordiais parabéns pelas vitórias conquistadas e nossos votos de novos triunfos em prol de educação de nossa briosa mocidade.



O quadro de basquetebol de 1945, que enfrentou o Piracicabano.

Granbery x Colégio Anchieta

BASQUETEBOL

Como convidado para os jogos da Semana Granberyense, aqui estiveram rapazes e moças do Colégio Anchieta, de Belo Horizonte.

Embora fôsse previamente estabelecida a condição de trazerem os visitantes uma equipe de atletismo, tal não se verificou por motivos que desconhecemos.

Mesmo assim, em ambiente de expectativa foram iniciados os jogos na tarde do dia 2, quando se defrontaram as equipes de basquetebol.

Foi uma peleja emocionante, pois, apresentando um ótimo quadro, os visitantes logo tomaram conta do placar, que pouco a pouco se foi avançando para os belorizontinos.

Os granberyenses não apresentavam o jogo rápido que estamos acostumados a ver, embora lutassem heroicamente, e com muita valentia, mas um terrível azar os perseguia, não conseguindo eles colocar a bola dentro da cesta.

Iniciado o último quarto de tempo, lançaram-se os azuis com todo o ímpeto sobre a cesta adversária, e, ao faltarem 3 segundos para terminar o encontro, Renault consegue empatar a peleja.

Iniciada a prorrogação, ainda os belorizontinos começaram com vantagem, porém, lutando com as últimas energias, conseguiram os granberyenses passar à frente do marcador. Pouco depois termina a peleja com 49 pa-

ra o Granbery e 47 para o Anchieta.

Defenderam o "G" de ouro:

Juca — Celso — Cláudio — Vicente — Barone — Mauro — Renault — Itamar — Vieira.

VOLEIBOL

Na tarde do dia 3, realizou-se o voleibol. Jogo bem disputado, com nítida supremacia para o Granbery, que venceu por 2x0 (15x8 — 15x13).

FÚTEBOL

No dia 4, realizou-se o jogo de futebol — Grande superioridade do Granbery, que venceu folgadamente por 5x1. Mais dilatado seria o marcador, se os granberyenses tivessem insistido mais em procurar a meta adversária. Marcaram para o Granbery: Procópio (2), Aloísio, Bolão e Villa.

Jogou com os seguintes elementos o quadro granberyense:

Vicente (Carlos) — Santana — Odilon; Bolão — Firmino — André (Iran) e Pérsio — Aloísio — Procópio — Piaba — Caio — (Vila — Mílvio).

VÔLEI FEMININO

A peleja de voleibol feminino realizou-se no dia 6 pela manhã.

Embora lutassem com valentia, não puderam as granberyenses encerrar o ciclo vitorioso sobre o Anchieta. Ain-

da nervosas, não sabendo controlar-se nos momentos adversos, precisam as meninas do Granbery mais traquejo em competições afim de melhor rendimento apresentarem.

Embora individualmente apresente ótimos valores, não tem rendido em conjunto o "team" feminino granberyense.

Ganharam o 1.º "set". Perderam o segundo, embora reagissem tremendamente no final, e ainda perderam o terceiro "set", já completamente descontroladas. Assim venceu o Anchieta esta única prova por 2x1. O team do Granbery jogou com: Jalva — Diva — Sybile — Rosária — Aparecida — Olga — Sylma — Cacilda — Yone.

COLÉGIO ANCHIETA

Convidado para abrilhantar os festejos da Semana Granberyense, esteve entre nós, de 2 a 6 do corrente, uma brilhante representação do Colégio Anchieta, conceituado estabelecimento de ensino de Belo Horizonte, dirigido pelo ilustre professor dr. Newton de Paiva Ferreira.

A embaixada, constituída de 36 elementos, inclusive sete moças, veio chefiada pelo prof. Teodorico Vieira de Sousa e pelo técnico prof. Hernani de Sousa Reis.

No sábado, na assembléia das 11,30 foram os distintos visitantes recebidos oficialmente, realizando-se então um programa variado. Saudando os visitantes, o prof. Vittorio Bergo ofereceu aos chefes da embaixada distintivos do Granbery, fazendo elogiosas referências à turma e considerações acêrca da educação esportiva, tão importante para a vida prática. Em seguida deu a palavra ao aluno Hélio Pontes, que os cumprimentou em nome do D. A. I. G., de que é presidente. Em nome da A. E. G. falou o aluno Sebastião Marsicano Ribeiro, que produziu bem humorado improvisado. Em seguida, a aluna Rosália Guimarães declamou uma poesia e a aluna Edna Labbate entoou uma canção, acompanhada ao piano pela profa. Iolanda Fellet.

Franqueada a palavra, dela se serviu o prof. Teodorico Vieira de Sousa, diretor do curso diurno do Colégio Anchieta, que, depois de fazer uma série de considerações sobre o valor da educação física, externou os agradeci-

mentos de seus chefiados pela acolhida que lhes foi dispensada no Granbery.

Fernando Davino executou um dos bonitos números de piano de seu seletto repertório, tendo-se encerrado a assembleia com o cântico do Hino Granberyense.

À parte, publicamos em resumo a

marcha do movimento esportivo, para o que damos a palavra ao respectivo cronista.

Queremos externar, entretanto, nosso vivo contentamento pela excelente camaradagem que mantivemos com o Colégio Anchieta, esperando que ela se intensifique cada vez mais.



Ao ensejo da visita do Colégio Piracicabano, em 1945, abrilhantaram também nossos festejos luzidas representações do Colégio Batista, do Rio, e do Isabela Hendrix, de Belo Horizonte. A fotografia mostra, da esquerda para a direita, os dirigentes das embaixadas do Isabela, Prof. Oscar de Andrade; do Piracicabano, Prof. Afonso Romano, e do Batista, Prof. Soreus, depois de haverem recebido do Prof. Vittorio Bergo as flâmulas comemorativas da aquela festa de confraternização

Dia de Ação de Graças

O "Dia do Senhor", na Semana Granberyense, foi o 4 de Setembro. Nêle se realizou, às 9 horas, no salão Lindenberg, o culto especial de ação de graças pelo 5.º aniversário do Granbery.

A cerimônia, presidida pelo Reitor, foi solene e profundamente espiritual.

Depois das palavras de abertura, o Côro da Igreja Metodista Central, proficientemente dirigido pelo jovem Gerhard Broesigke, terceiranista do colégio, entoou irrepreensivelmente um hino de invocação. O prof. Agenor Andrade, vice-reitor e diretor do colégio, depois dirigiu uma oração de ação de graças, após o que se apresentou o novo Côro Granberyense, constituído de bom número de distintos alunos, sob a orientação esclarecida do professor Francisco Romano. A seguir, o rev. Juvenal Ernesto da Silva procedeu à leitura bíblica em S. Lucas, 12: 38-42 e a congregação entoou o hino número 236. Depois de uma oração em que o prof. Vittorio Bergo agradeceu a Deus as vitórias e até as dificuldades destes 58 anos, que tudo concorre para o bom andamento do trabalho ou para o indispensável

esfôrço de recuperação moral e espiritual, o Côro Granberyense voltou a cantar apresentando outro hino bem ensaiado.

O Reitor apresentou então à assembleia o orador oficial do dia, rev. Juvenal Ernesto da Silva, granberyense da velha guarda, que aqui cursou não só o ginásio, mas também a Faculdade de Teologia, antes de transferir-se esta para São Paulo e foi o primeiro diretor do Departamento de Educação Religiosa em sua nova organização. Falando com carinho desta "casa que o nome nos dá", o rev. Juvenal que é capelão do Exército, servindo no posto de Capitão na 1.ª Região Militar, discorreu sobre "a melhor parte", deixando, portanto, aos granberyenses e aos visitantes uma mensagem rica de ensinamentos espirituais.

Entoadado novo hino pelo Côro da Igreja Metodista, o rev. Juvenal encerrou o culto com uma oração a Deus e impetração da bênção.

A cerimônia, que o nosso reitor classificou como o ponto mais alto das nossas comemorações, porque põe os granberyenses em contacto com o Autor e Preservador da nossa obra e do nosso espírito, deixou a mais grata impressão naqueles que a ela assistiram.

SESSÃO CONJUNTA DOS GRÊMIOS

Os ex-alunos que visitavam o Granbery na semana comemorativa referiam-se às vezes, com saudades, às sessões dos grêmios de que participaram outrora. Para dar-lhes ensejo de "matar saudades" também desse aspecto de sua vida colegial, resolveu-se este ano fazer uma sessão conjunta de nossas organizações literárias, a qual se realizou no salão Lindenberg, no dia 7 de Setembro, com a presença dos professores Vittorio Bergo, reitor; dr. Agenor Andrade, vice-reitor, e sob a presidência do prof. Irineu Guimarães, presidente da Associação dos Granberyenses.

O programa foi variado, dêle participando os seguintes grêmios: Olavo Bilac, da Escola Primária, representado por Heloisa Guimarães (declamação), Marilina Carvalho Gentil (música ao piano), Helimar Colares (declamação) e José Lima (canção de Vicente Celastino, com acompanhamento de violão pelo próprio cantor); Castro Alves, do Ginásio, representado pelo aluno Nelson Siqueira (saudação aos ex-alunos) e ex-aluna Marluce Sucasas (declamação); Erasmo Braga, grêmio litero-religioso, representado pela aluna Marlene Sucasas (declamação); Coelho Neto, pela aluna Naja Nacur (declamação) e aluno S. bastião Marsicano Ribeiro (discurso); Humberto de Campos, do Curso Noturno, pelo aluno Hélio Alves (discurso); Grêmio Musical Granberyense Alberto Nepomuceno, pelos alunos Maria da Glória Valadão, Dinah Mendonça e Fernando Davino (piano) e Edna Labbate (canto acompanhado ao piano pela profa. Iolanda Fellet).

O orador oficial da Associação dos Granberyenses foi o jornalista Dormevilly Nóbrega, que falou sobre a data da Independência Nacional.

Franqueada a palavra, dela se serviram os alunos Atabalipa Andrade, para dizer que a nossa independência não estaria completa enquanto não se fizesse também economicamente, e Carlos André, que se congratulou com a mesa e com os ex-alunos pela seleção da assistência. Pelos ex-alunos visitantes falou o dr. Theotônio Negrão, brilhante advogado nos auditórios de São Paulo, que recapitulou com emoção os dias passados no Granbery.

Falaram ainda o reitor, prof. Vittorio Bergo, sobre o caráter da sessão, e o prof. Irineu Guimarães, presidente, que também evocou dias do seu passado granberyense, encerrando em seguida a sessão.

E' de esperar que se torne também uma tradição das nossas festas comemorativas essa sessão conjunta dos grêmios literários.

E' preciso que a paz reine, para sempre

Em menos de meio século, o mundo já assistiu a duas tremendas carnificinas, cujos efeitos aí estão. Quando se encontra em guerra, o homem pede a paz, quando a paz desce à humanidade, muitos, por ambição e maldade, lançam as sementes das discórdias, porque, nas guerras, encontram fontes criminosas de lucros.

Fazem-se alianças de países, criando blocos separados, de consequências imprevisíveis. Para uma suposta defesa da paz, reclamam-se pontos estratégicos do globo, esquecendo-se os reclamantes de que cada pretensão exagerada e descabida afeta, natural e logicamente, os vizinhos, que, sem perda de tempo, procuram a conquista de outros setores importantes, não só no que se refere à situação geográfica, mas, também, no que diz respeito aos produtos econômicos. Armam-se as diversas nações, clara ou ocultamente, procurando se recuperar umas às outras. Educa-se a juventude, para a morte, para o crime. No campo das ciências, novas descobertas, logo aplicadas ao fabrico de armas. Cria-se um nacionalismo doentio e exagerado, que despreza e sombete as outras pátrias. Menospreza-se o valor da sagrada vida. Desrespeita-se a verdade. Despreza-se o direito. Fala-se em guerras. Resultado: declarações de guerras, para tristeza dos de boa vontade.

Não há necessidade de se ir muito longe, afim de que se verifiquem as malélicas consequências da guerra. Quase todo o mundo é vítima de tão indesejáveis resultados. As lutas trazem a destruição, as doenças, a miséria, o desespero. São ceifadas vidas de jovens, para quem a vida era um desejo ardente. No círculo das famílias, os ausentes deixam a profunda máguia de uma saudade. Alguns têm de enfrentar uma cadeira de rodas, um par de muletas, a tuberculose.

Em honra dos que sofreram o peso da guerra, é preciso que não só se levantem monumentos; pelo contrário: faz-se mistér que os doentes e inválidos recbam hospitais e que as famílias vítimas sejam amparadas, na medida do possível. Isto fala muito mais do que o frio mármore dos monumentos; isto diz muito mais do que discursos e manifestações ócas. Hospitais e assistência moral — eis a necessidade — pois que a guerra não só mutila os corpos: destrói, também, em muitas almas, a calma, a tranquilidade espiritual, o desejo de viver e de ser feliz.

Terão os grandes vultos do passado entregue os frutos de seus esforços ao mundo, afim de que este matasse e destruísse? Os humanos têm empregado o invento de nosso patrício Santos Dumont, apenas, em trabalhos pacíficos? Como se emprega a energia atômica? Vós o sabeis muito bem.

O mundo será melhor e haverá menos odios, quando a ciência se dispuser a combater, unicamente, pelo bem. Já é tempo de se aprender a "edificar reinos criados pelo poder do amor e, não, pelo amor do poder", pois que, fato notório e indiscutível, os reinos estabelecidos pela espada, através da história, pela espada caíram. Onde os exércitos caldeus, os medo-persas? O Império Romano, que, com vontade férrea, dominou o mundo, desapareceu. E Hitler e Mussolini foram vítimas de suas ambições inextinguíveis.

Una-se a ciência, que descobre novas forças da natureza, com a religião, que ensina o "não mateis" — e vereis o resultado!

Amigos, se temos um país imenso, se temos uma pátria bem amada, se temos uma bandeira, se queremos a paz universal, alarguemos, outrossim, para o mundo as vistas de nossa simpatia. Todos somos irmãos, esteja a nossa pátria em que continente estiver. Para que haja a paz, no mundo, torna-se necessário que cada cidadão traga, sinceramente implantado, no intimo, o sentimento de fraternidade, para com os habitantes de todos os outros países. Esta modalidade de amor cristão trar-nos-há a ambicionada compreensão mundial.

As igrejas, às escolas, à imprensa compete o papel de combater, com vigor incansável, o recurso da luta, para a solução dos problemas internacionais. As classes dos escritores, dos jornalistas, aos diplomatas compete o papel da defesa dos tratados de paz. Enfim, a cada um de nós cumpre o dever de sustentar as soluções pacíficas, com o melhor do nosso esforço.

Mais do que morrer, necessita-se de viver, pela nossa terra.

E fique este apêlo: E' preciso que a paz reine, para sempre.

Sebastião Marsicano Ribeiro

J. de Fora, Novembro 47.

DAVID CAMPISTA NO GRANBERY

(Continuação da pág. 8)

res; por outro lado, tipos considerados geralmente como superiores sobrevivem exatamente em virtude das atenuações que sofre nesta ou naquela espécie a concorrência dos indivíduos. Não são raros na natureza casos em que os seres se elevam e melhoram pelo auxílio mútuo e não esmagando-se uns aos outros.

A superioridade e a capacidade são, aliás, coisas relativas. Tudo depende das circunstâncias. "Um lobo", pergunta Le Dantec, "é mais apto do que um cordeiro para a vitória nas lutas da vida? Colocai o lobo em terreno fechado, rico de pastagens: êle morrerá de fome; o cordeiro, pelo contrário, prosperará. E' êste mais apto que o lobo? Não, certamente. Se introduzirmos o lobo no cercado em que está o cordeiro, êste será devorado. Há qualidades reputadas como inferiores e das quais se originam inesperadas vantagens. Assim, em certas ilhas da Oceania, são os insetos desprovidos de asas que sobrevivem, porque estão menos expostos do que os que voam a serem arrastados ao mar pelas violências do vento". Dir-se-ia até que as próprias leis naturais instituem a associação, a cooperação, a fra-

ternidade, como forças impulsoras do progresso. Seleção e auxílio mútuo, "struggle for life" e fraternidade parecem coisas inconciliáveis na vida. Rigorosamente não são. O próprio Darwin, de cujas doutrinas se faz hoje tão larga aplicação à vida social, adverte que na sua teoria não se deve tomar a expressão — luta pela vida — em sentido absoluto e exclusivo. Como exemplos observam os naturalistas que, por vezes, certas espécies destinadas a servirem de alimento a outras, tiram vantagens exatamente desse fato. Se os pacíficos herbívoros, diz Housaye, são mais prósperos que os carnívoros e se multiplicam por milhares — é porque o homem tomou a direção dos rebanhos; lucraram em servi-lo.

Há esporos de cogumelos incapazes de germinar enquanto a sua membrana não for amolecida e digerida pelo estômago dos herbívoros. Os insetos não são os parasitas das flores por isso que lhes roubam o suco? Entretanto são também seus benfeitores por isso que lhes propagam o pólen. A organização de esforços, a socialidade não são fenômenos desconhecidos entre os animais.

Assim mesmo, nos domínios da biologia, a fraternidade não é uma fantasia. Tome-se agora êsse organismo especial que é a sociedade humana e ver-se-á que as leis da natureza não são feitas para condenarem as aspirações democráticas nem o moral da solidariedade.

Apregoam-se as vantagens do individualismo, os seus triunfos em tôdas as manifestações da atividade social; e à força de repetir-se o vocábulo chega-se a dar-lhe significação de um séco egoísmo, a expressão de um antagonismo real entre o indivíduo e a sociedade como se não houvesse possibilidade de uma justa harmonia entre os dois termos.

As fórmulas desse individualismo estreito, do culto intensivo do eu, são fórmulas anti-sociais que não têm apoio e não têm sanção nas leis da natureza. E' entretanto em nome destas que se lhes abre caminho e elas vão constituindo uma prática mental como se realmente a sociedade não fôsse feita senão para o indivíduo forte.

O caso de Nietzsche, apontado geralmente, e talvez sem grande reação, como a personificação do individualismo excessivo, é dado por publicistas como o mal generalizado das gerações atuais. Assim é, observa um crítico, que o arrivismo brutal que anseia pelo sucesso a todo o custo e por todos os meios, o diletantismo estético pronto sempre a sacrificar sentimentos humanitários à beleza de um gesto, o orgulho aristocrático de casta que recusa altivamente às massas populares o direito à cultura e à felicidade, o anarquismo "literário" e a "decaência" moderna — pretendem haurir autoridade nas doutrinas de Nietzsche. Ela divinizou a vontade soberana do homem forte, tanto mais poderoso quanto mais se isola, e elevou como ideal supremo a figura do super-homem, estranha criação que, na frase de um escritor, é um misto de ambicioso e de esteta, de dominador e de artista, poeta e homem de préza desejoso de elevar-se acima das massas para elevar-se acima de si próprio.

E' contra êsses desvios que o solidarismo nos põe em guarda; restitui-nos à terra, liga-nos aos nossos semelhantes e mostra que não fomos feitos para nos fugirmos uns aos outros nem para nos esmagarmos. "O solidarismo nos ajuda a opor às fórmulas aristocráticas, atrofiantes e dissolventes do individualismo democrático, princípio fecundo de união e de ação sociais cuja divisa não será mais "cada um para si", mas "cada um por todos e todos por cada um", e cujo domínio marcaria a vitória definitiva da natureza propriamente humana sobre a natureza animal". Para a realização desse

(Continua na pág. 34)

Instrução e patriotismo

(Discurso pronunciado por Olavo Bilac como paraninfo da turma de bacharéis em ciências e letras do Granbery, em 1909).

Quero antes de tudo agradecer a honra que me deu a vossa admirável casa, escolheu-me para acompanhar, como paraninfo, os bacharelados de 1909, no momento em que eles se despedem do ninho em que se robusteceram para a vida a sua energia e se emplumou para o voo a sua inteligência. Nenhuma outra missão poderia ser mais agradável ao meu espírito, que trago há bastantes anos preocupado com os problemas do ensino. E o meu contentamento é aumentado pela simpatia especial que me inspira o Ginásio Granbery, onde se aplicam com escrupuloso rigor as normas da educação moderna, segundo o critério adotado nos Estados Unidos da América — normas que se podem resumir deste modo: no curso primário, a formação do espírito da criança, sem prejuízo da sua individualidade; no curso secundário, a formação do espírito do homem, dando-lhe equilibradamente a cultura das aptidões imaginativas e o conhecimento da vida prática, e inspirando-lhe sobretudo a confiança em si mesmo, base e ponto de partida de toda a iniciativa individual.

Ainda não há muito, discursando na Universidade de Wisconsin, o sr. Joaquim Nabuco, embaixador do Brasil em Washington, assinalava, como uma das mais valiosas contribuições que ao progresso humano tem dado a grande nação norte-americana, o seu racionalíssimo sistema de educação: "A educação americana (dizia) parece a única que não é inteiramente convencional, que não é uma pura galvanização dos estados de espírito de outras eras, e dos ideais dos homens que alimentam nos livros o cérebro e o coração em vez de os alimentar no espetáculo e nas necessidades do próprio tempo. Somente vós dais ao homem, como o maior dos ensinamentos humanos, a confiança em si mesmo. E, novidade para a humanidade, ensináis a confiança em si não só aos homens como às mulheres. Nunca existiu no mundo mocidade de ambos os sexos com tão sólido preparo para a vida. Vós os mergulhais, desde a infância, em um banho que a ambos dá a força e a elasticidade do aço. E nenhum pai quererá que o espírito de seu filho se assemelhe a um jardim, enquanto o seu coração pareça um rochedo entre as ondas..."

Estas palavras do sr. Joaquim Nabuco são o mais belo louvor que se pode dar ao sistema educativo norte-americano. Essa prodigiosa nação, cujo progresso é um padrão de glória para a espécie humana, foi a que mais cedo compreendeu que a felicidade da comunhão depende antes de tudo da consciência da liberdade individual, e que essa consciência da liberdade e essa confiança nas próprias forças devem ser dadas ao homem logo nos primeiros anos de vida.

Os educadores antigos esqueciam este princípio absoluto: "A criança já é um começo de homem"; esqueciam essa clara e simples verdade, e apenas viam na criança um autômato, ú'a máquina; sufocavam nela a vontade própria, substituindo-a por uma vontade alheia; queriam dar-lhe sensações,

DAVID CAMPISTA NO GRANBERY

(Conclusão)

ideal a educação não terá somente por fim dirigir o desenvolvimento do indivíduo, mas assegurar o progresso regular da sociedade e o aperfeiçoamento da inteira espécie. Indivíduo e coletividade — tais são os dois fatores do problema da educação. No indivíduo, e necessário educar a vontade ao lado da inteligência, arma-la para as lutas do futuro. "Para melhor apoiar os fracos, é preciso que sejam fortes, dizia um orador aos alunos do Lycée Condorcet, em Paris". Temo-nos a coragem de dizer que há duas espécies de solidariedade: a boa e a má, a verdadeira e a falsa. A primeira consiste em fazer o mais que se pode em benefício dos outros. Esta é excelente; praticá-la com todas as forças. A outra consiste em esperar que os outros façam tudo por nós; essa espécie de solidariedade nada vale; desconfiai dela. Contai, antes e acima de tudo, com as vossas próprias forças, com a vossa energia, com a vossa vontade.

Esforçai-vos por saberdes querer.

Educar o indivíduo fazendo-o forte, não para o egoísmo ou para o isolamento, mas para a verdadeira solidariedade, é educar o homem moderno consciente de seus deveres sociais, filhos das idéias e dos sentimentos do seu tempo.

Já alguém, referindo-se ao progresso da mutualidade, notou que a característica dominante nos últimos períodos do século que passou era o de haver sido um século muito humano.

No domínio da ciência realizou espantosos progressos; descobriu o vapor, a electricidade, suprimiu as distâncias.

Quiseram chamá-lo, o século da engenharia, "entretanto", dizia Waldeck Rousseau, "deveriam apelidá-lo século da mutualidade". Herdeiro desse impulso, continuador eficaz dessa evolução, eu creio, diz o orador, que o século atual será principalmente o século do coração.

Não é que venha diminuir a parte da inteligência na obra e nas ações humanas, nem que o progresso da ciência, da indústria e da arte, seja menos intenso do que no século extinto. Pelo contrário, novas e maiores maravilhas já se deixam entrever nesta primeira alvorada do novo século, destinadas a aumentar em proporção cada vez maior o opulento capital que a mentalidade humana acumulou.

Mas é que o amor, a paz e a bondade, penetram cada vez mais nas consciências, purificam os espíritos e elevam os corações. A sociedade moderna já não elimina brutalmente os fracos nem abandona os desventurados; pelo contrário, ampara-os. Vêde por toda a parte os admiráveis progressos da assistência como obrigação social nas suas diversas modalidades.

Ela estende a mão protetora à criatura que a sorte feriu no berço; acompanha-a na vida; socorre-a na enfermidade e dá-lhe arrimo na velhice. Os fracos, os defeituosos, já não são condenados como repelentes parasitas. — "Mens sana in corpore sano" é sem dúvida o ideal. Mas um corpo franzino e doentio pode abrigar o gênio de um Pascal proveitoso à sociedade inteira.

sentimentos, idéias, sem lhe explicar a natureza, a razão de ser, a nobreza, a vantagem do que lhe ensinavam; não lhe sugeriam, mas impunham-lhe opiniões; e desse modo matavam a sua personalidade nascente.

Um professor brasileiro, o sr. Manoel Bonfim, exprimiu bem o que é, em oposição a esse velho e bárbaro sistema educativo, o

(Continua na pág. 35)

A ciência, por seu lado, melhora a sorte dos infelizes, alivia os sofrimentos e rasga um dilatado horizonte de esperanças".

"A tristeza da condição humana", diz Dastre, "é o tema constante das filosofias e das religiões. Sem falar do seu fundamento moral, ela tem um fundamento físico proveniente de quatro causas: a imperfeição física ou desarmonia da natureza, a moléstia, a velhice, a morte. Quanto à moléstia, a velhice, a morte, quiméricas predizer que não é uma esperança a vencerá. A medicina, libertada a ciência contemplativa que conservou durante séculos, iniciou a luta e a vitória se esboça. A moléstia já não é a potência misteriosa a que não era possível escapar! Pasteur deu-lhe um corpo". Quanto à velhice, os modernos estudos científicos deixam entrever, mais ou menos claramente, uma evolução normal da existência que a tornará, mais longa e isenta, pelo menos, da degenerescência senil.

Se agora volvermos o olhar para outros aspectos da existência, para a vida económica, por exemplo, onde mais intensa é a luta e onde o conflito de interesses dá lugar aos mais graves problemas sociais dos nossos dias, veremos que a solidariedade, a co-opeção, cada vez mais larga e triunfante, opera a harmonia, abranda a luta.

"Toda a forma cooperativa", diz um publicista, "é a solução de um conflito. Que é a cooperativa de consumo senão a solução do conflito entre o comprador e o vendedor? Que é a sociedade de crédito senão a supressão do conflito entre o capitalista e o devedor? Que é a sociedade de produção senão a eliminação do conflito entre o patrão e o assalariado?"

E' a solidariedade, a fraternidade que ganharam terreno.

Na vida política é fato que as nações se batem ainda. Mas é incontestável também que a obra da paz universal, a substituição das armas pela justiça internacional, organiza-se com vigor. Esse é aliás o fruto de uma evolução natural que os publicistas assinalam tanto na ordem das relações privadas como no círculo das relações internacionais. Depois da pura vingança: — o direito; depois da desordem — a ordem; depois dos meios violentos — os tribunais.

A arbitragem tende a substituir guerra, já bem se percebem os primeiros alvares dessa manhã benéfica.

Todo esse conjunto de fatos vitoriosos, influenciando sobre a consciência de uma nação jovem e inteligente, diz o orador, educada na democracia e praticando-a com amor, permite-nos predizer o futuro de grandeza e de felicidade para a pátria, futuro de que sois vós, meus jovens amigos, os esforçados obreiros. Que os vossos mestres se compenestrem da vossa e da sua missão. A eles eu direi: interessai os vossos discípulos na vida e no progresso da sua pátria. Mas evitaí apreciações sobre as coisas do dia em que a pequena política se envolve. Não queirais aferir os governos pelo ideal da república, porque as repúblicas ideais são como as estrelas, na frase de Bacon: estão altas de mais para darem luz.

Aos representantes dos diversos cultos, eu pediria com Pievet: formando o homem e o cidadão, tornai mais fácil a união de todos; insisti sobre o que nos aproxima uns dos outros mais do que sobre aquilo que nos separa.

A vós, meus amigos, conclui o orador, que volteis ao lar com o sorriso e a auréola das vossas primeiras vitórias, direi:

Trabalhai sempre. Trabalhai pela verdade, com a fé; pela liberdade, com a ordem; pela solidariedade, com o amor; pela república, com todas as energias do vosso carácter, com os ardores do vosso coração, com a força generosa do vosso braço.

Sóis o futuro. Recebei as simpatias e as homenagens do meu declínio".

Água mole em pedra dura

— Conto —

REGINALDO GUILMARDES

Ronaldo se achava diante do espelho dando os últimos retoques na roupa. O nó da gravata, impecavelmente simétrico, o terno incrivelmente bem passado, não contrastavam com os reluzentes sapatos de verniz ou com o cabelo bem penteado. Ele se preparava para sair como se o fizesse para comparecer a uma solenidade. O telefone havia tocado, e do outro lado do fio uma voz feminina lhe dissera apenas: "Procure encontrar-se comigo a saída do Hospital. Resolvi dar-lhe, hoje mesmo, a resposta que lhe prometera para amanhã".

Assovando alegria, irradiando satisfação, o jovem saiu, batendo a porta atrás de si. Ela se rendera a sua insistência: Radiante, encaminhou-se para a "Gruta de Baco".

Fazia pouco tempo que Ronaldo procurava vestir-se bem. Até então, mais preocupado com os estudos na Faculdade, vestia-se sempre às pressas, pouco se lhe dando parecer com um acadêmico de Medicina ou com um boêmio. Vestia-se apenas porque a sociedade e a polícia não lhe permitiam andar nu. Mas, por que tão repentina transformação? Ronaldo encontrara-se, na Faculdade, com uma nova colega, Marília, que se transferira do sul naquele ano. De uma beleza natural que poucas moças possuem, inteligente, culta e educada, Marília era bem o tipo que qualquer pai desejaria ter por nora. Fora esse o motivo. Ronaldo, que se aproximara aos poucos da jovem, quanto mais a conhecia mais a apreciava. Finalmente, acreditou que melhor se apresentando maiores seriam as possibilidades. E não se enganara...

Abrindo a porta da gruta, correu os olhos pelo interior, encaminhando-se logo para a mesa em torno da qual se reuniam sempre aqueles seis estudantes. A chegada de Ronaldo viera completar os lugares.

Enquanto o novo Dirceu tomava o seu "chopp", Ary observou:

— Reparem como Ronaldo parece alegre. Teria ganhado na loteria?

— Não, mas acabo de receber uma resposta que mais me satisfaz. Encontrar-me-ei hoje, enfim, com Marília...

— Com Marília? parecendo surpresos, perguntam uníssonos.

— Sim. Como vocês sabem, desde que a conheci, mudei muito. Eu já, temia por me formar, pois, desiludido uma vez nos amores, passei a desacreditar na existência de bons sentimentos. Nas aulas de cirurgia eu ficava satisfeito ao ver o paciente sofrer. Tornara-me um sádico; para sufocar meus sentimentos comprazia-me o sofrimento a-

lho. Foi quando Marília entrou na minha vida. Hoje, ao operar alguém, eu o faço por conhecer as vantagens e a necessidade da intervenção. Mas, se outrora eu me aproveitava dessas ocasiões para satisfazer o meu sadismo, hoje procuro ser delicado, supondo sempre que o paciente seria Marília. Disti em falar-lhe e ela me foi esquiva. Aproveitando-me, entretanto, da amizade que já agora nos une, fui-lhe demonstrando, aos poucos, o meu amor. Hoje, não mais recurtindo à lentidão do processo, tornei-me franco e pedi-lhe uma resposta decisiva. Ficou de dá-la amanhã, tendo — e isto é, de todo o caso, o que vocês ainda não sabiam — há pouco me telefonado do hospital, para que eu a fosse buscar.

— Felicitades, Ronaldo, é o que lhe podemos desejar. Façamos, então, um brinde!

— A Ela! — ergueram-se as vozes no brinde clássico daqueles seis amigos.

E a conversa mudou de rumo. Falaram do que teriam para fazer no dia seguinte, de como se haviam saído nos trabalhos do dia, até que, quase às dez horas, Ronaldo pediu permissão para se retirar, porquanto Marília não tardaria a sair do Hospital, onde estava de plantão desde a tarde. E sob a repetição dos votos de êxito trançou a porta.

Em torno daquela mesa, a conversa voltou a focalizar Ronaldo. Quem primeiro tomou a palavra foi Ary, que comentou:

— Vamos espia-lo? Marília não sabe que fizemos esta brincadeira com Ronaldo e será bem provável que lhe dê um magnífico fora. Enquanto que ele espera ser recebido com sorrisos de simpatia e amor...

— Na minha opinião, disse Paulo, convém que o deixemos em paz. Ele que se arrume por lá. Fiquemos aqui, pois, ao receber o contra, ele voltará para nos contar o sucedido. Levaremos, ainda, a vantagem de que não suspeitará de nós, continuando a ser nosso amigo.

— Sim, ficaremos...

Enquanto isso, Ronaldo passeia, inquieto, de um lado para outro, diante do majestoso edifício do Hospital, à espera de Marília. A cada vez que a porta se abre, o coração lhe acelera o pulso. Finalmente é ela! E, à porta, acompanhada de um interno, com quem discutia, surge Marília.

— Se você está pensando que me pode acompanhar, engana-se. Se der mais um passo chamarei por socorro!

Ronaldo, presenciando o fato, indignado com a conduta daquele indivíduo, assoma a escadaria quase de um salto, e lança-se ao seu encontro, derrubando-o com um tremendo soco. Tornara-se desnecessário um segundo. Deitando-o na soleira da porta, comprimiu o botão da campainha retirando-se em companhia de Marília.

E a partir de então, haveria sempre uma cadeira vaga naquela mesa do bar...

O fim da disciplina deve ser a formação de um ser capaz de governar a si mesmo. — Spencer.

INSTRUÇÃO E PATRIOTISMO

(Continuação da pág. 34)

moderno sistema liberal: "é a verdadeira educação, porque é a constituição do caráter, conservando ao indivíduo tudo quanto há de novo, de pessoal e de distinto na sua organização; é o apuro das energias e das aptidões; porque o ciclo educativo deve compreender a transição, natural e gradativa, da condição de proteção infantil à da responsabilidade moral e da liberdade cívica".

Tal é, bem o sei, a educação que nesta casa ministrals. E por isto aceitei, com a maior satisfação, a honra que me quiserdes dar. E permitireis agora que eu me dirija aos discípulos que hoje deixam esta almoxarica do seu espírito, aos filhos de quem vos separais ao mesmo tempo com alegria e pesar — pesar em que já se acentua a saudade, alegria que se mistura de orgulho pela contemplação do resultado obtido.

A eles me dirigirei, e não só a eles, mas de modo geral a todos os brasileiros de sua idade, falando-lhes como quem já está longe da juventude exaltada, mas ainda não se julga perto da velhice desiludida — com uma experiência em que não há rancor pelos desenganos sofridos, nem vaidade pelo bem gozado, mas só tolerância e esperança, respeito religioso do passado, compreensão das cousas do presente, e certeza absoluta no esplendor do futuro do Brasil. E não lhes falarei apenas de questões pedagógicas, de particularidades técnicas do problema do ensino; desejo, aproveitando a propícia atmosfera moral que me cerca, este ambiente de inteligência e cultura em que me acho, dar a esta festa escolar uma significação de solenidade patriótica, — de modo que tudo quanto aqui se diga seja uma homenagem prestada à terra brasileira, a qual hoje mais do que nunca precisa do amor de quantos a habitam, nela nascidos ou por ela acolhidos, irmanados todos pela vontade de servi-la e engrandecê-la.

Meus amigos, saís daqui ainda muito jovens, e melhor fôra que um pouco mais de tempo vivido nesta casa pudesse amadurecer mais largamente em vosso espírito o ensino que vos foi dado: nunca mais achareis na vida a alegria inocente e repousada dos anos que passastes aqui — e muitas vezes tereis saudades deste doce tempo, cheio da serena ventura que só o prazer intelectual do estudo pode conceder às almas bem formadas. Mas no Brasil o corpo e o espírito do homem desenvolvem-se muito cedo; e a velhice chega mais depressa do que no velho mundo. Urge aproveitar a sazão fecunda da mocidade, e a pátria reclama desde já o vosso trabalho e a vossa dedicação.

Não podereis imaginar com que simpatia, com que enternecido sentimento de fraternidade orgulhosa vos saúdo. Felizmente, ainda conservo, no meu outono, o entusiasmo que me alentou na primavera e no estio da vida. Creio ardentemente no valor do trabalho humano, na força criadora da inteligência, no poder infinito da bondade e na grandeza do futuro da nossa nacionalidade; e sinto-me rejuvenescido quando me vejo em contacto amistoso com os moços, adivinhando neles este mesmo entusiasmo que procuro reter em mim como o mais precioso dos bens da existência, e prevendo que eles vão continuar, em melhores condições, e com mais rico aparelho de conhecimentos, o obscuro, mas digno labor que a minha geração procurou realizar. Justamente por isto, como amigo, como irmão vosso, quero pedir a vossa atenção para a forte nobreza e para a responsabilidade grave da tarefa que vos espera.

O fim da educação não é preparar eru-
(Continua na pág. 36)

Perigo das faltas escolares

Leontina Silva Busch

(Copyright da SPES de S. Paulo)

O não comparecimento de uma criança ou adolescente à escola em que se acha matriculada, à primeira vista parece um fato de somenos importância. Para o professor pouco dedicado, e um de menos na classe. Mas para o educador zeloso é motivo de certa preocupação.

Muitos são os motivos que podem determinar a falta às aulas. Alguns deles são justificados pelos pais que se interessam pela vida escolar dos filhos. São faltas motivadas por moléstias passageiras, por motivo de viagem ou de força maior. A justificação de cada falta deve ser feita pelo pai, mãe ou responsável, ao professor ou ao diretor da Escola.

Entretanto, pais há que se obstinam em não justificar faltas, quer por comodidade, quer por desinteresse, julgando ser desnecessário. Enganam-se e correm sério risco de um dia vir a saber que seu filho ou sua filha falta à escola para frequentar cinemas e lugares impróprios.

Na idade adolescente, entre 12 e 15 anos, quando os escolares cursam o 4.º grau primário e as duas primeiras séries ginasiais, o problema das faltas escolares assume aspecto mais delicado. É que nessa idade de transição da meninice para a adolescência, quando a evolução psíquica se caracteriza, não raro, por crises de rebeldia no lar e na escola, o espírito de aventuras, alimentado pelas más sugestões dos romances, das comédias radiofônicas e cinematográficas, torna a criança ou o jovem presa fácil de elementos pervertidos da sociedade, que porfiam em abrir-lhes as portas de uma vida de vícios e perigosas seduções.

Quantas vezes um pai supõe que seu filho ou sua filha está na escola, recebendo lições preciosas para a sua preparação para a vida e, no entanto, o cabulador de aulas se desviou para passeio a lugar e em companhia que o impele à rampa de perigos morais!

Muitos são os casos lamentáveis de desvios de conduta original pela falta de apoio de certos pais à disciplina escolar.

Ainda recentemente conhecemos o caso de uma jovem de 14 anos que frequentava o 4.º grau primário e faltava às aulas, sem que a professora lograsse obter do pai a devida justificação. Um dia ela saiu de casa para ir à escola; nesta não apareceu e não voltou mais para casa, mergulhando seus pais na mais dolorosa aflição.

INSTRUÇÃO E PATRIOTISMO

(Continuação da pág. 35)

ditos frios, nem sábios secos, nem ideólogos impassíveis, indiferentes às lutas sociais; é preparar homens de pensamento e ação, a um tempo compassivos e enérgicos, corajosos e hábeis, capazes de empregar valiosamente em proveito da coletividade todas as forças vivas da sua alma — todo o arsenal de conhecimentos de que os apercebeu o estudo.

Em um país novo como este, onde quase tudo ainda está por fazer, seria absurda e monstruosa a existência de cenobitas do ideal, de anacoretas da ciência, poetas ou filósofos, matemáticos ou artistas, isolados no estudo egoísta, surdos à agitação da existência do comum dos homens, insensíveis às sugestões do meio em que vivem. O Brasil não tem excesso de servidores; ao contrário, é ainda escasso o número dos que podem amá-lo e servi-lo com verdadeira utilidade. Assim, o que vos espera agora não é o gozo moral de estudos calmos, como os que fizestes aqui. Daqui a pouco estareis em plena luta, chamados talvez a resolver problemas sociais da mais séria importância.

Com que armas ides entrar nessa luta? Com os estudos que aqui fizestes, e com o vosso patriotismo.

Não me parece inútil lembrar-vos o valor desses dois elementos de combate e triunfo.

É capital para a vida prática a importância dos estudos ginasiais. Assim como foi ótima a inovação que, na escola primária, libertou o ensino da sobrecarga das subtilidades gramaticais, para de preferência dar à criança noções sucintas do mecanismo geral da vida, — foi providencial, no ensino secundário, a idéia de, com algum prejuízo das chamadas humanidades, abrir mais vasto campo à educação científica.

Não são perfeitos os programas atuais: nada é perfeito no mundo. Mas há neles quanto é mister para apereber o aluno de um bom capital de conhecimentos. Primeiro, o estudo da língua materna, princípio de toda a cultura; todo o homem tem o dever de conhecer bem o seu idioma nacional, não só para poder exprimir com segurança e clareza as suas idéias, mas até para poder pensar; porque o homem pensa com palavras: antes de tê-las achado para uma idéia qualquer a sua fórmula verbal, não podemos contar com ela; sem essa fórmula verbal, a idéia pode ser tudo, menos um cabedal adquirido. De par com o estudo da língua materna, e das línguas estrangeiras de comércio mais usual, veículo indispensável para o intercâmbio das idéias, e para a aquisição de conhecimentos novos. Depois, as matemáticas, sem as quais não há raciocínio possível, nem possível metodologia do estudo; depois, a geografia, que, quando bem ensinada, não é uma fastidiosa nomenclatura, mas uma ciência global, incluindo noções de geologia, de mineralogia, de etnografia,

Nem a polícia pôde descobrir-lhe o paradeiro.

Entre o lar e a escola é mister haver constante comunicação de fatos referentes à educação das crianças, mormente o controle de faltas às aulas. O meio por excelência de os pais acompanharem a conduta escolar de seus filhos é o Boletim Mensal, que deve ser lido, analisado para as devidas observações antes de ser assinado e devolvido à escola.

de economia política; e a história, cuja prática dá ao homem a necessária consciência de ser apenas um dos elos de infinita cadeia de pensamentos e ações, continuando os esforços e prolongando as aspirações que são a própria razão de ser da vida; e o desenho, que familiariza o espírito com as artes plásticas, educa o sentido da vista, e é, como a linguagem articulada, um admirável instrumento de expressão; e as ciências físicas e naturais, sem cuja apreensão não pode haver entendimento do homem, da terra e do universo; e, enfim, coroando o edifício, o grego, o latim, a literatura, que são o último polimento do espírito, — o grego e o latim, como as fontes sagradas de que jorrou o manancial da cultura moderna, e a literatura, manifestação suprema da inteligência humana, cuja história é a própria história da Civilização. Foi bom restringir um pouco o tempo destinado nos ginásios a estes estudos clássicos; mas seria um crime suprimi-los de todo, ou restringi-los demais; porque o próprio nome que ainda hoje se dá comumente a esses estudos — *humanidades, humaniora studia, artes humanitatis* — exprime bem o seu valor, como último e definitivo retoque da educação, derradeiro apuro e primor do adestramento mental.

A educação ginasial é a que mais aproveita, é a que mais contribui para formar o homem; e quase sempre ela sozinha basta para dar ao cidadão todos os recursos mentais que lhe são necessários para viver, pensar, agitar-se e vencer.

Não vos iludais sobre o valor dos estudos que possais fazer depois destes; daqui a pouco, não achareis facilmente, no escasso tempo de vossa vida, muitas horas que possais dedicar à meditação; a rede das necessidades múltiplas da existência vos colherá nas suas malhas apertadas; o trabalho, lei fatal, impor-vos-á sua tirania; e, escravizando a vossa atividade, empolgar-vos-ão deveres civis, deveres profissionais, deveres de família, deveres de sociedade. Que seria de vós, de vosso cérebro, de vossa dignidade de animais pensantes, se daqui não houvésses levado uma boa provisão de idéias gerais e de noções precisas sobre as leis que regem o meio e o vivente, a natureza física e a natureza moral?

Saindo daqui, ireis talvez cursar academias, faculdades superiores; mas aí tereis estudos especiais, aplicações restritas da inteligência a uma área limitada do campo científico — engenharia civil ou militar, ou medicina, ou farmácia, ou jurisprudência; isso apenas dilatará a vossa capacidade para um certo e determinado raio de ação, e não poderá de modo algum suprir qualquer falha que tenha havido em vossa instrução secundária. A cultura geral, a que dá o conhecimento, não perfeito e minucioso, mas claro e suficiente da vida, — essa somente o curso ginasial a pode dar; esta educação é o sedimento indestrutível, o substratum permanente que conservareis no espírito até a velhice e a morte.

Complemento e coroamento da escola primária, o ginásio é verdadeiramente uma fábrica de homens; entra para ele um espírito débil, mal constituído, exposto a todos os perigos que a ignorância gera e mantém; ao cabo de pouco tempo, a nutrição científica e o exercício das faculdades mentais transformam esse esboço de espírito em um ânimo fértil e criador. Até por isto foi feliz a preferência que, no batismo destes institutos de ensino, demos ao vocábulo ginásio, sobre o outro, liceu, usado em outros países. Liceu era um pórtico e passio de Atenas, à margem do Ilissus, onde Aristóteles reunia os seus discípulos; era um lugar de calma, reflexão filosófica, belo mas infecundo retiro adequado às vagas controversias metafísicas dos peripatéticos. Ginásio era outra

(Continua na pág. 37)

Setembro de 1948

O GRANBERYENSE

37

C. C. C.

(Conto Cacete)

BENTO ERNESTO JUNIOR

I

Carolina Cerqueira (Calina costumavam chamar-lhe) crescera conquistando prestígio e consideração.

Comportava-se com critério, como costumavam conduzir-se crianças criadas com certo carinho (criminoso carinho, convém consignar).

Circunspecta, cordata, carinhosa, conversava com correção, criteriosamente.

Como compreendia com celeridade coisas claramente custosas, colocaram-na cursando certo colégio carioca.

Como colegial, continuou Carolina captando considerações. Condiscípulos, criados, camaradas, consagravam-lhe cordial carinho.

Conseguindo concluir completamente certos cursos, convinha colocar-se. Como costurasse corretamente, contratou-se como costureira com Carlota Cardoso, costureira campanhense.

Carlos Carneiro, comerciante carioca, costumando correr certas cidades centrais, comprando café, conheceu Campanha, conceituado centro cafeeiro.

Contratando certas costuras com Carlota, conversou casualmente com Carolina, cuja candura completamente cativara-o.

Começou cortejando-a com certo comediamento. Continuou — como crescem as conveniências — consagrando-lhe carinhosa consideração. Concluiu, confessando-se completamente caído.

Como Carolina correspondesse, contrataram casamento.

Concluiu Carlos certas comissões começadas, celebrá-lo-iam.

Carlos continuou correndo cidades. Carolina, como costumava conviver com Carlos, chorou copiosamente.

II

Cândido Cabral, cometa, conhecendo Carolina, cometeu criminoso cometimento. Conquistá-la-ia.

Claro, cabelos castanhos, conduzindo "cotillons" com certo "chic", cavalgando corajosamente cavalos chucros, "causer" cativante, conceituado cantor, com certeza calcaria concorrentes contrários.

Conseguindo conversar com Carolina, conheceu como calculara cegamente. Carlos — cruel caiporismo! — cativara Carolina completamente!

Colossal ciúme causticava-o cruelmente. Conquistá-la-ia custasse como custasse, combinava consigo. Conservava-se, contudo, calado, com calculada calma, continuando começadas canalhices. Como consequência, conversou com Carolina coisas custosamente críveis contra Carlos.

Carlos — conforme contava Cândido Cabral — combinado com comerciantes contrabandistas, conseguira conquistar capitais consideráveis, conduzindo clandestinamente, como cativos, crioulos congos comprados com continhas coloridas, cordões, cruzinhas, casquilharias etc.

Como corsário, comandara corvetas carregadas com contrabandos. Capitaneando certa companhia, consumou contra camaradas crimes crudelíssimos. Castigava-os constantemente com chicotadas. Como certos elamasse contra crueldades cometidas, Carlos cruciou-os, crivando-lhes compridos cravos.

Cândido caluniava Carlos, Carolina com-

prendera-o claramente. Contudo, chorava, conservando-se calada. Como Cândido continuasse com certas conversas comprometedoras contra Carlos, conservou-se completamente concentrada.

Contrariado, Cândido contava, contudo, convencê-la.

Convencê-la-ei, conjeturava consigo. Conquistá-la-ei, com certeza, concluía clinicamente.

III

Carlos chegara. Concluíra certos contratos, constituindo, com considerável capital, cinco casas comissárias, contando como consócios consituados comerciantes cariocas, cuja correção cabalmente conhecia, conseguindo, conseqüentemente, considerável crédito comercial, como cordialmente cobigava.

Como Carlos chegava contente! Considerava Campanha como Canaã caríssima, concedendo-lhe consolações, compensando custosíssimas contrariedades.

Carinhosas coisas — compreende-se — Carolina conversou com Carlos.

Contando-lhe como Cândido Cabral cumulara-o com culpas colossais, Carlos, corando, clamou com cólera custosamente contida:

— Caluniador!

— Creio, continuou Carolina, contendo-o com carinho, Cândido contava comprometer-te comigo. Conhecendo-te, como conheço, consagrando-te cordialíssima consideração, como crer-te culpado?

Conhecendo Cândido como caráter corrupto, comportar-me-ia censuravelmente, caso concedesse-lhe crédito. Calúnias, concluí comigo. Corramos, Carlos, contra certas contrariedades cerrada cortina. Conseguiste colocações como cobigavas. Casemo-nos.

— Cobrir com cerrada cortina caluniadores canalhas como Cândido Cabral? clamou Carlos com calor. Casar-nos-emos com celeridade, creia, caríssima Carolina. Contudo, Cândido carece conhecer como costume comportar-me com caluniadores, continuou Carlos com cólera crescente. Cruzando-se comigo, castigá-lo-ei como convém!

Coincidentemente, Cândido chegava, cumprimentando-os com clínica cortesia. Cavalgava cavalinho castanho, cauda curta, cortada com cuidado. "Corisco", chamavam-no.

Carlos, célere, correu contra Cândido, clamando:

— Canalha!...

Contendo o "Corisco", contundia Cândido com cachações certelros.

Cândido conduzia consigo custoso chicotinho, com cabo cinzelado. Carlos, conseguindo colhê-lo, cortava Cândido com contínuas chicotadas.

Curiosos chegavam, cercando-os.

Como Carlos continuasse castigando Cândido Cabral, Carolina, compadecida, conteve-o.

"Corisco", co'ação cessada, correu carregando Cândido consigo.

IV

Carlos casou-se com Carolina, comparecendo crescidíssima concorrência.

Cândido, curtindo causticantes ciúmes, carimbado — canalha — com cortantes chicotadas, cortou completamente comunicações com Campanha.

Constantemente — contam-nos — clamava compungidamente, chorando:

— Céus cruéis!... Como contrariais castelos construídos com carinhoso cuidado!... Contudo, com costumado cinismo, chalaceava:

— Chicote cuera!... Cortava como canivete!...

Não há exemplos de povos que chegassem à civilização sem disciplina, sem respeito às leis e sem moral. — Gustavo Le Bon.

Faze as pequenas cousas como se fossem grandes e chegarás a fazer as grandes cousas como se fossem pequenas. — XXX.

INSTRUÇÃO E PATRIOTISMO

cousa; consagrado aos exercícios corporais, a luta, ao pugilato, ao tiro, ao jogo do dardo e do disco, às corridas, ele era ao mesmo tempo uma escola de filosofia e literatura, promovendo igualmente, como os ginásios modernos, a formação do corpo e da alma. Assim, a denominação é justa e precisa; porque, que vem a ser a educação espiritual senão a ginástica do espírito? a faculdade de pensar, o raciocínio, o livre arbítrio, a coragem, o patriotismo, a aptidão para tomar em qualquer momento uma decisão pronta e eficaz, a justeza do discernimento, o ânimo crítico, o sentimento estético, exercitam-se, educam-se, desenvolvem-se, apuram-se, por um processo análogo ao dos exercícios corporais.

Prezai com todo o carinho o dote intelectual que vos deu o Ginásio Granbery. Um só exemplo me bastará para mostrar-vos o quanto pode produzir esta educação, quando recebida e assimilada por um cérebro forte. Um exemplo só, mas radiante: Camões. Certamente, sempre que manuseastes "Os Lusíadas", admirastes a maravilhosa erudição que esse poema revela. Toda a ciência do tempo está condensada naquelas oitavas magníficas: há ali geografia, astronomia, meteorologia, oceanografia, história universal, mitologia clássica, literaturas antigas, poesia culta e popular, antiga e contemporânea da Grécia, da Itália e da Espanha, e conhecimento profundo do grego e do latim. Considerando esse riquíssimo arsenal de conhecimentos, é justo o nosso espanto, porque sabemos que, dos 19 anos de idade até a morte, a existência do grande épico foi um doloroso torvelim de aventuras, de viagens, de combates, de naufrágios, de exílios, de prisões, de amofinações e desgostos de toda a espécie. Com uma vida assim é incompatível o estudo... Onde, pois, conseguiu Luís de Camões adquirir a variada e esplêndida sabedoria com que nos deslumbra? Em Coimbra, de 1537 a 1542, em cinco anos apenas de metódica e aturada disciplina mental. A educação que em Coimbra então se ministrava, no chamado Curso de Artes e Humanidades, colégio anexo à Universidade, era na essência, descontadas as inevitáveis divergências dos programas, idêntica à que ora se dá nos nossos ginásios. Ensinavam-se ali o grego, o latim, a gramática, a geografia, a história, a dialética; Camões estudou tudo isso, e o título de "bacharel latino" que lhe deu André Falcão de Resende indica que o poeta completou o curso colegial, chegando a obter o grau que então se chamava de "licenciado em artes e letras humanas". Depois disso, é natural que Camões, entre uma e outra das suas viagens e aventuras, no exílio e na prisão, tenha lido Homero, Xenofonte, Virgílio, Ovídio, Lucano, Plutarco, Cícero, Aulo Gélio, Ptolomeu, e as Antologias. Mas como poderia ele ter lido e assimilado todos esses autores, se o curso colegial não lhe houvesse afeiçoado o espírito para a compreensão das línguas antigas e para o manejo proveitoso dos códices e mapas?

Basta este exemplo para vos mostrar a virtude, a força, a utilidade da arma poderosa que adquiristes com a aquisição do ensino secundário. Lembrai-vos sempre desta casa. Lá fora o vosso espírito vai dar as suas flores e os seus frutos; mas aqui hauriu ele a seiva que lhe alimentou as raízes e o tronco; aqui desabrocharam ao sol as suas primeiras folhagens; e é justo que, transplantado daqui, ele se lembre, na época da florescência e da frutificação, com

(Continua na pág. 38)

(Continuação da pág. 37)

saudoso carinho, do solo que lhe deu vida e energia...

Disse-vos, porém, que a outra arma de que dispões para a luta, o outro elemento de grande apoio que daqui levaís para o serviço do país, é o vosso patriotismo.

Falemos um pouco do patriotismo, e procuremos defini-lo com precisão porque não na talvez sentimento que, como esse, possa ser deturpado por uma falsa compreensão da ideia ou do vocábulo.

Ha um patriotismo mal pensado, que pode ser tunceto a pátria e ao patriota; e des-se deveis afastar-vos, como de uma perniciosa imitação que serve apenas para prejudicar a beleza e a majestade do original viciado por ela.

Reino-me a um falso patriotismo, a que darei o nome preciso de "megalomania patriótica", perigosa exacerbação do orgulho nacional, de onde derivam o nativismo ilógico, o estreito espírito de bairrismo, a irracional ma vontade preconcebida contra os limites de outras pátrias a criação de monstruosas fronteiras morais entre os povos.

Desse falso patriotismo, o mais frequente sintoma é a valdade condenável com que alguns dizemos habitualmente: "Este país é o mais rico do mundo!"; — como se, em primeiro lugar, a riqueza natural bastasse para dar invejável glória a um país, e como se, além disso, a experiência nos não estivesse mostrando claramente a inanidade absoluta de tal orgulho! A consideração exagerada do próprio mérito já é, em um homem, um grave defeito, porque quem se ilude, admitindo a própria perfeição, é incapaz de progredir; e que dizer desse defeito, quando ele aparece já não em um homem, mas em todo um país, que ainda se está formando, que ainda está ensalando os passos para a glória que o espera? A fatuidade é um vício de espíritos fúteis, — e chega a ser um crime o querer ensiná-la a toda uma nação. Para louvar o Brasil, para amá-lo como ele quer ser amado, não é mister exagerar-lhe o crédito e o valor moral; mais dignamente o amaremos e louvaremos, reconhecendo quanto lhe falece ainda em população, em trabalho, em instrução, e verificando ao mesmo tempo a importância do trabalho já realizado.

Estudando bem as condições políticas e económicas da nossa pátria, vereis, meus jovens amigos, que os homens da vossa geração vão receber um honrosíssimo, porém onerosíssimo legado. As nossas apregoadas riquezas fazem escondidas quase todas no solo escuro da terra; existem, mas é como se não existissem, porque ninguém as vê, ninguém as aproveita, ninguém as vai arrancar dos velos recônditos em que dormem. E' verdade que se anima o litoral do Brasil, e vibra, e rebrilha, e tumultúa, à luz e à agitação da civilização e do trabalho. Mas quase toda a extensão do interior é ainda um deserto e um mistério: selvas de virgindade bruta, sertões de secular braveza, rios imensos cujas águas rolam, familiares somente às feras e ignoradas da navegação; montes, planuras; desvãos, clareiras, mata-gals, de uberidade espantosa, mas tão despovoados, tão tristes, tão mortos como as solidões sinistras do Tibet ou dos polos; — todo um mundo a desembrutecer, a animar, a cultivar, a aproveitar, — todo um mundo que espera a ousadia de novos bandeirantes. Mas, ainda fora dessas zonas agrestes e inexploradas, vêde a pobreza dos outros sertões já um pouco povoados, mas ainda entregues a rude miséria: uma pobre lavoura que as sécas destroem periódicamente, rebanhos mofinos que a sede e a mingua dos pastos dizimam; cidades, outrora florescentes, que se amortalmam no olvido e no silêncio; a falta das indústrias, pela falta dos capitais; e o pouco trabalho, que ainda há, tornado improdutivo pela escassez das comu-

nicacões, e pelo atraso dos processos de exploração...

Ainda se a gente do litoral fosse toda ela feita e instruída! Instruída, principalmente, porque não há felicidade possível quando não há instrução! Mas ouvi-me, e medita! as últimas estatísticas, dando ao Brasil uma população total de vinte milhões e duzentas e quinze mil almas, demonstram que, em toda a extensão do país, todos os estabelecimentos de ensino, incluindo o ensino público e o particular, o civil e o militar, o primário, o profissional, o normal, o secundário, o superior, tinham em 1907, ano em que se operou o censo, a matrícula de 624.064 alunos; e isto quer dizer que a pouco mais de dois e meio por cento da população é ministrado o favor do ensino... Mas não é tudo: se estudásseis o orçamento votado pelas câmaras para a despesa federal em um dos últimos anos, observaríeis a insignificância das verbas dadas a instrução: no cálculo das despesas orçadas para esse ano, no valor de quase quatrocentos mil contos de réis, apenas três mil e duzentos contos eram destinados a tudo quanto se refere à vida intelectual no Brasil: ensino, bibliotecas, museus... Pensareis talvez que esta consideração nada prova, porque, além do ensino custeado pela União, há o que corre por conta dos Estados e dos municípios; mas examinai o orçamento total da República: vereis que a despesa global da União, dos Estados e dos municípios é de mais de setecentos mil contos por ano; e dessa formidável soma somente são empregados, ao todo, na difusão do ensino, vinte e oito mil contos...

Não é preciso insistir na gravidade de tal situação moral. Principalmente no que se refere à instrução primária, é urgente, é inadivável que se dilate a ação do poder público. A instrução primária é a célula-mãe da organização social. Só por meio da sua difusão é que poderemos evitar a morte da nossa nacionalidade; porque só a instrução primária pode conservar e expandir no país o uso da língua que os nossos avós nos legaram, — e o que constitui a nacionalidade é propriamente a língua nacional. A pátria não é a raça, não é o meio, não é o conjunto dos aparelhos económicos e políticos: é o idioma criado ou herdado pelo povo. Um povo só começa a perder a sua independência, a sua dignidade, a sua existência autónoma, quando começa a perder o amor do idioma natal.

A morte de uma nação começa sempre pelo apodrecimento de sua língua. Ainda hoje notareis que, para manter e consolidar a conquista de países subjugados, a primeira cousa que procuram fazer as nações fortes é impedir nas escolas desses países o estudo da língua materna. E' o que se está fazendo na Polónia: para matar no espirito infantil o sentimento do patriotismo, os conquistadores comprimem, sufocam, destroem a língua ancestral, porque da morte desta resulta a morte de todas as tradições, de todas as venerações históricas, de todas as lendas heróicas, que constituem a essência, a força, a forma, o passado, o presente e o futuro da Pátria. Ora, sabeis que o futuro do Brasil depende da importação de homens estranhos ao país, que venham amá-lo e servi-lo. Todas as sobras, toda a pletoira da população da Europa, todos os homens sem trabalho e sem ventura, que se acogulam no âmbito já escasso do velho mundo, podem achar aqui espaço e felicidade. Mas cada uma dessas levas de imigrantes traz consigo, como a mais preciosa bagagem, a sua língua natal. Trazendo-a, é como se trouxesse os seus penates, os seus deuses lares, porque traz com ela os versos dos seus poetas, as suas expressões de carinho ou de ira, a letra das suas canções populares, o seu folclore que é o repositório do seu lirismo e da sua saudade, e o amor do céu,

da terra, das águas, da família, da religião, da história... Assim, os idiomas estranhos tendem a fixar-se, a desenvolver-se, a prosperar no solo da nossa terra. Que será do nosso idioma, se o não protegermos, na luta desigual? Para salvar da morte a nativa linguagem portuguesa, que transportada para o novo mundo ganhou novo esplendor e suavidade nova, não basta que os artistas da palavra continuem a tratá-la e aprimorá-la. Que valem escritores sem leitores? Que vale literatura sem público? Para este tremendo problema da difusão do ensino primário chamo a vossa atenção e a de todos os moços deste país. Ainda quando o Brasil estiver todo povoado, cortado em todas as direções pelas estradas de ferro, e com todas as suas riquezas naturais conhecidas e exploradas, — o seu progresso não será real enquanto toda a sua população não for instruída.

Todas estas considerações, meus jovens amigos, são apenas um aviso à vossa inexperiência. Não deveis estrear na vida com a funesta ilusão de ser este o mais forte, o mais rico, o mais próspero país da terra. Talvez seja ainda ilícito, nas escolas primárias, alimentar o espirito das crianças com alguma animadora, mas não excessiva ilusão: nos primeiros anos da vida o espirito humano é extremamente sensível às sugestões do entusiasmo ou do desânimo — e é preferível que nele se excite o primeiro destes sentimentos. Mas a educação que adquiristes nesta casa já vos deu a solidez de critério e a robustez de coragem bastantes para que possais encarar a vida em face, — nua, positiva, real, sem véus que atenuem a beleza ou a fealdade. Encetais uma tarefa que vos é imposta pela pátria: é bom que conheçais, em toda a sua extensão, e em toda a sua importância, o trabalho e o sacrificio que se pedem à vossa inteligência e ao vosso patriotismo.

E não há motivo para desgosto na verificação das falhas que ainda existem na organização social do Brasil. O que foi feito nestes dez anos já é considerável; e a continuação do progresso depende de vós, da geração que se está preparando e instruindo para o labor. Nem pode haver entusiasmo onde não há a consciência dos trabalhos a vencer. Para estimular a vossa energia e a vossa confiança é que procuro mostrar-vos a verdade.

Porque, meus amigos, se é imprescindível que nos libertemos desta pouco decente bazófia, que a alguns de nós transforma em faquires, mergulhados em mórbida autolatéria patriótica, não é menos necessário que evitemos o excesso contrário: o da indiferença e do desânimo. Não nos deixemos possuir de orgulhos vãos, mas também não nos deixemos invadir dessa desmoralizadora enfermidade do pessimismo, a que Carlyle deu a perfeita classificação nosológica de "paralisia moral". O pessimismo, "atrofia crônica da alma", é um criador de títeres, quando não de escravos. Da abolição da vontade de crer, de esperar e de admirar, nasce fatalmente a renúncia de toda a liberdade; crer, esperar, admirar, são atos criadores, que afirmam o livre arbitrio, a independência espiritual, a capacidade para a ação. O homem, que se recusa a intervir, como agente, na direção das cousas humanas, comete um crime de lesa humanidade. A generalização dessa renúncia seria o regresso à situação primitiva da espécie, à passiva resignação diante da absurda e monstruosa divindade mitológica do Destino, cega e inexorável, contra a qual, há vinte e três séculos, o gênio de Esquilo lançou o grito sublime e supremo do seu "Prometeu encadeado".

No orgulho exagerado, com que alguns dizemos que este país é o mais rico da terra, ha ainda um sentimento nobre, que só é condenável pelo seu excesso; mas na desani-